

ANAIS DO SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019

Auditório 29 de abril

Bloco I-12-Educação -

UEM

Financiamento

Fundação Araucária – Governo Estadual

Programa de Pós-Graduação em Educação Física UEM-UEL/CAPEES

Departamento de Educação Física – DEF/UEM



PÓS-GRADUAÇÃO
Stricto Sensu
UEM EDUCAÇÃO FÍSICA UEL



**SIMPÓSIO ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO
FÍSICA: 15 ANOS DE PESQUISA EM CORPO,
CULTURA E LUDICIDADE**

Local: Universidade Estadual de Maringá – UEM

Maringá – PR – Brasil

Dias: 17, 18 e 19 de outubro de 2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Simpósio Estudos Culturais na Educação Física (1. :
2019 out. 17-19 : Maringá,PR)

S612a Anais do 1º Simpósio Estudos culturais na Educação Física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade / organizadoras Larissa Michelle Lara, Vânia de Fátima Matias de Souza, Beatriz Ruffo Lopes. - Maringá, PR: GPCCL-DEF/UEM/CNPq, 2019.

156 p.: il.

Disponível em: www.def.uem.br/gpccl

1. Educação física - Congresso. 2. Cultura - Congresso. 3. Corpo - Congresso. 4. Lazer - Congresso. 5. Saúde - Congresso. 6. Processos pedagógicos - Congresso. I. Lara, Larissa Michelle, org. II. Souza, Vânia de Fátima Matias de, org. III. Lopes, Beatriz Ruffo, org. IV. Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL). V. Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Educação Física. VI. Título.

CDD 23.ed. 796

ANAIS DO SIMPÓSIO ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

ORGANIZADORAS

Larissa Michelle Lara

Vânia de Fátima Matias de Souza

Beatriz Ruffo Lopes

Realização

Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade
GPCCL – DEF/UEM/CNPq



Apoio

Universidade Estadual de Maringá – UEM

Editora da Universidade Estadual de Maringá –
Eduem



Comissão Organizadora

Coordenação Geral

Profa. Dra. Larissa Michelle Lara

Coordenação

Profa. Dra. Vânia de Fátima Matias de Sousa

Profa. Ms. Beatriz Ruffo Lopes

Organização

Antonio Carlos Monteiro de Miranda

Ariane Boaventura da Silva Sá

Beatriz Ruffo Lopes

Cynthia Vanessa Constantin Tribulato

Eliane Regina Crestani Tortola

Ellen Grace Pinheiro

Flavia Sandoli

João Paulo Marques

João Paulo dos Passos Santos

Larissa Michelle Lara

Vânia Fátima Matias de Souza

Vitor Hugo Marani

Reginaldo Calado de Lima

Identidade Visual

Beatriz Ruffo Lopes

João Paulo Marques

Reginaldo Calado de Lima

Website

Beatriz Ruffo Lopes

João Paulo Marques

Reginaldo Calado de Lima

Ricardo Giovanini

Apresentação

O Simpósio **Estudos Culturais na Educação Física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade** constitui-se como espaço acadêmico de reflexão e vivências acerca do corpo (étnico, estético, ético, lúdico, mercantilizado, controlado, opressivo e opressor), em suas dimensões culturais e histórico-sociais, de modo a oportunizar diferentes experiências formativas a estudantes de graduação, pós-graduação e docentes da educação básica. Ao mesmo tempo, o referido evento celebra os 15 anos de existência do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL), o qual tem contribuído com a formação de inúmeros discentes (da graduação e da pós-graduação), além de materializar-se como ponto de articulação entre docentes e discentes do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (DEF/UEM) e do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL como forma de desenvolver, qualificar e difundir o conhecimento produzido.

Ao se concretizar em tempos de adversidades, o Simpósio **Estudos Culturais na Educação Física** demarca a importância das lutas dos servidores (professores e técnicos) e alunos dessa instituição em prol dos direitos trabalhistas, estudantis, bem como em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade. O Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade que organiza esse evento destaca o seu compromisso com a liberdade de expressão, com o acesso democrático e de qualidade ao ensino, à pesquisa, à extensão e à gestão. Ao fazê-lo, reitera o seu apoio a toda ação, mobilização e engajamento coletivo nessa direção.

Ao delimitarmos o tema Estudos Culturais na Educação Física, referimo-nos às problemáticas acerca de diferentes estudos que tomam a cultura como objeto ou como interlocutora em reflexões acerca do corpo, da saúde, dos processos pedagógicos, das práticas corporais, das questões epistemológicas, do lazer, das políticas públicas, das comunidades quilombolas/indígenas, entre outros. Ao mesmo tempo, o tema do evento remete ao consagrado campo investigativo denominado Estudos Culturais, surgido no contexto inglês do pós-guerra e, de forma sistematizada, por meio da criação do *Centre for Contemporary Cultural Studies* – CCCS, na Universidade de Birmingham, em

1964. Os Estudos Culturais, especialmente o britânico e seus desdobramentos norte-americano e latino-americano, têm influenciado a educação física brasileira e, de modo especial, nosso grupo de pesquisa.

De modo específico, o Corpo, Cultura e Ludicidade tem investigado o Physical Cultural Studies (PCS), campo de estudos que tem sua origem associada aos Estudos Culturais, com recorte específico para a investigação do corpo na cultura física, considerando a diversidade de gênero, classe, sexualidade, deficiência, etnia, raça, identidade, em contextos diversos (políticos, econômicos, educacionais, sociais) e nas suas relações de poder. Dito de outro modo, o PCS busca estudar o corpo no diálogo com a cultura física a partir da compreensão contextualizada das práticas corpóreas, dos discursos e das subjetividades por meio do entendimento de como os corpos (in)ativos se organizam, representam e experienciam relações de poder social. É por esse caminho que o Grupo de Pesquisa tem se conduzido atualmente, ampliando suas experiências de pesquisa e intercâmbio com universidades no exterior, como a Universidade de Bath (UK) e a Universidade de Maryland (USA).

O campo de estudos PCS contribui para o fortalecimento das chamadas subáreas sociocultural e pedagógica da educação física brasileira, que são aquelas que fazem a interlocução com as Ciências Humanas. Tal diálogo é essencial, haja vista o predomínio, nos âmbitos da graduação e da pós-graduação em educação física, da chamada subárea biodinâmica, a qual se constitui, prioritariamente, pela relação com as Ciências da Saúde e as Ciências Biológicas. Assim, é essencial fortalecermos uma educação física que dialogue com as humanidades e que reconheça seu papel fundante a uma formação humanística qualificada, sobretudo em tempos de discursos governamentais que tentam desqualificar o papel e a importância do ensino, da pesquisa e da extensão nas ciências humanas.

Esse evento foi gestado como uma dessas possibilidades de estar junto e de pensar criticamente questões que nos são bastante caras. Os Anais são estruturados com resumos expandidos das ações desenvolvidas por professores(as) e estudantes (graduação e pós-graduação) durante o simpósio e constituem parte significativa da memória dos 15 anos do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade. Os resumos que integram os Anais do Simpósio são provenientes de mesas-redondas, oficinas e painel do Grupo de Pesquisa

Corpo, Cultura e Ludicidade. As mesas discutem o corpo, a cultura e a ludicidade sempre em relação: com as questões contemporâneas e os desafios educacionais; com o direito ao lazer, ao corpo e à arte; com a luta por reconhecimento; com as ações necessárias em tempos de adversidades. As oficinas estruturam-se a partir de um campo teórico prático que valoriza a experiência do corpo: na capoeira, nas danças étnico-raciais, nas artes circenses, nas manifestações gímnicas, na pedagogia de jogos e brinquedos críticos, na musicalidade e no discurso. O Painel do GPCCL, os vídeos construídos, as apresentações artístico-culturais com temas como: assédio, depressão e relações étnico-raciais reforçam e democratizam nossas experiências e nosso compromisso com a pesquisa, com o ensino e com a extensão, de forma engajada, crítica, lúdica e poética.

Aproveito esse espaço para AGRADECER imensamente a todos(as) os(as) que contribuíram com o simpósio e enviaram seus textos como parte da memória desse evento, mesmo em condições adversas que afetam nosso cotidiano e nossa profissão. Agradeço aos(às) professores(as) do DEF/UEM que integraram o grupo e me auxiliaram(am) no trabalho de coordenação ao longo desses anos. Agradeço aos alunos dos cursos de Ciências Sociais, Letras e, notadamente, Educação Física, que contribuíram, de diferentes formas, para construir a história do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade. Agradeço à Universidade Estadual de Maringá, notadamente, ao Departamento de Educação Física, pela preciosa colaboração à consecução desse simpósio. Agradeço aos(às) professores(as)/pesquisadores(as) que integraram essa programação e que cederam prontamente parte de seu tempo para qualificar pessoas. Agradeço aos participantes do simpósio e aos demais convidados, por tornarem possível esse espaço de formação. Por fim, de modo muito especial, agradeço a cada integrante do GPCCL pelas horas dedicadas à organização do evento, pelo cuidado nos detalhes e por fazerem a diferença ao longo desses 15 anos.

Larissa Lara

Coordenadora Geral do Simpósio
Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade
GPCCL/DEF/UEM/CNPq

SUMÁRIO

Apresentação.....	09
1 Lazer e corpo como direito: (in)visibilidade do sujeito e a luta por reconhecimento.....	14
Paulo José Cabral Lacerda	
2 Linguagem e práticas corporais na educação física: questões epistemológicas e políticas para os estudos sobre o corpo.....	21
Carlos Herold Junior	
3 Crianças e adolescentes: corpo, cultura e ludicidade.....	28
Verônica Regina Müller	
4 O (re)conhecimento do corpo nos estudos culturais físicos: a pesquisa (in)corporada como meio para a visibilidade social.....	35
Vitor Hugo Marani	
5 As apropriações neoliberais do corpo da diversidade cultural	43
Luane Maciel Freire	
6 Dos territórios urbanos aos indígenas no Paraná: elementos para o desenvolvimento de políticas de esporte e lazer.....	51
Giuliano Gomes de Assis Pimentel	
7 Pesquisa e ensino em corpo, cultura e ludicidade em tempos de adversidades.....	59
Larissa Michelle Lara	
8 Corpos em cena: na pesquisa, no ensino e na extensão.....	67
Antonio Carlos Monteiro de Miranda	
9 A construção da identidade do futuro professor: dos cantos e encantos da formação inicial	76
Vânia de Fátima Matias de Souza	
10 A análise pedagógica de jogos e brinquedos críticos	84
Rogério Massarotto de Oliveira	
11 O ensino da capoeira nas aulas de educação física escolar.....	92
Reginaldo Calado de Lima	

12 A relação corpo, musicalidade e discurso nas práticas dançantes.....	100
Eliane Regina Crestani Tortola	
13 Corpo e diversidade cultural nas danças étnico-raciais.....	108
Gislaine Gonçalves e Thaís Godoi de Souza	
14 A ginástica como um saber necessário para a educação física escolar.....	116
Ieda Parra Barbosa Rinaldi e Ademir Faria Pires	
15 Experiências do corpo nos estudos culturais e saberes formativos na educação física: subjetivação, institucionalização, saúde e disciplina.....	125
João Paulo Marques	
16 Physical Cultural Studies: reflexões acerca da produção de conhecimento em mídia esportiva.....	134
Ariane Boaventura da Silva Sá	
17 Debates sobre cultura e processo formativo: experiências como integrante de grupo de pesquisa.....	141
Beatriz Ruffo Lopes	
18 Relato de experiências no Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade.....	150
Ellen Grace Pinheiro	

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

**LAZER E CORPO COMO DIREITO: (IN)VISIBILIDADE DO SUJEITO E
A LUTA POR RECONHECIMENTO**

Paulo José Cabral Lacerda, Universidade Federal de Goiás (UFG),

pjclacerda@ufg.br

RESUMO

Esse texto é a síntese da fala na abertura do Simpósio de Estudos Culturais na Educação Física realizada em Maringá em comemoração aos 15 anos de pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade. A proposta foi problematizar o lazer e o corpo como direito, ressaltando a luta por reconhecimento social em seu processo de (in)visibilização. O referencial adotado para essa incursão foi Axel Honneth com suporte de Le Breton. Parte-se do entendimento que o direito ao lazer e ao “corpo” são representantes da resistência e da caminhada para o acesso democrático para as diferentes práticas corporais, o que inclui o respeito à diversidade como um dos aspectos essenciais do reconhecimento. Ao mesmo tempo, problematiza como tais esferas são negociadas nas lutas por visibilidade social, o que nos leva a pensar no papel que ocupam os diferentes atores sociais envolvidos nesse processo (sujeitos, sociedade civil, Estado).

PALAVRAS-CHAVE: Reconhecimento Social; Liberdade; lazer.

INTRODUÇÃO

A proposta deste texto é de dialogar com a teoria do reconhecimento social de Honneth com a perspectiva do lazer como direito social mediante a dinâmica contemporânea daquilo que Le Breton adverte para o desaparecimento de si mesmo. Para efeito de entendimento de parte da teoria do reconhecimento social, ainda que nos limites desse texto, chamamos atenção para os seguintes conceitos chave: 1) (in)visibilidade; 2) as dimensões do reconhecimento social; 3) a luta por reconhecimento; 4) liberdade.

A (in)visibilidade, colocado por nós entre parênteses ao que se lê na forma de Honneth como invisibilidade é compreendido “[...] como o negativo da noção de reconhecimento, a qual serve mais uma vez para dar conta do enfoque proposto na luta por reconhecimento”. Honneth (2011;31), ou seja, invisíveis os processos

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

envolvendo a negação do reconhecimento, que são os maus tratos/violação, privação de direitos/exclusão ou degradação/ofensa (HONNETH, 2003).

Por sua vez a visibilidade, como “oposto” a invisibilidade se dá na tríplice correlação entre a (in)visibilidade as dimensões do reconhecimento social, a luta por reconhecimento social. Acoplando este último, a luta por reconhecimento social, a três esferas: 1) do amor; 2) do direito; 3) da solidariedade, compõe-se o antagonismo/tensão visibilidade/invisibilidade, ou como na forma deste texto ‘(in)visibilidade’.

Honneth (2015) assevera que tais dimensões, especialmente a do amor não deve ser compreendida de modo superficial, de forma piegas ou ligada ao amor trivial, mas aos laços entre entes queridos, pais/mães e filhos, familiares, laços fortes de amizade. Quanto ao direito, pode ser compreendido desde as primeiras aventuras infantis da tomada de consciência do direito ainda que na forma de sua individualidade/subjetividade até a concepção mais conhecida da construção normativa do direito como leis, normas, convenções etc. A solidariedade, pode ser entendida como o sentido coletivo e amplo, em que as relações sociais são pautadas não necessariamente, ou exclusivamente pela esfera do direito, mas do reconhecimento do outro seja pela alteridade, feição, ou pela sensibilização quanto as mazelas sociais, sobretudo em situações extremas, como no caso de tragédias coletivas ou outras de menor escala, mas que causa grande impacto nas pessoas.

O último aspecto a ser tratado naquilo que entendemos como questões basilares para o entendimento dessa breve incursão é a noção de liberdade, provavelmente uma das mais caras na abordagem de Honneth, tanto é que em um de seus livros traduzido para português “O direito da liberdade” é enfático em afirmar que “[...] tudo, tudo mesmo depende de como o valor da liberdade individual é compreendido com mais detalhes [...]” (HONNETH, 2015, p. 39). Sob esses argumentos em confronto com a ideia de lazer, corpo e direito em diálogo com a teoria do reconhecimento social faz-se necessário não apenas pensar, mas de analisar e compreender esse corpo na contemporaneidade.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

O CORPO AUSENTE E SUA LUTA POR RECONHECIMENTO SOCIAL

No entendimento de Le Breton, o indivíduo de hoje está acometido de um sentimento de ausência, fuga, falta de perspectiva e desejos. Esse estado de coisas, segundo Le Breton (2018) leva ao que ele chama de “Branco”, que é a encarnação de um personagem cuja narrativa é a fuga de si mesmo. Esse “branco”, em algum limite poder imaginado como a morte da subjetividade desse indivíduo. “Fazer-se de morto é uma maneira de ludibriar e não morrer [...]. Silenciando o grito, o indivíduo tenta não se perder.” (LE BRETON, 2018).

A morte do corpo como falência social alijada do reconhecimento dos direitos fundamentais, a vida, a família, a educação, a saúde, ao lazer entre outros, tal qual previsto em nossa constituição (BRASIL, 1988) sugere que na perspectiva subjetiva, especialmente ao aproximar da teoria do reconhecimento social arrefecida pelo engodo de pleno acesso aos meios de comunicação, por ora representados pela “facilidade” de acesso à internet em mecanismos portáteis, tendem a maquiar virtualmente um sentido de vida, trabalho e lazer para além do corpo sensível, subjetivo e provido de sentimentos. Pode-se dizer que, de fato, não é o acesso à internet e a outros meios tecnológicos que levam a isso, mas seu mau uso. Ainda nessa direção, do “branco” contemporâneo na perspectiva do Le Breton ou da invisibilidade, no pensamento de Honneth, a de se considerar que muito embora o *locus* temporal se circunscreve ao tempo presente, essa busca por reconhecimento tem de certo modo um fundo antropológico também ligada a modernidade.

Roubaram-me o poder de ser antes mesmo que o mundo fosse. Se fui coagido a encarnar-me, foi sem meu consentimento, sem que tivesse, eu mesmo, me encarnado. Sou os subúrbios de uma cidade que não existe, o comentário prolixo de um livro que ninguém jamais escreveu. Não sou ninguém, ninguém. Sou o personagem de um romance ainda não escrito, e flutuo, aéreo, disperso, sem ter sido, entre os sonhos de um ser que não soube concluir-me [...]. E eu, eu mesmo, sou o centro de tudo isso, um centro que não existe, a não ser por uma geografia do abismo; sou este nada ao redor do qual o movimento se rodopia. (BERNARDO SOARES/FERNANDO PESSOA)

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

Essa passagem de Fernando Pessoa, citada por Le Breton (2018), retrata uma espécie de “branco” absoluto, ou de invisibilidade absoluta. Le Breton lembra que Fernando Pessoa sofria de depressão, e que Bernardo Soares era apenas um de seus personagens criados, para explicar a fuga de si mesmo acometida por Fernando Pessoa. Como se pode notar, seja na modernidade ou na contemporaneidade (pós-modernidade) o avesso da busca por reconhecimento social leva a situações patológicas de adoecimento do sujeito. Quer seja o adoecimento fisiológico, da alma, da subjetividade e pela escala de um grande grupo social, ao que tudo indica, retoma-se a perspectiva de que o centro dessa ausência é a liberdade ferida pela ausência ou baixa percepção do direito como reconhecimento social, afetando sobremaneira as relações ligadas ao amor e a solidariedade.

Situando essa reflexão para o campo do lazer, há de considerar algumas estatísticas que permite um diálogo com esse fenômeno a partir de um olhar panorâmico. Segundo as Nações Unidas, cerca de 80% dos adolescentes no mundo não praticam atividades físicas suficientes. Em notícia publicada pelo Jornal Correio Braziliense (OLIVETO, 2018), 45% da população brasileira não faz atividade física suficiente, dados semelhantes foram encontrados em nações desenvolvidas com a Alemanha e Itália. Entende-se que ao utilizar de dados ligados a atividade física na discussão de corpo e lazer, pode parecer incoerente, mas ao nosso ver não é, uma vez que inúmeras atividades ligadas ao movimento e que poderiam auxiliar na diminuição desses números passam pelo menos por um conteúdo do lazer, o físico esportivo.

O dado alarmante dessa quantidade de pessoas que estão margeando inúmeros de grupo de risco, principalmente no campo da saúde coletiva, leva a outro desdobramento, que é a saúde mental. Segundo Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2017), ligada a Organização Mundial de Saúde (OMS) cerca de 322 milhões de pessoas no mundo tem depressão, sendo o Brasil o país mais depressivo da América Latina. Ainda segundo o mesmo estudo, o valor de perda econômica em escala mundial é de cerca de um trilhão de dólares. (OPAS, 2017) Como não bastasse tamanhos desafios, ligados aos diversos problemas decorrentes do sedentarismo,

e/ou da ausência do direito ao lazer entre outros direitos fundamentais, existe a pressão pela produtividade. A tentação contemporânea de desfazer a si mesmo – como antropologia dos limites da pluralidade dos mundos contemporâneos (LE BRETON, 2018), tendem a levar os sujeitos a estresses extremo, como exemplo, o *Karoshi*, que é a morte por excesso de trabalho. São mortes prematuras, de jovens/adultos que abdicam suas vidas pelo sucesso no trabalho.

Nesse literal contexto de adoecimento social mundial, o lobby de empresas farmacológicas agradam ao cenário global, estar doente é um negócio que gera dividendos. Segundo IQVIA, em 2023, o Mercado global deve gastar 1,5 trilhões de dólares com medicamentos (IQVIA, 2019). Porém, se de um lado as evidências de um cenário profundamente negativo, do outro, existem caminhos de resistência contra esse modelo social. Todavia, será que estamos preparados para o futuro? E no tempo presente, o que tempos feito de melhor na perspectiva de “recriar” o universo do reconhecimento social?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de concluir esse breve exercício, dois casos ilustram a perspectiva de resistência acima referida, uma é o *Physical activity and mental helth (S/D)*, do departamento de esporte e recreação (*Governament of Western Australia*). Esse programa tem como meta atuar na prevenção por meio da prática de esporte, a efetividade dessa experiência aponta que para as pessoas que praticam atividades de uma hora quatro vezes por semana, reduziram em 47% as doenças ligadas a problemas psicológicas. Em uma experiencia realizada na Prefeitura Municipal de Presidente Prudente-SP (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011), há o entendimento de que para cada um real investido na prática de esporte, outros três reais são economizados na saúde pública. Como última questão, e por tratar de um encontro, ratifica-se o entendimento que situar no debate e se fazer presente nos vários fóruns de debate é uma forma de resistência, de luta pela democracia, de respeito à diversidade e de outras lutas por reconhecimento.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

LEISURE AND BODY AS RIGHT: (IN)VISIBILITY OF SUBJECT AND THE STRUGGLE FOR RECOGNITION

ABSTRACT

This text is the synthesis of the speech at the opening of the Symposium of Cultural Studies in Physical Education – Maringá-PR in celebration of the 15 years of research in Body, Culture and Ludicity. The proposal was to problematize leisure and the body as a right, emphasizing the struggle for social recognition in its (in)visibility process. The reference adopted was Axel Honneth supported by Le Breton. It is understood that the right to leisure and to the “body” represent resistance and the walk towards democratic access to different body practices, which includes respect for diversity as one of the essential aspects of recognition. At the same time, it discusses how such spheres are negotiated in the struggles for social visibility, which leads us to think about the role of the different social actors involved in this process (subjects, civil society, state).

KEYWORDS: social recognition; freedom; recreation.

OCIO Y CUERPO SEGÚN DERECHO: (EN)VISIBILIDAD DEL SUJETO Y LA LUCHA POR EL RECONOCIMIENTO

RESUMEN

Este texto es la síntesis del discurso en la apertura del Simposio de Estudios Culturales en Educación Física celebrado en Maringá en celebración de los 15 años de investigación en Cuerpo, Cultura y Ludicidad. La propuesta era problematizar el ocio y el cuerpo como un derecho, enfatizando la lucha por el reconocimiento social en su proceso de (in) visibilidad. La referencia adoptada para esta incursión fue Axel Honneth con el apoyo de Le Breton. Se entiende que el derecho al ocio y al "cuerpo" representa la resistencia y el camino hacia el acceso democrático a las diferentes prácticas corporales, lo que incluye el respeto a la diversidad como uno de los aspectos esenciales del reconocimiento. Al mismo tiempo, analiza cómo se negocian esas esferas en las luchas por la visibilidad social, lo que nos lleva a pensar sobre el papel de los diferentes actores sociales involucrados en este proceso (sujetos, sociedad civil, estado).

PALABRAS CLAVE: reconocimiento social; libertad; ocio.

REFERÊNCIAS

Aumenta o número de pessoas com depressão no mundo. organização pan-americana de saúde, 2017. disponível em:

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5354:aumenta-o-numero-de-pessoas-com-depressao-no-mundo&Itemid=839. Acesso em: 20 de novembro de 2019.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

Global pharma spending will hit \$1.5 trillion in 2023, says IQVIA. pharmaceutical commerce 2019. disponível em: <https://pharmaceuticalcommerce.com/business-and-finance/global-pharma-spending-will-hit-1-5-trillion-in-2023-says-iqvia/>. Acesso em: 20 de novembro de 2019.

HONNETH, A. *La sociedad del desprecio*. Madrid: Editorial Trota, 2011.

HONNETH, A. *Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2003.

HONNETH, A. *O direito da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

LE BRETON, D. *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2018.

OLIVETO, P. Sedentarismo avança no planeta: 25% da população no grupo de alto risco, 2018. Correio Braziliense, 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2018/09/05/interna_ciencia_saude,704041/sedentarismo-avanca-no-planeta-25-da-populacao-no-grupo-de-risco.shtml. Acesso em: 20 de novembro de 2019.
OMS diz que para cada R\$ 1 investido no esporte são economizados R\$ 3; SEMEPP ratifica. Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, 2011. Disponível em: <http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/noticias.xhtml?cod=14667> Acesso em: 20 de novembro de 2019.

STREET, G.; JAMES, R.. THE relationship between organised recreational activity and mental health, S/D. Disponível em: <https://www.dlgsc.wa.gov.au/department/publications/the-relationship-between-organised-recreational-activity-and-mental-health>. Acesso em: 20 de novembro de 2019.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

LINGUAGEM E PRÁTICAS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS E POLÍTICAS PARA OS ESTUDOS SOBRE O CORPO

Carlos Herold Junior, Universidade Estadual de Maringá (UEM),

carlosherold@hotmail.com

RESUMO

Intenciona-se questionar a pertinência epistemológica e política dos estudos sobre o corpo na educação física. Assume-se essa pertinência considerando a relação entre as práticas corporais e linguagem na educação física escolar. Aponta-se que um caminho profícuo para os estudos sobre o corpo é a reflexão sobre a produção de discursos sobre as práticas corporais e a partir delas. Essa produção é um elemento importante nas reflexões sobre os embates políticos e culturais contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem; corpo; educação física.

INTRODUÇÃO

Tomo como ponto de partida a sugestão analítica feita pelos organizadores do evento: “Como os estudos voltados ao corpo, à cultura e à ludicidade podem colaborar no enfrentamento dos desafios educacionais e no reconhecimento de diferentes práticas sociais em sua diversidade (de gênero, geração, raça, etnia, deficiência, oportunidades de acesso ao lazer, outros) e em contextos variados?”

Sem a intenção de simplificar a complexidade do desafio, esboço uma resposta que será desenvolvida, brevemente, abaixo: devemos dialogar de um modo convincente (considerando o nosso interlocutor) sobre esses desafios. Afirmar e demonstrar a existência desses desafios, transmitir informações importantes para a visualização desses desafios, explicitar como eles se conectam, ao mesmo tempo, com problemas de grande amplitude não observáveis e perceptíveis imediatamente, destacando sua presença não apenas no cotidiano das biografias individuais, que se dá na sucessão dos pequenos eventos que efetivam o “estar vivo”.

Desse modo, aqui se quer pensar sobre esse “diálogo” evidenciando sua ligação com questões históricas, com questões do contexto atual e com questões particulares do campo da educação física. E dentro desse campo, vou considerar angústias ligadas a alguns dos problemas da educação física escolar e a existência (e os impactos desejados) de pesquisa acadêmica diretamente ligada a esse campo (dentro da qual se movimentam os estudos voltados ao corpo, à cultura e a ludicidade).

A LINGUAGEM COMO REALIDADE CONSTRUÍDA E COMO CONSTRUTORA DE REALIDADES

Falar pensar sobre o que nos aflige não é fácil, pois, rouba um tempo precioso das ações necessárias para o contorno dessas aflições. Demanda paciência, cultura, demanda contradizer as evidências empíricas mais explícitas, para captar, conceber e externar uma “realidade” ou realidades “possíveis não facilmente compreensíveis, bem como não, plenamente, explicáveis por conta de sua complexidade.

Se, por um lado, fazer, agir, executar, resolver problemas, além de necessário é prazeroso, não é inviável a constatação de que, historicamente, aprendemos a sentir prazer com a reflexão, com a produção de discursos sobre ações, falando/pensando, digamos, “improdutivamente” sobre problemas, fatos, sobre a vida em geral, algo que, sabidamente, passou a caracterizar a humanidade de homens e mulheres.

Prazer e capacidade agredidos de tempos em tempos (vejamos o nosso próprio tempo), mas possuidores, ainda, de grande capacidade de instilar resistências e criatividade frente aqueles que, com berros, armas e “pontos finais”, cansam-se do “palavrório”, das “intermináveis discussões”, ou de “pesos e contrapesos”, passando a exaltar aquilo que “deve ser feito”...à força (por ser tomado como evidente, como “correto”).

Pode ser que essa impaciência com o prazer (e a subversão) proporcionado pelas palavras e pela reflexão, decorra da imensa complexidade da linguagem em criar mundos para além deste “aqui e agora”, algo que, ao mesmo tempo, nos amarra a uma realidade (por apresenta-la de um modo insuspeito), soltando-nos das amarras

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

que a ela nos prendem. Eric Havelock (1981) nos ensina o modo como essa capacidade linguística ganhou grande impulso (tanto no que diz respeito às amarras, quanto no que tange a sua “soltura”) com a invenção do alfabeto no contexto grego do século VII a.C. Tratou-se de uma “tecnologia”, de uma “ferramenta” que levou a um universo intelectual muito mais amplo ao que então existia, desembocando na filosofia, na política, na democracia, na pedagogia, sempre tencionadas, desde o já referido contexto grego, por serem condicionar o acesso às “verdades” a uma capacidade “técnica” a ser ensinada e aprendida (rapidamente, por conta do alfabeto), também mediante pagamento de “taxas”, levando os “compradores” a fazer valer seu ponto de vista se bem conduzissem seus “discursos”.

Notemos que se trata, aqui, de uma angústia bastante presente, considerando a ubiquidade das redes sociais, sua relação com posturas autoritárias (e com a subversão de tradicionais autoridades sobre a produção e transmissão de “ideias”, “impressões”), com práticas de “convencimento” bastante questionáveis, mas, com grande poder de penetração no imaginário das pessoas (pautados na humilhação dos interlocutores, em “gritos de torcida”, em “respostas imediatas”, mentiras absurdas etc). Com efeito, essa expansão “tecnológica”, estimulada pelo alfabeto, passando pela impressão tipográfica e chegando à comunicação mediada por dispositivos *online*, também é fonte de uma expansão gigantesca de “palavras circulando”, de novas “visões” sobre variados aspectos da existência, sobre variadas “ações”. Como dito acima, temos escancarado a nossa contemplação, o fato de que parte relevante de da vida societária é a produção de ideias e de práticas, bem como sua divulgação e seu variado processamento por parte daqueles que “emitem e recebem essas mensagens”.

Se há um lado desse processo que tem produzido resultados bastante complicados no que tange a existência de um “espaço público de debate racional” sobre tudo e qualquer coisa, tendo a enxergar nas mudanças que experimentamos angústias semelhantes a outros processos “técnicos” que significaram “explosões” de ideias, emissores e receptores de “mensagens”, “discursos” para além daqueles até então “autorizados” para essa produção.

A EDUCAÇÃO FÍSICA E A DIFÍCIL, MAS NECESSÁRIA, REFLEXÃO SOBRE A LINGUAGEM NO CAMPO DAS PRÁTICAS CORPORAIS

Sabemos que a educação física, historicamente, ligou-se muito mais ao manuseio de “ações”, de “atividades” e menos na lida com “ideias”, “discursos”, “mensagens”.

Embora a constatação seja importante, isso não impediu que esse campo tenha se tornado um “campo acadêmico”, entre outras coisas, escrevendo, publicando e discutindo uma imensa quantidade de ideias na forma monografias, eventos, dissertações, teses, livros e artigos. Nesse sentido, interessante verificar que, comparativamente a outras áreas correlatas à educação física, em termos quantitativos (e, quiçá, qualitativos), produzimos e fazemos circular muitas ideias. Todos conhecemos esse processo que levou, desde o final da década 1970, a educação física a acompanhar o desenvolvimento da pesquisa e da pós-graduação, culminando com o fato de hoje termos vários cursos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. Ou seja, temos uma não desprezível quantidade/qualidade de reflexão acumulada, restando verificar de que modo essa acumulação tem possibilitado o “enfrentamento dos desafios educacionais” mencionados no tema dessa mesa.

É notório que um dos grandes desafios é evidenciar a importância de os processos de ensino específicos desse componente curricular incorporar a necessidade de os professores de educação física (também eles), manusearem sistemática e conscientemente as “ferramentas” da comunicação para além da determinação de “ações”, de “atividades corporais” a serem “executadas” em suas aulas. O mais angustiante disso é verificar que essa dificuldade ainda existe apesar de ser em torno dela que se construiu um rico, multifacetado e, por vezes, contraditório pensamento pedagógico sobre a educação física, pensamento esse que, para nosso entendimento neste momento, pode ser resumido na denominação de “pensamento renovador da educação física”.

Embora os alunos e os professores (tanto aqueles que atuam na educação básica, quanto aqueles que atuam no ensino superior), de diferentes modos,

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

compreendam o que está materializado nos diferentes “instrumentos curriculares” produzidos desde a segunda metade da década de 90, predomina nos diferentes contextos pedagógicos (bem como na própria formação inicial) uma ênfase na movimentação corporal descolada das variadas possibilidades reflexivas que podem e devem (se considerarmos os já citados documentos balizadores de currículos) ser abordadas nas aulas de educação física.

Para tanto, existem desafios metodológicos enfrentados por muitos colegas, mas ainda, suspeito, não produzindo consequências passíveis de contornar uma determinada “cultura escolar” que vê nas aulas de educação física e nos professores por elas responsáveis, respectivamente, como sucessão e depositário de “atividades”. Sabidamente, um modo bastante questionável de se lidar com a problemática foi a manifestação que buscou enfatizar a necessidade, ou mesmo, a transformação das aulas de EF em “aulas teóricas”, com o fito de “transmitir conteúdos”, de “conscientizar” os alunos ou coisas semelhantes a isso. Embora não se trate de fechar totalmente esses caminhos mais tradicionais de “trazer palavras” para nossas ações, verificamos que eles não foram suficientes (e, talvez, não desejáveis na configuração tradicionalmente “escolar”).

Não suficientes, importante reconhecer, também, para os componentes curriculares cuja “cultura escolar” os conecta com a necessidade de professores e alunos lidarem com diferentes registros linguísticos (leitura, imagens, redação, discussão). Afinal, importante termos claro que, apesar de acostumados a apontar os limites pedagógicos da educação física e a situação bastante incômoda dos professores de educação física nas escolas, o ensino real, existente no escopo de cada um dos outros componentes curriculares da escola, está muito longe de realizar aquilo que tem sido cobrado pelas “ciências da educação” desde o início do século XX.

Na trajetória histórica de formação da escola como a conhecemos, desde o século XIX, apesar de todo o esforço de muitos pedagogos, a “cultura escolar” é marcadamente ligada à linguagem escrita. Vejamos, por exemplo, o empenho em metodologias ativas, no reconhecimento da “centralidade do aluno” que, grosso modo,

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

buscam questionar a ênfase no professor que “professa” seu conhecimento. Igualmente notáveis são as críticas que hoje tem recebido esses empenhos pedagógicos de “dar a palavra às crianças” em detrimento do “protagonismo docente”, ou “ensino explícito”, que buscam valorizar (revalorizar?) a “autoridade docente”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É forçoso encarar o desafio de *falar* pensar o mundo em que vivemos por meio das práticas corporais, com a ambição de ensinar/valorizar/criar essa “linguagem” nos diferentes contextos pedagógicos que atuamos. Com efeito, para voltar a pergunta da qual parti, penso que produzir conhecimentos para realizar essa possibilidade é um modo interessante a ser abraçado por pesquisadores que se incomodam por viverem uma época em que uma tão vil e deprimente instrumentalização da linguagem, da reflexão e do corpo encontra tanta adesão em diferentes setores da sociedade. Contemplar a polissemia das práticas corporais, ajudando-nos a entendê-las em sua força, beleza para a construção novos “possíveis” da vida individual e social, bem como a ensinar essa força e beleza (e a reflexão sobre elas) nos diferentes espaços que atuamos (principalmente, na escola), talvez, configure um bom mapa para as trajetórias acadêmicas e pedagógicas da educação física na escola e na universidade.

LANGUAGE AND BODY PRACTICES IN PHYSICAL EDUCATION: EPISTEMOLOGICAL AND POLICY ISSUES

ABSTRACT

It is intended to question the epistemological and political relevance of studies on the body in physical education. This relevance is assumed considering the relationship between body practices and language in school physical education. It is pointed out that a useful way for studies on the body is the reflection on the production of discourses on and from the body practices. This production is an important element in the reflections on contemporary political and cultural clashes.

KEYWORDS: language; body; physical education.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

LENGUA Y PRÁCTICAS CORPORALES EN LA EDUCACIÓN FÍSICA: CUESTIONES EPISTEMOLÓGICAS Y POLÍTICAS PARA ESTUDIOS CORPORALES

RESUMEN

Se pretende cuestionar la relevancia epistemológica y política de los estudios sobre el cuerpo en educación física. Se asume esta relevancia considerando la relación entre las prácticas corporales y el lenguaje en la educación física escolar. Se señala que una forma útil para los estudios sobre el cuerpo es la reflexión sobre la producción de discursos sobre y desde las prácticas corporales. Esta producción es un elemento importante en las reflexiones sobre los enfrentamientos políticos y culturales contemporáneos.

PALABRAS CLAVES: lenguaje; cuerpo; educación física.

REFERÊNCIAS

HAVELOCK, E. *The Literate Revolution in Greece and its cultural consequences*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1981.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

CRIANÇAS E ADOLESCENTES: CORPO, CULTURA E LUDICIDADE

Verônica Regina Müller, Universidade Estadual de Maringá (UEM),

veremuller@gmail.com

RESUMO

Este texto trata da temática corpo, cultura e ludicidade relacionada ao mundo infanto juvenil, permeado pela reflexão crítica do papel dos adultos na vida da criança e do adolescente. A conceituação ontológica e cultural assume a criança e o adolescente como seres de educação e de linguagem lúdica, que somente podem ser bem compreendidos se situados em tempos e territórios específicos. Para que contribuam de forma adequada a um bom desenvolvimento da geração em questão e da sociedade em geral, os adultos devem reconhecer a existência de culturas infantis, da diferença entre escola e educação, da educação social como complemento à educação escolar e como oportunidade de oferta cultural. Faz-se necessário também mudar a mentalidade adultocêntrica e o sistema gerontocrático que vem tradicionalmente comandando a sociedade ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: direitos de crianças e adolescentes; adultos; educação social.

INTRODUÇÃO

Neste ano de 2019, no qual se comemoram os trinta anos da Convenção dos Direitos da Criança e do Adolescente, faz-se oportuno, uma vez mais, ressaltar aspectos da infância e adolescência em busca de sua valorização adequada.

Este texto versa sobre os sujeitos dessa categoria geracional do início da vida humana, que somente passou a ter existência conceitual e social na Modernidade e com o tempo foi sendo foco de diferentes considerações.

O escrito está organizado de tal forma que o rol dos adultos é salientado e observado de forma crítica, logo após apresenta reflexões a partir de um relato existencial de uma adolescente em atividades lúdico-político-pedagógicas, para finalmente considerar aspectos de corpo, cultura e ludicidade enquanto alternativas para as apostas educativas na atualidade.

OS ADULTOS

A palavra *in fanciã* significa aquele que não fala e assim, tal qual o soldado, a criança começou a ser contemplada pelos adultos como quem deve obedecer, pois “ainda não está bem desenvolvida”, “ainda não pensa direito”, “ainda não entende nada de forma adequada”. Os estudos de Ariès (1960), clássico estudioso da infância francesa da Idade Média e da Modernidade, anunciam o trânsito lento da concepção de infâncias praticamente não existentes enquanto tal, até suas idealizações como centro da família, com os especialistas em sua tutela, para o bom desenvolvimento do adulto do futuro.

Na atualidade, desde a metade do século 20, a lei traz a garantia da proteção integral a crianças e adolescentes. Eles todos, sem nenhum tipo de discriminação, passam a ser sujeitos de direitos, somente diferenciando-se dos adultos, pela condição peculiar de apresentarem-se em desenvolvimento. Não podem responsabilizar-se por si mesmos e, portanto, não podem ser imputados legalmente até certa idade. Esta lógica é trazida na Convenção de 1989 e todos os países da América Latina a assinam em 1990.

As crianças não se desenvolvem sem os adultos e estes são os que determinam a vida infanto-juvenil, muitas vezes, ferindo a lei. Existe na política ocidental uma lógica adultocêntrica, onde quem opina e decide é o adulto e uma lógica gerontocrática (DUSSEL, 1980), que apresenta um sistema de funcionamento da sociedade privilegiando o adulto. E qual o lugar que a criança tem ocupado?

Em tal lógica, existem muitos e diversos lugares para as crianças, como mostram as fotografias esplêndidas do artista James Mollison, retratando quartos de crianças pelo mundo. Evidenciam-se, nas formas de dormir, a intersecção de culturas, classes sociais, etnias, nacionalidade, idades, gênero. As fotos revelam dramas de exploração do trabalho infantil, necessidades básicas não atendidas até o outro extremo da opulência, do excesso de brinquedos e do luxo. A desigualdade é visível e nos leva imediatamente ao cenário de exploração capitalista e neoliberal criado e movido pelo mundo adulto.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

Na recentíssima atualidade brasileira, 2019, em congruência com o contexto comentado, o corpo infantil é objetificado. Constata-se no programa de Silvio Santos, um concurso de pernas mais bonitas de crianças de até 10 anos; em outro caso, um desfile de modas de crianças que estão para ser adotadas e os possíveis adotantes apreciando-as como objetos mais ou menos bonitos, promovido por autoridades do sistema judiciário. Mais um lugar que ocupam crianças brasileiras, é o de outro tipo de violência, o das balas. Não só das balas perdidas, mas do governante que desde um helicóptero atirou a esmo com uma metralhadora em uma favela, divertindo-se.

Adultos têm provocado medo, espanto, raiva, sensação de impotência em crianças. Muitas vezes têm marcado seus destinos com ações irresponsáveis e covardes. Mas em outras ocasiões, são eles que têm promovido os direitos infanto-juvenis e têm oferecido oportunidades de afeto, alegria, convivência, esperança a essa geração. Existem portanto, em função da concepção dos adultos, de suas políticas, e da vida que levam com crianças e adolescentes, diferentes vidas infantis: crianças trabalhadoras, crianças organizadas politicamente, crianças bruxas (Congo), crianças do ouro (Nepal), crianças soldado, crianças protocolo, crianças em situação de rua, crianças abusadas sexualmente, crianças institucionalizadas pela orfandade, crianças doutrinadas pelas igrejas, outras tantas...

CRINÇAS COM DIREITOS VIOLADOS E UMA HISTÓRIA

O Programa Multidisciplinar de Estudos, Pesquisa e Defesa da Criança e do Adolescente da Universidade Estadual de Maringá- PCA/UEM, tem assumido trabalhar com crianças e adolescentes com direitos violados. Nesse caso, a classe social não é a priori um aspecto determinante das ações, porque entre os ricos também há violação de direitos de crianças. Se vê menos, há menos notícias de maltrato familiar, por exemplo. Mas um direito comumente violado da criança rica, é o direito à vida comunitária. Em geral, são crianças totalmente tuteladas, que frequentam ambientes privados.

O PCA/UEM desenvolve projetos e entre eles, o Projeto de Extensão Brincadeiras com Meninos e Meninas de e na Rua, existente desde 1997. Conto uma

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

historia acontecida com uma menina neste projeto, para observar corpo, cultura e ludicidade a partir da pessoa com direitos violados.

Nas rotineiras atividades lúdico-político-pedagógicas do citado projeto, aos sábados, na periferia da cidade de Maringá, aparece a menina Maria (nome fictício), com 13 anos de idade, tímida, bastante calada, corpo encurvado, expressão triste e sem participar das atividades. Passou a vir frequentemente, mas somente observava. Com o tempo, foi conversando com um e outro educador, contando coisas de sua vida: que tinha sido estuprada pelo padrasto, que tinha sido abusada pelo irmão mais velho, que não gostava do irmão mais novo porque lembrava do padrasto, que gostava da escola, de capoeira e de jogar futebol. Foi entrando nas atividades, os anos foram passando e ela começou a se cortar nos braços. Seu corpo mutilado aproveitava as atividades lúdicas para aparecer, pedir socorro e evidenciar a cultura cotidiana que vivia. Uma falta de sentido à vida e ausência de estima por si, alertaram os educadores que começaram a oferecer alternativas a partir das políticas públicas da cidade.

Encurtando a história e retirando todos os detalhes do processo de ação educativa que ainda continua, resumo que a menina hoje já tem 18 anos, faz capoeira regularmente, toca violão, terminará o ensino médio, fará vestibular para enfermagem. Faz atividades assistidas semanais com cavalos, com uma equipe de educadora social, psicóloga, entre outras. Seu corpo, revelado em vídeos e fotos, está muito mais solto, seu sorriso é frequente, participa com opiniões e cuidados aos colegas. Já não tem se cortado.

ALTERNATIVAS PARA CORPO, CULTURA E LUDICIDADE

Na história dessa menina, a ludicidade foi a porta de entrada e o Projeto segue sendo um lugar de pertencimento, de encontro com os demais e consigo própria, para ampliar sua cultura geral e constituir-se mais profunda e amplamente, de corpo inteiro. O corpo fala. O corpo dos direitos violados pode revelar marcas físicas, mas pode esconder ofensas, abusos de todo tipo. A tristeza, o silêncio, a irritabilidade, alguma palavra ou frase estranha ou trágica, a timidez ou a extroversão em demasia, a

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

introspecção, manter-se retirado, ou a busca de aconchego insistente, são sinais que podem indicar problemas.

Os adultos precisam compreender que a principal forma de comunicação da criança é a linguagem lúdica. A criança se expressa brincando, se divertindo. Portanto, a alegria é um signo natural do bem-estar infantil. A ludicidade, além de linguagem, é um direito, garantido no art. 16 do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990).

Os adultos devem reconhecer a existência de culturas infantis e conviver com a ideia de que cultura, não é coisa só de adulto. As brincadeiras são o maior patrimônio das culturas da infância e é importante que sejam preservadas, cultivadas e ressignificadas.

Outra consideração imprescindível é em relação ao que nossa sociedade entende como cultura e educação. Tem-se convivido com o entendimento de que a cultura se adquire com educação e educação é sinônimo de escola. É um erro crasso de consequências lamentáveis de empobrecimento de ofertas para o desenvolvimento humano e social.

Explico: a cultura de forma geral é necessária para o desenvolvimento da subjetividade humana, que definitivamente implica nos conteúdos que darão sentido para a vida. E a oportunidade de aprendizagens por meio da educação é um grande caminho para as crianças, já que somos ontologicamente seres com potencialidades de desenvolvimento- não nascemos prontos (GRAMSCI, 1976). Nossa menina evoluiu em sua autoestima e nos sentidos do presente e do futuro, com a prática lúdica do Projeto, acrescida das atividades com cavalos, da capoeira e do violão- e observe-se que nenhuma dessas é escolar. Mas são práticas educativas. São práticas educativas de educação social (MÜLLER, 2018), complementares à educação escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os seres crianças e adolescentes possuem características ontológicas que os situam em qualquer lugar do mundo como tais. Mas também estão sempre situados

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

em um tempo e lugar que os caracterizará como grupo, sem retirar-lhes a individualidade.

Enquanto em essência são focados aqui como seres de educação e lúdicos, são também situados neste tempo e lado ocidental, como sujeitos de direitos. O papel do adulto, é, portanto, o de oferecer oportunidades para o desenvolvimento infanto-juvenil respeitando as necessidades e capacidades naturais da linguagem lúdica para a educabilidade necessária. As culturas das infâncias estão permeadas pelas diferentes idades, classes sociais, gênero, etnias, origem nacional, mas também, pelas histórias pessoais que configuram cada ser individualmente.

Os adultos precisam deixar de herança às crianças e adolescentes um mundo amável, solidário, sem desigualdades sociais, justo. Isso não será possível sem o desmantelamento do adultocentrismo e da gerontocracia, e sem a conformação de uma cultura lúdica estendida aos espaços públicos institucionais ou não. É grande a tarefa que temos, mas pode ser bem divertida, dentro da seriedade requerida.

CHILDREN AND TEENS: BODY, CULTURE AND PLAYFULNESS

ABSTRACT

This text deals with the theme body, culture and playfulness related to the youth world, impregnated by the critical reflection of the adult role in the life of children and adolescents. the ontological and cultural conceptualization assumes children and adolescents as beings of education and playful language, which can only be well understood if they are located in specific times and territories. to contribute adequately to the good development of the generation in question and of society at large, adults must recognize the existence of children's cultures, the difference between school and education, social education as a complement to school education and as an opportunity to offer cultural life. it is necessary to change the adult-centered mentality and the gerontocratic system that has traditionally run Western society.

KEYWORDS: rights; children and teens; social education.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

NIÑOS/AS Y ADOLESCENTES: CUERPO, CULTURA Y LUDICIDAD

RESUMEN

Este texto trata sobre el tema del cuerpo, la cultura y la ludicidad relacionados con el mundo infanto-juvenil, impregnado por la reflexión crítica del papel de los adultos en la vida de los niños y adolescentes. La conceptualización ontológica y cultural asume a los niños y adolescentes como seres de educación y lenguaje lúdico, que solo pueden ser bien entendidos si están ubicados en tiempos y territorios específicos. Para contribuir adecuadamente al buen desarrollo de la generación en cuestión y de la sociedad en general, los adultos deben reconocer la existencia de culturas infantiles, la diferencia entre la escuela y la educación, la educación social como complemento de la educación escolar y como una oportunidad de oferta cultural. También es necesario cambiar la mentalidad centrada en los adultos y el sistema gerontocrático que tradicionalmente ha dirigido a la sociedad occidental.

PALABRAS CLAVES: derechos; niños/as y adolescentes; educación social.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Paris: LTC, 1960.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.

DUSSEL, E. *La pedagogía latinoamericana*. Bogotá: Nueva América, 1980.

GRAMSCI, A. *La alternativa pedagógica*. Barcelona: Nova Terra, 1976.

MÜLLER, V. Ser criança: o direito à educação social e à vida em comunidade. In: FERRADA, D. (org.). *Políticas educativas y su impacto en las comunidades. Investigación en Educación para la Justicia Social*. Talca, Chile: UCM, 2018.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

O (RE)CONHECIMENTO DO CORPO NOS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS: A PESQUISA (IN)CORPORADA COMO MEIO PARA A VISIBILIDADE SOCIAL

Vitor Hugo Marani, Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia (UFMT/CUA), vitorhmarani@gmail.com

RESUMO

Neste texto problematizo o corpo a partir dos Estudos Culturais Físicos, em especial, por meio de possíveis contribuições para o entendimento de reconhecimento e visibilidade social. Para tanto, assumo a ideia de que é necessário desafiar as desigualdades na cultura física por meio de pesquisas (in)corporadas, ou seja, de investigações que (re)conheçam a função política da autoria e as operações de poder social que atravessam diversos corpos.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Estudos Culturais Físicos; Pesquisa Qualitativa.

INTRODUÇÃO

O presente texto é resultado de reflexões que foram apresentadas na mesa redonda intitulada “Lazer, corpo e arte como direito: (in)visibilidade do sujeito e luta por reconhecimento”, realizada na noite de 18 de outubro de 2019, no Simpósio de Estudos Culturais na Educação Física, na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Dado este evento como marco dos 15 anos de existência do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL), registro minha felicidade em receber o convite para integrar tal espaço de diálogo, em especial, por conta da grata satisfação em integrar o GPCCL, desde 2011, ainda como estudante do curso de Educação Física da universidade.

A partir do meu ingresso junto ao GPCCL, pude transitar por diferentes maneiras de compreender o corpo humano e suas interfaces com a cultura, desde as contribuições da Antropologia Social aos aportes da Teoria Crítica (Escola de Frankfurt), até o conhecimento dos Estudos Culturais. Tais teorias foram sendo mapeadas e estudadas em meio a diversos projetos que, em comum, estavam interessados em compreender como elementos identitários refletiam em diversas

experiências corporais, por exemplo, na formação em educação física, em comunidades tradicionais, no tempo-espaço do lazer, entre outros.

Tais estudos, de igual maneira, contribuíram para que minha subjetividade – como pesquisador e professor – estivesse atenta ao (re)conhecimento das diferenças, das injustiças e dos privilégios, em especial, daqueles que estão posicionados para além da centralidade social. Ao tomar essa sensibilidade como basilar da minha reflexividade, afirma a importância em se discutir assuntos como “direito”, “visibilidade” e “reconhecimento social” – dimensões que parecem estar diluídas/borradas em nossa sociedade, principalmente, quando pensadas ações do (des)governo federal no âmbito da educação, das políticas públicas, entre outras esferas e que acabam por (re)forçar o ódio, a violência e a invisibilidade daqueles que, simplesmente, são diferentes.

Sob tal prisma, procuro problematizar como é possível pensar o corpo a partir da perspectiva do (re)conhecimento e da visibilidade social, em especial, a partir do campo do *Physical Cultural Studies* (Estudos Culturais Físicos). Desse exercício inicial, parto do pressuposto que, como primeira ferramenta, pesquisadores/as precisam (re)conhecer seus corpos em suas agendas investigativas para que tornem suas identidades visíveis¹. Dessa forma, desenvolvo a ideia de pesquisas (in)corporadas, o que contribui para que sejam expressos quais corpos integram meus esforços acadêmicos no intuito de torná-los visíveis e reconhecidos socialmente por meio do compromisso com a pesquisa.

OS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS: RELAÇÕES ENTRE CORPO, CULTURA FÍSICA E PODER

Os Estudos Culturais Físicos (ECF) constituem-se como uma formação acadêmica que engloba uma comunidade diversificada preocupada em investigar as várias dimensões da tríade cultura física, corpo e relações de poder (ANDREWS,

¹ Dessa ideia, permito que leituras sejam feitas do meu corpo – branco, homossexual, nascido na década de 1990, dançarino, professor de educação física – logo, que leitores/as entendam caminhos que elejo como coerentes à minha identidade.

2008; ANDREWS; SILK, 2011; SILK; ANDREWS, 2011; SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). Surgem, inicialmente, como resposta a uma série de ameaças – intelectuais e institucionais – fruto da desvalorização das Ciências Humanas e Sociais no interior do pensamento (bio)científico da Cinesiologia em instituições de ensino superior norte-americanas (INGHAM, 1997).

Compreendido como campo de estudos, abordagem, sensibilidade, entre outras referências (LARA; RICH, 2017), os ECF serviram como alternativa epistêmica a diversos pesquisadores/as que possuíam interesses na multiplicidade de expressões da fisicalidade humana, logo, não restritas ao fenômeno esportivo. Tem-se, nessa perspectiva, o uso da “cultura física” como objeto empírico dos ECF, o que contribuiu para a expansão de pesquisas socioculturais que (re)conhecessem o *fitness*, a dança, o exercício, o movimento, a saúde, a ginástica e, de igual maneira, o esporte como possibilidades empíricas (ANDREWS; 2008; SILK; ANDREWS, 2011).

De igual maneira, os Estudos Culturais (EC) – particularmente, os britânicos – contribuíram para o desenho epistemológico dos ECF, em especial, a partir de seu aporte como abordagem interpretativa do papel da cultura em meio às relações de poder, responsável por moldar experiências, estimular/limitar práticas e criar/reforçar/contestar representações (GROSSBERG, 1989). Lançando seus olhares para o corpo e, especificamente, para a cultura física, os ECF apropriam-se dessa preocupação dos EC no entendimento de que a cultura só pode ser compreendida a partir de sua articulação com “determinado conjunto de complexas relações sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que compõem o contexto social” (SILK; ANDREWS, 2008, p. 9, tradução nossa).

Outra característica importante dos ECF – talvez aquilo que os diferencie quando pensados outros campos de estudos (a exemplo da Sociologia do Esporte) – reside em seu caráter político e intervencionista, dadas as preocupações relacionadas à transformação social. Baseada nas ideias do intelectual brasileiro Paulo Freire, os ECF almejam, a partir de suas investigações/intervenções, ir além de meras constatações de como relações de poder operam em diferentes localidades em que a cultura física ocorre. Daí pensar em projetos preocupados com a mudança social, em

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

particular, por meio de intervenções que desestabilizem operações de poder “naturalizadas” e que oportunizem o empoderamento de indivíduos e comunidades.

É a partir da sensibilidade proposta pelos ECF, em especial, por meio das contribuições relacionadas ao corpo que construo as ideias que seguem no próximo tópico. Tal exercício ocorre como maneira de elaborar possíveis aportes para pensarmos como corpo[s], por meio das lentes dos ECF, podem ser (re)conhecidos e visibilizados a partir de pesquisas (in)corporadas. Nesse sentido, as pesquisas (in)corporadas almejam posicionar a subjetividade do/a pesquisador/a como elemento importante para a constituição do modo como o processo investigativo é desencadeado, logo, como resultados são alcançados.

A PESQUISA (IN)CORPORADA COMO MEIO PARA O RECONHECIMENTO SOCIAL

O foco das pesquisas realizadas pelos ECF está na compreensão de como corpos são culturalmente materializados, baseados nas relações de poder que os configuram e, a partir disso, moldam suas experiências, seus significados e suas subjetividades, as quais estão diretamente conectadas a elementos histórico-culturais da sociedade (ANDREWS, 2008). Por isso, os ECF desenvolvem pesquisas que evidenciem as relações de poder que se estruturam hierarquicamente mediante linhas de diferenciação de classe, de etnias, de raça, de gênero, de sexualidade, de geração, de nação, entre outras.

Para além da compreensão apresentada, intelectuais do campo dos ECF têm apontado para a necessidade de se fazer pesquisas em que pesquisadores/as tornem seus corpos (re)conhecidos, logo, visibilizados ao longo da escrita de um texto (GIARDINA; NEWMAN, 2011; KING-WHITE, 2012). Ao fazerem isso, tais autores argumentam que os valores morais e políticos do/a pesquisador/a não são desordenados e, por isso, incidem diretamente na forma como construirão análises acerca de um dado objeto. Com tais contribuições, a escrita do texto ocorre a partir de análises autoconscientes, críticas e participativas, engajadas com a ideia de que há o (re)conhecimento do poder da função autoral.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

Esse tipo particular de investigação expressa o que chamo de “pesquisa (in)corporada”, decorrente de experiências que, na língua inglesa e, especialmente, nos ECF, deflagram-se a partir do *embodiment* ou *embodied*. Essas experiências, segundo Silk, Andrews e Thorpe (2017), demarcam processos de (in)corporação de estruturas sociais e culturais que, de maneira direta, impactam na representação de identidades corporais e na maneira como estas reproduzem e, também, transformam tais estruturas, em especial, a partir da desestabilização de relações de poder social.

Nessa esteira, Giardina e Newman (2011) entendem que o corpo necessita ser inserido na agenda teórica, metodológica e prática do ato de pesquisa, como forma de se apontar para caminhos sustentáveis que consigam subverter estruturas de poder contemporâneas presentes nas diversas esferas em que a cultura física manifesta-se. Daí ser possível visualizar o corpo como espaço de reprodução social e cultural e, de igual maneira, como local no qual rupturas sociais possam ser produzidas por meio de ações alternativas, desestabilizadoras e resistentes, estabelecendo local de contestações e lutas contínuas.

Para além de tais aspectos, ao (in)corporar-se à pesquisa, a autoria posiciona-se por meio de seu papel político e assume seu engajamento à realidade na qual busca investigar e, conseqüentemente, intervir. Essa dimensão política está associada ao compromisso em analisar o corpo, bem como sua materialização na cultura física, a partir de demarcadores hierárquicos que fundamentam as divisões culturais na sociedade e que corroboram com injustiças culturais; vantagens ou desvantagens; habilitações ou restrições de diversos corpos (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017).

A partir dessa concepção de pesquisa, logo, intervenção – seja na perspectiva subjetiva de como pesquisadores/as lidam com seus corpos no processo investigativo ou como lidam com experiências e/ou com representações de outros corpos a partir do entendimento das diferenças – visualizo a possibilidade de (re)conhecimento e de visibilidade social. Entendo que para que tais processos sejam consolidados no campo acadêmico, é necessário que pesquisadores/as realizem exercício autorreflexivo com o intuito de compreender como operações de poder são articuladas

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

em seus corpos e, logo, em seus afazeres científicos. Trata-se, portanto, de um processo de empoderamento social que traga à pesquisa como subjetividade, representações e experiências impactam na maneira como corpos são visualizados e, conseqüentemente, compreendidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao problematizar como é possível pensar o corpo a partir dos Estudos Culturais Físicos por meio das contribuições desse campo para o reconhecimento e visibilidade social assumi a ideia de que é necessário desafiar as desigualdades no campo da cultura física. Isso quer dizer que, como pesquisadores/as é necessário que façamos mais que apenas interrogar, debater e deliberar sobre o corpo. Afinal, ao pesquisarmos e intervirmos, estamos evidenciando discursos, práticas e representações que possibilitam o acionamento de dispositivos de resistência e/ou redenção, especificamente, a partir do que se expressa pela dimensão corpórea humana.

Dito isso, a pesquisa (in)corporada, nesse sentido, serve como aporte para que diversos corpos estejam inseridos na investigação, não como forma de exaltar as diferenças ou, simplesmente, celebrá-las, mas, como maneira de demarcar diferenças sociais. Nesse sentido, essas diferenças auxiliam na compreensão de como corpos se organizam, são experimentados e representados em meio às relações de poder. Nessa perspectiva, visualizo possibilidades de vislumbrar formas de reconhecimento e visibilidade de diferentes corpos na sociedade contemporânea, o que contribui para o exercício político da pesquisa, em especial, a partir da intervenção social, de maneira que faça a diferença na vida daqueles/as que estão sendo investigados.

BODY RECOGNITION IN PHYSICAL CULTURAL STUDIES: EMBDODIED RESEARCH AS A MEANS FOR SOCIAL VISIBILITY

ABSTRACT

In this text I problematize the body through Physical Cultural Studies, especially across possible contributions to the understanding of recognition and social visibility. Therefore, I take the view that it is necessary to challenge inequalities in physical

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

culture through embodied research, namely that investigations recognize the political function of authorship and social power operations through several bodies.

KEYWORDS: Body; Physical Cultural Studies; Qualitative research.

RECONOCIMIENTO DEL CUERPO EN ESTUDIOS CULTURALES CULTURALES: INVESTIGACIÓN INCORPORADA COMO UN MEDIO PARA LA VISIBILIDAD SOCIAL

RESUMEN

En este texto problematizo el cuerpo por medio de los Estudios Culturales Físicos, especialmente a través de posibles contribuciones a la comprensión del reconocimiento y la visibilidad social. Por lo tanto, considero que es necesario desafiar las desigualdades en la cultura física a través de la investigación incorporada, a saber, que las investigaciones reconocen la función política de la autoría y las operaciones de poder social a través de varios organismos.

PALABRAS CLAVES: Cuerpo; Estudios Culturales Físicos; Investigación cualitativa.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, D. L. Kinesiology's inconvenient truth: the physical cultural studies imperative. *Quest*, v. 60, n. 1, p. 46-63, 2008.

GIARDINA, M. D.; NEWMAN, J. I. Physical Cultural Studies and Embodied Research Acts. *Cultural Studies - Critical Methodologies*, v. 6, n. 1, p. 523 –534, 2011.

GROSSBERG, L. The circulation of cultural studies. *Critical Studies in Mass Communication*, v. 6, n. 4, p. 413–420, 1989.

INGHAM, A. G. Toward a department of physical cultural studies and an end to tribal warfare. In: FERNANDEZ-BALBOA, J. (Org.). *Critical postmodernism in human movement, physical education, and sport*. Albany: State University of New York Press, 1997.

KING-WHITE, R. Oh Henry!: Physical Cultural Studies" Critical Pedagogical Imperative. *Sociology of Sport Journal*, v. 29, n. 1, p. 385-408, 2012.

LARA, L. M.; RICH, E. Os estudos de cultura física na Universidade de Bath-Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. *Movimento*, Porto Alegre, v. 23, n. 4, p. 1311-1324, out./dez. de 2017.

SILK, M.; ANDREWS, D. L. Toward a Physical Cultural Studies. *Sociology of Sport Journal*, v. 28, n.1, p. 4-35, 2011.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. Introduction. In: SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, 2017.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

**AS APROPRIAÇÕES NEOLIBERAIS DO CORPO DA DIVERSIDADE
CULTURAL**

Luane Maciel Freire, Universidade Estadual de Maringá (UEM),

luanemfreire@gmail.com

RESUMO

Este texto objetiva discutir a apropriação da diversidade cultural pela economia neoliberal no contexto da década de 1990. Problematiza-se a entrada de corpos diversos culturalmente nos museus contemporâneos com o patrocínio corporativo das artes. A partir do materialismo histórico dialético investiga-se os reais interesses do patrocínio da obra do artista japonês Yasumasa Morimura intitulada Red Marilyn, que ganhou o prêmio Hugo Boss em 1996 em parceria com o Museu Guggenheim de Nova York.

PALAVRAS-CHAVE: neoliberalismo; corpo e diversidade - cultural; patrocínio das artes.

INTRODUÇÃO

O Estado neoliberal foi inaugurado pelas experiências de governos neo - conservadores, com a presidência de Margaret Thatcher, na Inglaterra em 1979 e de Ronald Reagan, nos EUA em 1980. Em síntese, os governos neoliberais são direcionados pela abertura do mercado e tratados de livre comércio, redução do segmento público da intervenção estatal na regulação da economia. Centrado na diminuição do setor estatal por meio do incentivo da privatização, converge entre teorias e grupos de interesses relacionados a economia da oferta e monetarista, grupos neo - conservadores culturais que se opõe as políticas distributivas de bem-estar social². (TORRES, 1995). Na conjuntura destes dois governos a cultura e a arte

² A teoria de Estado de bem-estar social foi elaborada por liberais reformistas que defendiam a intervenção estatal, em especial formulada pela filosofia social de John Maynard Keynes publicada em 1936 “Teoria geral do emprego, do juro e da moeda”, que alega o dever do Estado em gerir as riquezas macroeconômicas para obter conhecimento e controle prático. Deste modo o poder público deve regular a instabilidade de emprego e investimento gerada pelas contradições do capital, visando amenizar as crises econômicas e sociais geradas por esse sistema. Isto é, a coexistência mais harmônica entre capitalismo e setor público. (MORAES, 2001).

passaram a ser submetidas ao processo de privatização, ocorreu uma ampliação da intervenção empresarial nestes dois setores, principalmente no campo museológico, visto no expoente crescimento da atuação e da interferência corporativa na promoção da cultura contemporânea. (WU, 2006).

A relação entre cultura e neoliberalismo foi intensificada nos países Estados latino-americanos nos anos 1990. Momento em que várias parcelas da burguesia passam a glorificar temática cultural. Frederico (2016) denomina este fenômeno como *culturalização da economia*, a máxima do capitalismo tardio, anunciada pelo termo “economia criativa” que refere-se ao novo eixo de negócios rentáveis. Em 2008 este ramo foi encarregado de 7% do PIB mundial, o que levou a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) a dividir suas atribuições com a Organização Mundial do Comércio (OMC). Período em que a economia cultural passou a integrar as políticas públicas brasileiras marcado pela gestão do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), que publicou com o Ministério da Educação (MEC) a cartilha “cultura é um bom negócio”, onde buscou associar a iniciativa privada com o Estado no subsídio para o desenvolvimento cultural.

Perante este cenário problematiza-se a apropriação da cultural pela economia neoliberal. Especificamente o interesse do patrocínio corporativo das artes em corpos que representam a diversidade cultural. Para tal investiga-se o caso da obra *Red Marilyn*, produzida pelo artista Yasumasa Morimura, finalista do prêmio Hugo Boss em parceria com o Museu Guggenheim de Nova York no ano de 1996, os reais interesse corporativos da empresa em patrocinar este trabalho de corpo fora do eixo ocidental. Com base na categoria de historicidade postulada por Marx procura-se analisar como este fenômeno particular se relaciona com a totalidade da conjuntura econômica neoliberal. (BOTTOMORE, 1988). Assim, organiza-se esta exposição em dois momentos, no primeiro realiza-se uma contextualização histórica da apropriação

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

da diversidade cultural pelo mercado neoliberal a partir das políticas de tolerância e multiculturalismo. E em seguida apresenta-se a análise da obra de Morimura na conjuntura de seu financiamento pela empresa Hugo Boss em parceria com o Museu Guggenheim.

DIVERSIDADE CULTURAL NA ÓTICA NEOLIBERAL

Com a intensificação do neoliberalismo como modelo econômico as políticas de diversidade cultural são instituídas no Brasil e na América Latina. Em 1990, a UNESCO criou a “*Rede das Américas e Caribe para a Tolerância e Solidariedade*”, para divulgar o ideário da Tolerância em todo o continente, seu propósito abarca a posição estratégica deste território, ao mesmo tempo que concentra os maiores índices de pobreza também reserva uma grande riqueza de recursos naturais e de força de trabalho a serem exploradas pelo capital internacional. (FAUSTINO e CARVALHO, 2015). No Brasil com o governo FHC, as políticas para a diversidade cultural foram instituídas no país, a partir do seminário “Multiculturalismo e racismo: o papel da ação afirmativa nos Estados Democráticos Contemporâneos” organizado em 1996 onde então presidente tratou sobre a viabilidade de conformar as políticas do multiculturalismo norte-americano à realidade brasileira, com o propósito de abordar o respeito à diversidade cultural sem tocar nas questões de classes. (FAUSTINO, 2006).

Políticas que aparentemente visam disseminar o respeito à diversidade, não buscam romper com a desigualdade social estrutural, mas tornam-se um instrumento de controle para as tensões sociais com o acirramento das contradições do sistema, por meio da integração dos grupos historicamente excluídos na lógica do mercado neoliberal. (WALSH, 2013).

Movimento identificado na origem histórica dos termos Tolerância e multiculturalismo. Sobre o primeiro este ideário inaugurou as políticas para a diversidade cultural no fim da Segunda Grande Guerra Mundial, com a “Declaração Universal dos Direitos Humanos” publicada em 1948 pela ONU (Organização das Nações Unidas). Embora a tolerância fomenta o discurso do respeito as diferenças,

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

ao ser composta pelos países membros do bloco capitalista buscou articular a criação de políticas para a manutenção da estabilidade econômica, muitas vezes restritas a conciliação das tensões dos conflitos étnico-raciais e manutenção da estrutura socioeconômica vigente. A própria palavra tolerância deriva do latim “*tolere*”, no sentido de suportar o outro suas escolhas morais, políticos e religiosos reconhecê-lo como sujeito de direitos, assim deixa intacta as relações econômicas, a propriedade privada e a exploração da força de trabalho pela classe dominante. (FAUSTINO e CARVALHO, 2015).

Já o multiculturalismo foi evidenciado pela Fundação Ford³ nos anos 1960, como resposta da crise política vivenciada pelos EUA, agravada pelos levantes de vários segmentos sociais expostos à discriminação, inclusive o Movimento negro conhecido como *Civil Rights*. A radicalização destes protestos fez com que o governo adotasse o multiculturalismo como forma de gestão dos conflitos civis por meio do estímulo de organizações particulares e lutas de causas específicas. anuncia o fim de amplas coalizões sociais. (SILVA, 2012).

Para Žižek (1998) o multiculturalismo tornou-se a lógica cultural do capitalismo tardio, o capital perdura sob sua forma mais arcaica, mas o ódio racista contra o outro é ocultado pela conduta tolerante. Entretanto “[...] ‘os direitos humanos universais’ são, na verdade, os direitos dos proprietários brancos do sexo masculino.” (Žižek, 1998, p. 12).

Sob tal lógica a cultura é assimilada pelo capital especulativo financeiro, deixa de ser um bem público para tornar-se um ativo financeiro aguardando valorização, tanto dos especuladores como dos bancos do mercado de capitais que passam a se encantar pela arte e pela cultura, inclusive pela diversidade cultural, especificamente ficam empolgados pelo seu valor de troca pela possibilidade de constante valorização e não pelo seu valor de uso. (FREDERICO, 2016).

³ A Fundação Ford é uma instituição americana, criada em 1936 pelos proprietários da Ford Motor. (SILVA, 2012)

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

RED MARILYN/ 1996 YASUMASA MORIMURA

A obra de Yasumasa Morimura intitulada Red Marilyn foi produzida em 1996, compõe uma série de autorretratos do artista travestido de figuras de mulheres icônicas e canônicas ocidentais. No mesmo entrou na lista dos 5 finalistas do prêmio promovido pela marca de confecção alemã Hugo Boss em parceria com o Museu Guggenheim em Nova York. Prêmio que representa uma aliança de conveniência entre celebridades, negócio que mobiliza 5 milhões de dólares originando duas a três exposições no museu. Uma de suas finalidades consiste em atrair a atenção de uma ampla faixa de público no campo da arte e da moda, parceria planejada para buscar alcançar uma maior visibilidade da mídia internacional destes dois campos. (WU, 2006).

A autora explica que o patrocínio ofertado para a cultura e a arte por parte das grandes corporações empresariais tornou-se uma prática nos anos 1980 com a intensificação do neoliberalismo dos governos Reagan e Thatcher. Com a finalidade de: 1) Campanha publicitária, conforme o produto oferecido pela companhia; 2) ferramenta de projeção da sua autoimagem, com intuito de sua autopromoção, de seus produtos e serviços. 3) Burilar imagens de empresas que causam danos à saúde, meio ambiente entre outros. Este último muito eficaz para corporações de petróleo, de cigarro e de armas. Não é coincidência, que as companhias de petróleo, como a Exxon e a Mobil forneçam as maiores quantias para as artes e a cultura nos EUA.

Segundo Wu (2006), no caso da Hugo Boss, em 1990, a marca planejou abrir vinte lojas nos Estados Unidos. Para entrar neste mercado foi necessário polir sua imagem entre os concorrentes. Os seus ternos requintados conquistaram a imagem de ricos, caros e conservadores, descritos como equivalente a BMW no mundo dos alfaiates. Além disso, sabe-se do seu envolvimento com a Alemanha nazista, chegou a confeccionar uniformes para o exército alemão durante a Segunda Guerra mundial⁴. Sendo assim, “[...] existe forma melhor de avivar a imagem conservadora de seus

⁴ Informações sobre as empresas que se beneficiaram do nazismo estão contidas na publicação da reportagem Volks, BMW, Hugo Boss: essas e outras gigantes ajudaram Alemanha nazista... escrita por Ricardo Marchesan para o site da UOL em 12 set. 2017. Acessado em 17 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2017/09/12/empresas-nazismo.htm>>.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

ternos do que a associação com a arte de ponta e ““em evidência””?” (WU, 2006, p.195.). Para tal o prêmio contou com um quadro internacional de jurados, com a incumbência de listar artistas finalistas dos cinco continentes, incluía dois norte-americanos, um canadense, um artista das Bahamas, um japonês e um chinês, é o caso da obra Yasumasa Morimura. Ação que expressa uma declaração política por parte da empresa, pois a escolha de candidatos orientais ou africanos pode ser visto como figuras de fachada que representa um gesto politicamente correto das multinacionais, como empresas que abarcam a globalização não apenas em termos econômicos, mas também em termos culturais. Ocupam geralmente o lugar combinado entre uma agradável arte conceitual e do antigo exotismo. “[...] essas obras se ajustam [...] suficientemente ao exotismo para que os espectadores ocidentais identifiquem sua etnicidade, mas não tão étnicas a ponto de provocar rejeição.” (WU, 2006, p.198).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou explicar sobre a a apropriação da diversidade cultural pela economia neoliberal no contexto da década de 1990 a partir da problematização da entrada de corpos diversos culturalmente nos museus contemporâneos com o patrocínio corporativo das artes, exemplificado pelo caso do da fotografia do artista japonês Yasumasa Morimura, intitulada Red Marilyn, que conquistou o prêmio Hugo Boss em parceria com o Museu Guggenheim de Nova York no ano de 1996. Ao elencar a categoria de historicidade relacionando este fenômeno particular com a totalidade da conjuntura. Observa-se que com a adoção do neoliberalismo principalmente nos governos Thatcher e Reagan na década de 1980, este modelo econômico é adotado em boa parte da América Latina e Brasil. Aderindo a Reforma de Estado por meio de políticas que visam a diminuição do setor estatal em diversos segmentos, um maior incentivo a privatização e a ampla abertura do mercado por meio de tratados comerciais. Neste contexto na década de 1990 há uma ampla divulgação das políticas multiculturalistas e do ideário da tolerância visando acomodar o discurso sobre a diversidade cultural, mas visando deixar intocada as questões de

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

classes. A partir desta lógica a cultura e a arte passam a ser assimiladas pelo capital especulativo financeiro, deixa de ser um bem público para tornar-se um bem privado. Em tal movimento o patrocínio milionário do prêmio Hugo Boss em parceria com o Museu Guggenheim ofertado para o evento destinado a exposição da obra de Yasumasa Morimura intitulada Red Marilyn/1996 teve como interesse o burilamento da auto-imagem da empresa como uma estratégia para a sua entrada no mercado norte-americano, para tal elencou cinco representantes dos cinco continentes, que incluía o japonês Morimura, para realizar uma declaração política que apesar de origem alemã busca a marca possui uma visão global. Isto é, a escolha de candidatos orientais ou fora do eixo ocidental consiste em um gesto politicamente correto, que abarca figuras de fachada para representarem as imagens das multinacionais como empresas que aderiram a globalização não somente em termos econômicos, mas também em termos culturais.

NEOLIBERAL APPROPRIATIONS OF THE BODY OF CULTURAL DIVERSITY

ABSTRACT

This objective text to discuss the appropriation of cultural diversity by the neoliberal economy in the context of the 1990s. The entry of culturally diverse bodies into contemporary museums with the corporate sponsorship of the arts is problematized. From dialectical historical materialism we investigate the real interests of sponsoring the work of Japanese artist Yasumasa Morimura entitled Red Marilyn, who won the Hugo Boss Award in 1996 in partnership with the Guggenheim Museum of New York.

KEYWORDS: neoliberalism; body and diversity - cultural; sponsorship of the arts.

APROPIACIONES NEOLIBERALES DEL CUERPO DE LA DIVERSIDAD CULTURAL

RESUMEN

Este documento tiene como objetivo discutir la apropiación de la diversidad cultural por parte de la economía neoliberal en el contexto de la década de 1990. La entrada de organismos culturalmente diversos en los museos contemporáneos con el patrocinio corporativo de las artes es problemática. Desde el materialismo histórico

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

dialéctico investigamos los intereses reales de patrocinar el trabajo del artista japonés Yasumasa Morimura titulado Red Marilyn, quien ganó el Premio Hugo Boss en 1996 en colaboración con el Museo Guggenheim de Nueva York.

PALABRAS CLAVES: neoliberalismo; cuerpo y diversidad - cultural; patrocinio de las artes.

REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

FAUSTINO, R. *Política educacional nos anos de 1990: o multiculturalismo e a interculturalidade na educação escolar indígena*. 2006. 329 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2006.

FAUSTINO, R. C.; CARVALHO, E. J. G. de. Tolerância e diversidade: dos princípios liberais clássicos à política educacional dos anos de 1990. *Horizontes*, v. 33, n. 2, p. 67-80, jul./dez. 2015.

FREDERICO, C. *Ensaio sobre marxismo e cultura*. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.

MORAES, R. *Neoliberalismo: de onde vem para onde vai?* São Paulo: Senac, 2001.

SILVA, U. *Racismo e alienação: uma aproximação a base ontológica da temática racial*. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

TORRES, C. Estado, privatização e política educacional: elementos para uma crítica do neoliberalismo. In: APPLE, M. et.al.; GENTILI, P. (Org.). *Pedagogia da exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

WALSH, C. (Ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Quito: Abya-Yala, 2013. t. 1.

ZIZEK, S. Multiculturalismo ou a lógica cultural do capitalismo multinacional. In: JAMESON, F; ZIZEK, S. *Estudos Culturais: reflexões sobre o multiculturalismo*. Buenos Aires: Paidós, 1998.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

**DOS TERRITÓRIOS URBANOS AOS INDÍGENAS NO PARANÁ:
ELEMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS DE
ESPORTE E LAZER**

Giuliano Gomes de Assis Pimentel, Universidade Estadual de Maringá (UEM),
ggapimentel@uem.br

RESUMO

Apresento reflexões sobre direito ao lazer e relações do lazer com territórios urbanos e indígenas. Para tanto, analiso dados de minhas pesquisas sobre a questão multicultural e o lazer desviante.

PALAVRAS-CHAVE: territórios; práticas corporais; cultura; esporte.

INTRODUÇÃO

O lazer é considerado um direito abrangente a todos e todas, tanto pela Declaração Universal dos Direitos Humanos quanto pela Constituição brasileira, o que reverbera em um conjunto de textos e cartas institucionais. Se levarmos esse direito à radicalidade, ou seja, formos rigorosos em sua aplicação, temos que forçosamente considerar que há barreiras para o usufruto do lazer, conforme aspectos como: idade, classe social, raça ou gênero.

Nesse sentido, evoco recorrentemente a um imperativo categórico, no qual, particularmente, não me vejo um defensor das agendas positivas, com a de cotas. Ideal que estejamos em uma sociedade sem desigualdade. Todavia, como elas acontecem, então precisamos fazer políticas ou mesmo revoluções para enfrentar esse problema. Logo, é no mínimo inconstitucional aqueles que se voltam contra as políticas públicas que visam a inclusão. Portanto, mais que a favor das políticas setoriais e afirmativas, sou um anti-anti-políticas afirmativas. Enquanto houver grupos sociais que, pelo fato de serem 'minorias', sofrem abusos e têm o direito ao lazer ameaçado, lá precisaremos estar – seja como Estado ou como sociedade civil organizada.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

É com esse pressuposto, pois, que faço a leitura do tema Lazer, corpo e arte como direito. Na busca pela garantia do direito conquistado, sabemos das desigualdades. Em certa medida, só para me restringir às políticas (estatais ou paraestatais), como os grupos sociais e, em última instância, os corpos são detentores de capitais desiguais, certos indivíduos-coletivos, para usar um termo de Elias (1994), são marginalizados (colocados à margem dos direitos), o que acentua a invisibilidade de suas práticas sociais, seus corpos, sua arte.

Podemos enumerar um conjunto de lutas, armadas ou não, nas quais esses grupos emergem na luta por reconhecimento, desde a Revolta dos Malês, escravos africanos em Salvador, 1835, de perspectiva mulçumana (LOPES, 1988) até a efervescência das revoltas latino-americanas de 2019, a exemplo da luta por direitos ao reconhecimento das diferenças culturais na Bolívia frente às perseguições religiosas (ALVARENGA e LELLIS, 2018). Mas cada território encontra uma expressão singular, como o caso do Chile que, desde outras revoltas, como a dos Pinguins em 2011, demonstra que o bom crescimento econômico naquele país foi percebido pela população como resultado de sua exploração. Assim, a classe trabalhadora não mais suportou ver a riqueza produzida não ser repartida corretamente, gerando sucessivas lutas por direitos (OLIVEIRA, 2011).

Dadas essas considerações preliminares, nos limites de minha leitura sobre o tema proposto, apresento reflexões sobre direito ao lazer e relações do lazer com territórios urbanos e indígenas. Para tanto, analiso dados de minhas pesquisas sobre a questão dos povos nativos (BOARETTO e PIMENTEL, 2017; BOARETTO, MOLENA-FERNANDES e PIMENTEL, 2015, PIMENTEL, UEMA e OLIVERIA, 2013; FERREIRA e PIMENTEL, 2013) e a do lazer desviante (SILVA, PIMENTEL e CHAO, 2018; GONÇALES, PEREIRA e PIMENTEL, 2014; RIBEIRO e PIMENTEL, 1996).

A LUTA XETÁ, GUARANI E KAINKANG

Índigena ou índio é um termo genérico com o qual os colonizadores e nós por reprodução designamos os povos nativos no Brasil. Da mesma forma que aldeia, em Portugal, significa um povoado e que aqui foi aplicado para se referir à um grupo nativo

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

ocupando de forma gregária um território. Todavia, esses povos, nas suas centenas de línguas, possuem identidades e costumam se entender como Guarani; Kaingang; ou Xetá, só para ficar no atual estado do Paraná.

Em 2011 tivemos a oportunidade de realizar uma experiência de intercâmbio com esses povos. Isso foi proporcionado graças ao edital da Rede CEDES, que é voltado para formação de Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer. Portanto, para que políticas públicas de lazer sejam fundamentadas é necessário também que tenhamos políticas científicas para induzir pesquisas sobre essas questões. Primeiro, realizamos em parceria com o Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história (Tulha), da UEM, levantamento das 30 terras indígenas no estado.

Foi uma experiência que nos surpreendeu, pois não imaginávamos o quanto iríamos aprender com esses contatos. Todavia, era necessário chegar até eles. De fato, um primeiro aspecto da invisibilidade dos povos nativos está na dificuldade logística de acesso a suas terras. Por outro lado, pudemos identificar políticas efetivas, como a atenção básica à saúde, gerida pela FUNASA e o Vestibular dos Povos Indígenas, que agrega as universidades públicas paranaenses. Ainda a respeito da saúde, nos preocupa que o contingenciamento desses povos, sem hábitos sedentários originalmente, em reservas e a presença de alimentação processada, vem resultando em problemas de obesidade (BOARETTO, MOLENA-FERNANDES e PIMENTEL, 2015).

Em termos de esporte e lazer, percebemos duas dimensões, uma interna de resignificar o futebol e outra externa de mostrar sua cultura, das quais tratamos em publicações diversas, especialmente a partir das pesquisas da Rede CEDES e dos trabalhos de iniciação científica e mestrado conduzidos nessa temática sob minha orientação (BOARETTO e PIMENTEL, 2015; PIMENTEL, UEMA e OLIVERIA, 2013; FERREIRA e PIMENTEL, 2013).

Na realidade pesquisada há muito mais que futebol e na dança. Mas em termos simbólicos, ambas práticas cumprem papel político de afirmação do corpo, das manifestações culturais e da identidade para dar visibilidade dos povos Guarani e

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

Kaingang para os não-indígenas. No momento, percebemos que, entre os Xetá, cuja população quase foi toda dizimada, a luta é pela recuperação da língua e de produções materiais.

A dança, conforme estudamos, é uma tática para mostrar a autenticidade dessas populações como detentoras de cultura. É uma resposta à visão estática de índio, que o senso-comum nos impele a acreditar que esses povos ainda vivem tal qual foram encontrados no Século XVI, pelos colonizadores europeus. Isso é uma inverdade, pois, como qualquer cultura, os Guarani, Xetá e Kaingang estão em movimento, sempre atualizando seu modo de viver. Todavia, como há um imaginário que índio (no genérico) precisa estar trajado com cocar e pintura corporal, muitas terras adotam a tática de preparar danças que são exclusivamente adaptadas para satisfazer nosso imaginário. Daí, podemos afirmar, com todo equívoco: -Olhe, que bacana essa 'tribo' ainda possui cultura!

Já o futebol, ao contrário de uma 'aculturação, coisa que não existe, tem sido adotado pelos povos nativos tanto por sua capacidade de mobilizar emoções quanto por ser uma forma deles nos enfrentarem simbolicamente, demonstrando que são fortes e aguerridos. O fazem numa linguagem corporal, o esporte, que conhecemos e compreendemos. Portanto, os times de futebol e os grupos de dança de cada terra indígena são expressões da cultura, mas, também, da política deles.

Após nossas pesquisas ampliarem nosso conhecimento a respeito desses significados, pudemos avançar para a realização de eventos de futebol e de festivais culturais, para atender às demandas apresentadas pelas lideranças Kaingang e Guarani, as quais não são uniformes e possuem convergências e tensões, até mesmo na definição de quem é ou não é índio para eles.

Frente a isso, essa experiência foi importante para aproximar a universidade dessas populações e caracterizar a importância de ir a campo para compreender a realidade. E também evitar a pirataria cultural que seria coletar suas artes corporais e nos apropriarmos do conhecimento deles. Assim, nossas produções buscaram respeitar o protagonismo dos Kaingang, Xetá e Guarani e promover a visibilidade de sua cultura a partir do intercâmbio que resultou em colocá-los em evidência.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

À MARGEM, OS DESVIOS

O estudo do lazer desviante se impôs em minhas pesquisas a partir da dificuldade em pesquisar ou interagir profissionalmente com determinadas práticas corporais que sofriam barreiras moralistas. Isso se manifestou em meu primeiro trabalho de campo, com pesquisa participante, quando, pesquisei as diferenças de classe entre o lazer dos jovens de periferia e da burguesia, numa cidade do interior mineiro. Enquanto as práticas dos jovens com capital econômico se davam em ambientes socialmente estabelecidos pelo status quo, os jovens da periferia tinham de conviver com a provisoriade dos espaços de convívio quando saíam de seu “pedaço”. No baile funk, por exemplo, a vigilância oficial se dava na entrada por meio de revistas policiais e, na saída, pela escolta da viatura aos grupamentos juvenis que caminhavam dos locais de baile, no centro, rumo à periferia (RIBEIRO e PIMENTEL, 1996).

Posteriormente, fui percebendo que era necessário estudar também a ocorrência do desvio em nível lúdico. Assim, numa perspectiva foucaultiana, pude desconstruir visões romantizadas acerca da experiência lúdica, como se ela fosse algo sempre bom, positivado (PIMENTEL, 2010). E frente a isso, fui estabelecendo diálogos sociológicos com pensadores como Chris Rojek e Howard Becker, de modo a aproximar seus estudos, respectivamente, sobre lazer desviante e carreiras desviantes aos objetos corpo, cultura e ludicidade na Educação Física.

Um exemplo é o uso recreativo das redes sociais para cyberbullying. Observamos como as novas tecnologias podem servir para diversões cruéis de linchamento virtual, seja em um grupo reservado ou de forma pública. No estudo de Gonçalves, Pereira e Pimentel (2014), demonstramos que comunidades virtuais produzem cyberbullying, especialmente para desqualificar meninas a partir das estéticas corporais. Assim, quando falamos de lazer desviante, é preciso compreender o todo e analisar detidamente quando o desvio -aos padrões- resulta em invisibilidade dos sujeitos e quando a invisibilidade anônima das redes facilita desvios que visibilizam pejorativamente os (in)visibilizados.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

Ainda, todavia, era preciso aprofundar para chegar a questões que levassem à compreensão das causas dos desvios para fomentar atividades, programas e políticas nas quais a Educação Física tivesse papel para assegurar o direito ao lazer e dar visibilidade aos excluídos, sejam eles jovens funkeiros da periferia ou adolescentes destituídas da estética modal.

Com isso, fomos avançando em questões fronteiriças, como o caso do processo de recuperação de dependentes de álcool e drogas ilícitas. Superando o moralismo que julga essas pessoas como viciados, encontramos os significados culturais que essas pessoas constroem para essa experiência, cujo início é cercado de características recreativas e de “sensações de fluxo” até se corromper. Com base no referencial sobre o comportamento desviante, entendemos que o processo de recuperação também requer uma dimensão lúdica, à qual as pessoas sujeitadas à dependência possam resignificar práticas. (SILVA, PIMENTEL e CHAO, 2018). A transcendência observada, por exemplo, nas experiências de recuperação da dependência química em comunidades religiosas, expressa nossa tese de que esses grupos invisibilizados precisam dar significado, para além de si, à trajetória de suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos 15 anos do Grupo de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade, rememoramos nossa luta pelo reconhecimento dos corpos marginais, sejam eles dos povos nativos e dos grupos periféricos. A contribuição das abordagens socioculturais à área tem relevado que o corpo precisa ser compreendido como portador de cultura e que os grupos marginalizados fazem resistência contra a invisibilidade, conforme exemplificado nos estudos ora apresentados. Em suma, para fazer boa Educação Física, precisamos desenvolver pesquisas sobre os significados culturais e os aspectos macrossociais que envolvem a prática corporal.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

FROM URBAN TERRITORIES TO INDIGENOUS LANDS PARANÁ: ELEMENTS FOR THE DEVELOPMENT OF SPORT AND LEISURE POLICIE

ABSTRACT

I introduced my approach about leisure in natural and urban territories. In advance, I analyzed data from my research on the multicultural issue and deviant leisure.

KEYWORDS: territories; body practices; culture; sport.

DESDE LOS TERRITORIOS URBANOS HASTA LAS TIERRAS INDÍGENAS EN PROVINCIA DEL PARANÁ: ELEMENTOS PARA EL DESARROLLO DE POLÍTICAS DEPORTIVAS Y DE OCIO

RESUMEN

Esta es una presentación de reflexiones sobre el derecho al ocio y sus relaciones con los territorios urbanos e indígenas. Con este fin, analicé los datos de mi investigación sobre temas multiculturales de los pueblos indígenas y el ocio marginal.

PALABRAS CLAVES: territorios; actividad corporal; cultura; deporte

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L. G., LELLIS, N. Evo Morales e cristianismos na Bolívia: identidades em disputa. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 11, n. 32, p. 153-174, 2018.

BOARETTO, J. D.; PIMENTEL, G. G. A. Sport on indigenous lands in the Paraná State: elements for a public policy. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 31, p. 247-257, 2017.

BOARETTO, J. D.; MOLENA-FERNANDES, C. A.; PIMENTEL, G. G. A. Estado nutricional de indígenas Kaingang e Guarani no estado do Paraná, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, p. 2323-2328, 2015.

BOARETTO, J. D.; PIMENTEL, G. G. A. Os Kaingang do Ivaí, suas danças e a Educação Intercultural. *Movimento*, v. 21, p. 633-644, 2015.

ELIAS, N. *Teoria simbólica*. Oeiras, Portugal: Celta, 1994.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA 15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

FERREIRA, G; PIMENTEL, G. G. A. Educação Física intercultural: diálogos com os jogos e brincadeiras Guarani. *Revista Horizontes - Revista de Educação*, v. 1, p. 79-93, 2013.

LOPES, N. *Bantos, Malês e a identidade negra*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1988.

GONÇALES, C.; PEREIRA, B.; PIMENTEL, G. G. A. Escárnio de corpos, cyberbullying e corrupção do lúdico. *Movimento*, v. 20, p. 965-988, 2014.

OLIVEIRA, L. S. *Contra o quê luta o movimento estudantil no Chile?* *Revista Segurança Urbana e Juventude*, v. 4, n.1/2, 2011.

PIMENTEL, G. G. A.; UEMA, F. A. ; OLIVEIRA, A. A. B. Formação de liderança e educação para o lazer na realidade indígena: relato de um diálogo multicultural. *Revista Educación física y deporte*, v. 1, p. 1255-1263, 2013.

PIMENTEL, G. G. A. Sobre os desvios no lazer: questões para se pensar a corrupção do lúdico. In: L. M. L. (Org.). *Abordagens socioculturais em Educação Física*. Maringá: Eduem, 2010, p. 81-112.

RIBEIRO, M. G. M.; PIMENTEL, G. G. A. Representações sociais e experiências de lazer entre os jovens da cidade de Viçosa. *Motrivivência*, v. 8, n.9, p. 194-205, 1996.

SILVA, P. P. C.; PIMENTEL, G. G. A.; CHAO, C. H. N. Práticas corporais, comportamento desviante e consumo de álcool e drogas: uma revisão sistemática. *Motrivivência*, v. 30, p. 226-247, 2018.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

PESQUISA E ENSINO EM CORPO, CULTURA E LUDICIDADE
EM TEMPOS DE ADVERSIDADES⁵

Larissa Michelle Lara, Universidade Estadual de Maringá (UEM),

lmlarauem@gmail.com

RESUMO

Este ensaio problematiza a pesquisa e o ensino em corpo, cultura e ludicidade em tempos de adversidades. Para tanto, discuto a relação entre corpo, cultura e ludicidade como basilares ao ensino, à pesquisa e às práticas de intervenção na realidade social; situo o que chamo de ‘tempos de adversidades’ e como eles interferem em nossas práticas; problematizo o ensino e a pesquisa nesses temas a partir de algumas experiências na universidade.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; cultura; ludicidade.

INTRODUÇÃO

Corpo, cultura e ludicidade são expressões conceituais que nos levam a pensar em nossas práticas como não naturalizadas. O que entendo por não naturalizadas? Refiro-me à percepção de nossa construção como sujeitos históricos que produzem cultura, mas que são também produzidos/afetados por ela. Nascemos com uma dada estrutura corporal comum (às vezes, modificada), mas é a nossa relação com as pessoas, as condições materiais e sociais da vida, o modo como nos inserimos no mundo, que vão orientar a nossa construção identitária e o sentido ético-estético do nosso corpo.

O presente ensaio problematiza a pesquisa e o ensino em corpo, cultura e ludicidade num momento de perda de direitos e destituição de processos democráticos. Na primeira parte, volto-me a questões relacionadas ao corpo, à cultura e à ludicidade como basilares ao ensino, à pesquisa e a espaços de intervenção na realidade social; na segunda, situo o que chamo de “tempos de adversidades” e como

⁵ O presente trabalho não contou com apoio financeiro para sua realização.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

eles interferem em nossas práticas de ensino, pesquisa e intervenção na realidade social; na terceira, discuto a importância do ensino e da pesquisa nesses temas a partir de algumas experiências na universidade, o que inclui o trabalho desenvolvido junto ao Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade, ao longo de seus 15 anos.

CORPO, CULTURA E LUDICIDADE

Embora falemos em cultura, em corpo, em ludicidade, esses termos não são singulares. Expressam diferentes modos de ser e estar no mundo. Portanto, são plurais. Mesmo que nos refiramos à cultura do(a) professor(a), do(a) estudante, do corpo, estamos demarcando uma pluralidade de ações, as quais são afetadas pela história, pelas novas tecnologias e por suas implicações. Como afirma Hall (1997), vivemos uma revolução cultural. Visualizamos o declínio das perspectivas de “carreira” e dos empregos vitalícios; o declínio do trabalho na indústria e o aumento de serviços e outros tipos de ocupação; o aumento dos períodos de folga e o relativo vazio do “lazer”; as mudanças no tamanho das famílias e em seus padrões ao longo das gerações; o declínio do casamento e o aumento do divórcio; o envelhecimento da população; a intensificação de uma ética consumista hedonista.

Em meio a uma sociedade pautada na instrumentalização do humano, na relativização dos valores, na exacerbação dos desejos (sempre pré-fabricados) e no individualismo, precisamos estar atentos às formas de expressão da cultura, assim como ao corpo que constrói cultura e é por ela construído. Precisamos nos atentar a discursos que deslegitimam a cultura por sua não utilidade/materialidade, como se ela não estivesse impregnada em tudo que fazemos.

A cultura do corpo não é a expressão pura e simples de uma materialidade, mas é a representação do que somos em desejos, razão, sensibilidade, moralidade, gestualidade e que constituem nossa dimensão humana. “Recanto de virtudes e pudores, mas também de vícios e transgressões, o corpo é acontecimento, história, movimento, sentido ético-estético”. (LARA, 2010, p.76).

O lúdico não subsiste por si senão no corpo. É por meio do corpo que o lúdico se expressa. Como observa Gomes (2004, p. 105), apesar de o lúdico ser uma

'linguagem humana', manifesta de forma oral, escrita, gestual, visual, artística, entre outras, em várias etapas da vida, equívocos rondam o seu entendimento na sociedade capitalista à medida que ele é "[...] relegado à infância e tomado como sinônimo de determinadas manifestações", a exemplo de jogos, danças, festas, músicas, brinquedos, entre outras. Mas, adverte Gomes (2004, p.145): "[...] as práticas culturais não são lúdicas em si. É a interação do sujeito com a experiência vivida que possibilita o desabrochar da ludicidade". E isso inclui, certamente, a ordem social atual.

CORPOS ... EM TEMPOS DE ADVERSIDADES

Se algumas das adversidades pelas quais passamos pareciam relacionadas ao passado, elas retomam agora com força de verdade. Vivemos um período de novas inquisições que destituem processos democráticos e ferem nossa liberdade; ferem nosso corpo. "Como enfrentar o horror? Como resistir a um cotidiano em que a verdade é destruída dia após dia pela figura máxima do poder republicano?". "Por que estão atacando a cultura e a educação?", pergunta Eliane Brum (2019) – escritora, repórter e documentarista – em matéria intitulada *Doente de Brasil: como resistir ao adoecimento num país (des)controlado pelo perverso da autoverdade*. Ela entende que "[...] a cultura não é algo distante nem algo que pertence às elites, mas sim aquilo que nos faz humanos. [...] Precisamos recuperar a palavra como mediadora em todos os cantos onde houver gente. E fazer isso coletivamente, conjugando o nós, reamarrando os laços para fazer comunidade".

Os tempos de adversidades no contexto brasileiro podem ser lidos pelo controle e regulação da cultura e, conseqüentemente, do corpo e da nossa expressão lúdica. Tais ações de controle e regulação aparecem em formas discursivas como: 'menino veste azul; menina veste rosa'; 'precisamos combater a ideologia de gênero', 'indígena quer ser como a gente'; 'universidade é espaço de balbúrdia'. Projeto Escola sem Partido, censura à Agência Nacional do Cinema (Ancine) e a formas de expressão, "contingenciamento" (digo, saque) de recursos das universidades federais, exigência de comportamentos nacionalistas, descaso para com políticas públicas voltadas a artistas, populações ribeirinhas, quilombolas, indígenas, afro-descentes, entre outros,

são algumas formas regulação da vida, de controle dos corpos e perpetuação da consciência ingênua da população.

Em matéria intitulada *Naturalização do Horror*, Frei Beto (2019) contribui para situar os tempos de adversidades a que me refiro ao apresentar 10 táticas utilizadas como estratégia do atual governo para implementar o seu projeto de desmonte do país. Vou citar quatro delas: a) “despolitizar o discurso político e impregná-lo de moralismo”; b) “apropriar-se do Cristianismo e convencer a opinião pública de que ele [presidente] foi ungido por Deus para consertar o Brasil”; c) “sobrepôr o seu discurso [presidente], desprovido de fundamentos científicos, aos dados consolidados das ciências”; d) “alinhamento acrítico e de vassalagem à direita internacional, em especial a Donald Trump”.

Com a naturalização do horror, diferentes corpos, em suas diferentes culturas e maneiras de vivência da ludicidade são cotidianamente afetados. O que nós, educadores(as), pesquisadores(as) podemos fazer frente à conjuntura de desmonte do país e, de modo particular, da educação?

EXPERIÊNCIAS EM ENSINO E PESQUISA NA UNIVERSIDADE ... E PARA ALÉM DELA

Dado o cenário político-econômico atual e as ameaças à nossa democracia e à nossa liberdade de expressão, como promover experiências em ensino e pesquisa na universidade, e para além dela, que gerem formas de resistência por meio de consciências críticas e formativas? No sentido de compartilhar parte dessas ações lembro algumas pesquisas e práticas realizadas no campo do ensino na universidade que procuram enfrentar formas homogêneas e acríticas de acesso ao conhecimento, de desrespeito à diversidade e a políticas públicas que possam minimizar/modificar o quadro de desigualdade social.

De início, lembro a pesquisa *Políticas públicas de esporte e lazer em comunidades quilombolas no Paraná* (LARA, PIMENTEL, 2010) desenvolvida pelo GPCCL, que revelou a carência de políticas públicas de esporte e lazer nessas comunidades e de práticas corporais afro-brasileiras. Essas formas de desigualdade

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

aparecem na organização dos conhecimentos predominantes na realidade escolar, os quais tendem a invisibilizar saberes indígena ou afrodescendente nas práticas corporais oferecidas pela educação física, assim como em projetos e programas de políticas públicas de esporte e lazer.

Uma outra pesquisa desenvolvida pelo GPCCL, publicada como e-book, intitula-se *Educação Física e Cultura na América Latina*, organizada por Lara, Souza e Miranda (2019). Como informam os organizadores: “[...] houve a necessidade de conhecer a educação física em países que, como o Brasil, sofrem processos de exclusão e controle eurocêntrico e norte-americano a partir de mecanismos de regulação da economia, da educação, da saúde, do corpo, do esporte, entre outros”. São formas de alfabetização na cultura do outro, reconhecendo diferenças e semelhanças para potencializar diálogos profícuos.

Uma pesquisa, ainda em desenvolvimento pelo GPCCL relaciona-se ao campo dos Estudos Culturais Físicos, conhecido por *Physical Cultural Studies (PCS)*, que tive a possibilidade de conhecer mais de perto com o estágio pós-doutoral no Reino Unido⁶. O PCS pode ser entendido como um campo voltado para os corpos ativos (ou inativos), em suas dimensões (políticas, econômicas, históricas, estéticas), na sua diversidade (de gênero, classe, deficiência, etnia, habilidades, ente outras) e na maneira pela qual se relacionam com as operações de poder social. O PCS preocupa-se com um acesso democrático à cultura física como formas de lutar contra as desigualdades sociais. Tais leituras têm impactado a forma como o GPCCL pesquisa o corpo e o campo da cultura física.

No campo do ensino, tenho estimulado práticas que possibilitem respeitar as diferenças e a diversidade, bem como a necessidade de lutar por reconhecimento (de direitos, de minorias excluídas). Na universidade, alunos e alunas têm desenvolvido investigações e realizado a sua apresentação prática por meio de processos coreográficos, preocupados com a função social da arte e com uma experiência

⁶ Sobre o estágio pós-doutoral na Universidade de Bath (Reino Unido), cf. LARA, L.M.; RICH (2017).

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

estética significativa, sobretudo nesses tempos de adversidade. Temas como: assédio, violência doméstica, questões étnico-raciais, respeito à natureza, corpo transsexual, foram trabalhos materializados a partir de reflexões e do estímulo a um ensino resistente, crítico, interventor, que não se cala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir, ensinar e pesquisar sobre corpo, cultura e ludicidade constituem formas de enfrentamento da realidade social e de resistência a modos homogeneizantes que desrespeitam a diversidade da formação acadêmica, humanística e cidadã. Quais as nossas armas para esse enfrentamento? O que podemos fazer?

No sentido de refletir acerca de nossas ações como educadores(as), pesquisadores(as), lembro um trecho do discurso de Marcos Bagno⁷ (2019), o qual nos lembra que estamos sendo ameaçados não apenas por uma violência simbólica, mas também física, “[...] por uma ameaça aos nossos corpos, às nossas vidas”. Daí entender que nós precisamos aproveitar cada ato, fala, manifestação públicos para “[...] deixar muito claro que não vamos permitir, que vamos resistir de todas as formas que podemos e sabemos, que vamos principalmente nos unir pela preservação da vida, que está acima de todas as diferenças”. A sala de aula, os nossos laboratórios de pesquisa, os nossos escritos, as ruas, os espaços públicos coletivos, como entendo, são as nossas armas em defesa da vida, da democracia, da educação pública e gratuita e do respeito à diversidade e à liberdade de expressão.

RESEARCH AND TEACHING ON BODY, CULTURE AND LUDIC IN ADVERSITY TIMES

ABSTRACT

This essay problematizes research and teaching on body, culture and ludic in adversity times. To this end, I discuss the relation between them as essential to teaching, research and intervention practices in social reality; I situate what I call 'times of

⁷ Discurso proferido no encerramento do Congresso Nacional da Associação Brasileira de Linguística.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

adversity' and how they interfere in our practices; I problematize teaching and research on these themes from some experiences at the university.

KEYWORDS: body; cut; keyword 3; keyword 4; [Arial, 12]

INVESTIGACIÓN Y ENSEÑANZA EN CUERPO, CULTURA Y LÚDICO EN TIEMPOS DE ADVERSIDAD

RESUMEN

Este ensayo problematiza la investigación y la enseñanza sobre cuerpo, cultura y lúdico en tiempos de adversidad. Con este fin, discuto la relación entre ellos como fundamental para las prácticas de enseñanza, investigación e intervención en la realidad social; sitúo lo que llamo "tiempos de adversidad" y cómo ellos interfieren en nuestras prácticas; problematizo la enseñanza y la investigación sobre estos temas a partir de algunas experiencias universitarias.

PALABRAS CLAVES: cuerpo; cultura; lúdico.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. Glorificação da ignorância. *Carta Maior*, 16 jul. 2019. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br › Editoria › Glorificacao-da-ignorancia>. Acesso em: 22 jul. 2019.

BETO, F. Naturalização do horror. *Brasil de Fato*, São Paulo, s/p. 08 ago. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/08/08/artigo-or-naturalizacao-do-horror-por-frei-betto/>. Acesso em: 12 ago. 2019.

BRUM, E. Doente de Brasil: como resistir ao adoecimento num país (des)controlado pelo perverso da autoverdade. *El País*, Madri, s/p. 02 ago. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/01/opinion/1564661044_448590.html. Acesso em: 20 ago. 2019.

GOMES, C. L. Lúdico. In: GOMES, C.L.(Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 141-146.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: THOMPSON, Kenneth (Ed.). *Media and cultural regulation*. Londres: The Open University, 1997.

LARA, L.M. *Corpo, sentido ético-estético e cultura popular*. Maringá: Eduem, 2010.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA 15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

LARA, L.M.; PIMENTEL, G.G.A. *Políticas públicas de esporte e lazer em comunidades quilombolas no Paraná*. Maringá: Eduem, 2010.

LARA, L.M.; SOUZA, V.F.M.; MIRANDA, A.C.M. *Educação Física e cultura na América Latina*. E-Book. Disponível em: <<http://old.periodicos.uem.br/~eduem/novapagina/?q=node/719>>. Acesso em: 30 out. 2019.

LARA, L.M.; RICH, E. Os estudos de cultura física na Universidade de Bath-Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. *Movimento*, v. 23, n. 4, p. 1311-1324, out./dez. 2017.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

CORPOS EM CENA: NA PESQUISA, NO ENSINO E NA EXTENSÃO⁸

Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda, Universidade Estadual de Maringá –
UEM, antoniomonteirouem@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo refletir sobre as discussões sobre corpo a partir do tema “Pesquisa e ensino em corpo, cultura e ludicidade em tempos de adversidades” no simpósio “Estudos culturais na Educação Física” na Universidade Estadual de Maringá. Para o desenvolvimento do trabalho elegi os seguintes termos: corpo-pesquisa, corpo-ensino e corpo-extensão, a proposta foi refletir sobre cada uma dessas vertentes a partir da condição de professor e pesquisador. As discussões perpassam as pesquisas sobre o corpo, clown e corpo poético, sobre o ensino discute-se a forma com que o corpo chega para o processo formativo no ensino superior e na extensão como o corpo recebe diferentes formas de controle e ações na busca de uma padronização do corpo cada vez mais presente.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, ensino, pesquisa, extensão.

INTRODUÇÃO

A proposta de apresentação na mesa do simpósio “Estudos culturais na Educação Física” na Universidade Estadual de Maringá surgiu como uma oportunidade de compartilhar pesquisas e estudos feitos nos últimos anos com relação ao corpo. A proposta ficou ainda melhor ao ter que parar para refletir sobre essa relação do corpo também no processo de ensino e que por uma preocupação pessoal também decidir estender para a extensão do corpo. A proposta de jogo, corpo-pesquisa ou pesquisa corpo, corpo-ensino, ou ensino do corpo, e corpo-extensão ou extensão do corpo foram elementos que deram base para as discussões e reflexões sobre o tema desenvolvido naquela manhã.

A explanação sobre o tema para os participantes teve início a partir de uma imagem do elefante no escuro⁹, a proposta era trazer para reflexão a questão da

⁸ O presente trabalho/pesquisa não contou com apoio financeiro para sua realização.

⁹ A imagem do elefante remete a um grupo de pessoas que tentou examinar um elefante numa sala escura. Cada uma delas pegou uma parte diferente do animal – uma orelha, uma perna, o rabo –,

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

pesquisa e dos isolamentos atuais, em que muitas vezes pesquisadores tratam sobre o mesmo assunto, mas não dialogam ou não tem conhecimento sobre o que é feito pelo outro, tentando assim atender a uma demanda de um produtivismo acadêmico cada vez mais acirrado ou como trazido por Sguissardi e Silva Junior (2009, p. 61) um “processo de mercantilização da universidade (estatal pública brasileira)”.

Esse tema foi trazido justamente para repensarmos ou nos aproximarmos das discussões e pesquisas sobre o corpo, uma vez que esse tema permeia não só a educação, mas outras áreas que tem o corpo como objeto de estudo, seja ele numa perspectiva biológica, muitas vezes presente no campo da saúde, ou o corpo em suas diferentes formas de ser, estar e relacionar-se com os demais, forma encontrada no contexto das áreas humanas e sociais.

As reflexões sobre esse corpo que é pesquisado, mas também pesquisa, ensina e é ensinado, foram feitas a partir de uma perspectiva que perpassa um corpo biológico, mas vai além, entendo-o como um corpo sensível, que troca, recebe, ensina, aprende, sente, vibra, extasia-se... Partindo disso, foi que a citação de Artaud veio como uma forma inicial de trazer esse corpo, na relação feita por ele entre o atleta e o ator. Ao tratar que o atleta e o ator desempenham funções semelhantes, mas de formas distintas. Destaca que "enquanto o atleta se apoia para correr, o ator se apoia para lançar uma imprecisão espasmódica, mas cujo curso é jogado para o interior". (ARTAUD, 2006, p.151).

Artaud ao trazer essa reflexão, leva-nos a compreender o corpo do ator e do atleta numa relação muito próxima, em que ambos buscam uma apropriação do próprio corpo para resultados distintos, mas que a intensidade de entrega e envolvimento são semelhantes, um para conquistar medalhas e o outra a busca de uma organicidade na interpretação. Essa relação entre ator e atleta foi trazida de

confundindo-a com o todo. No escuro, cada indivíduo ficou convencido de que o elefante era o objeto que ele havia tocado – um ventilador, uma pilastra, uma corda, e assim por diante. Com esta fábula ancestral, descrita pela primeira vez pelo mestre sufi Jalaluddin Rumi, Idries Shah apresenta a premissa sufi de que o Cristianismo e o Islã têm uma única origem interior. Baseado em suas célebres palestras, ministradas na Universidade de Genebra, este livro impressiona pela amplitude de sua erudição e pela profundidade de sua mensagem. Em um mundo dividido por diferenças culturais e religiosas, *O elefante no escuro* oferece um pensamento renovado, esperança e a habilidade de enxergar de uma nova maneira aquilo que supomos saber.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

forma proposital, principalmente pela aproximação como pesquisador e professor desses dois universos. Nesse sentido, a proposta desse ensaio é refletir sobre o corpo e suas relações com a pesquisa, ensino e a extensão a partir de experiências de trabalho com o ensino superior.

CORPO PESQUISA – PESQUISA CORPO

A disposição em tratar sobre esse tema surge diante de uma formação pautada em incômodos sobre o corpo em suas diferentes faces, desde a graduação em Educação Física e os cursos de teatro a vontade de conhecer e saber sobre esse corpo eram cada vez mais presentes. Dentro do Grupo de pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade e nos processos de formação em mestrado e doutorado, algumas pesquisas foram feitas buscando compreender esse corpo para além do que normalmente estamos acostumados a ver e escutar, a proposta era problematizar e refletir sobre o corpo para além de um corpo biológico ou centrado nos resultados das práticas esportivas.

A primeira pesquisa desenvolvida foi “Clown e corpo sensível: diálogos com a educação física” (2011) como dissertação de mestrado a pesquisa buscou analisar a construção do clown junto à educação física no sentido de orientar ações pedagógicas no campo da intervenção. Foi possível por meio desse estudo, compreender a possibilidade do trabalho com clown na educação física, seja nos trabalhos corporais, na visualização de um corpo não fragmentado ou na ludicidade do corpo que brinca. Daí ser possível concluir acerca da necessidade da arte clownesca no contexto da formação, em seu potencial crítico e criativo, de modo a contribuir com ações pedagógicas que favoreçam intervenções apropriadas junto à educação física.

Fruto dessa pesquisa de mestrado surgiu o livro “Clown e educação física a brincadeira é séria”, (2016) a ocasião permitiu disseminar e levar para mais pessoas os conhecimentos adquiridos na academia, que afetam a todos, por ser um tema que trata sobre a sensibilidade, o ser humano, o errar, aspectos valorizados pelo trabalho com clown e que muitas vezes não são conhecidos pela sociedade, pois acabam vendo o palhaço apenas como uma figura para fazer rir e a proposta dessas duas

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

pesquisas foi de que para além de tratar sobre o tema, pudéssemos ver o corpo tão presente na educação física com outros olhos, rompendo assim com uma visão fragmentada ou hegemônica de corpo.

Por fim, a tese “A educação física na constituição do corpo poético em Jacques Lecoq” (2016) surgiu como uma maneira de demarcar ainda mais esse espaço de preocupação com o corpo, a coleta de dados com alunos e ex-alunos, bem como a filha do autor, permitiu analisar discursivamente a presença de elementos da Educação Física na significação de corpo poético, na teoria de Jacques Lecoq, e sua inscrição na Escola Internacional de Teatro em Paris, fundada pelo referido autor e professor.

Essas incursões no campo da pesquisa sobre o corpo permitiram uma aproximação com uma visão muito mais plural do que é esse corpo que estamos em contato a todo o momento, seja com as pessoas que estão a nossa volta, seja com o nosso próprio corpo. Como nos lembra Soares ao afirmar que “[...] talvez o corpo, por ser esta tela tão frágil onde a sociedade se projeta, possa ser o ponto de partida, hoje para pensar o humano, para preservar o humano, este humano factível, inusitado que guarda sempre uma réstia de mistério e, assim, romper com a auto-alienação” (2004, p. 128)

Parar para refletir e problematizar esse corpo na sociedade hodierna é uma maneira de vencer padrões que muitas vezes são colocados e que impedem que diferentes sujeitos possam sentir-se melhor da maneira com que realmente são.

CORPO ENSINO – CORPO EXTENSÃO

A proposta de discussão de corpo, no processo de ensino foi uma demanda que exigiu uma reflexão sobre a ação docente, uma vez que durante anos a relação ensino-aprendizagem acontece, mas os corpos muitas vezes passam pela formação apenas como um meio para recepção de conteúdos e ensinamentos, desvalorizando aspectos históricos, sociais e de condições de produção do próprio sujeito. Esse tema chama a atenção pelas disciplinas que tenho ministrado nos últimos anos nos cursos

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

de graduação em Educação Física e Artes Cênicas, sendo ginástica e técnicas circenses respectivamente.

Essas duas disciplinas costumam colocar os acadêmicos em situações que eles normalmente não estão acostumados, como aprender exercícios com inversão de eixo, executar giros com o corpo que poderiam ter sido vivenciados quando criança, mas que grande parte não teve. Trabalhar com esses corpos torna-se um desafio, pois entender e respeitar a pluralidade desses acadêmicos é um dos caminhos para que os resultados¹⁰ sejam alcançados.

Quando iniciamos o ano letivo o primeiro contato com os alunos já nos remete a uma pluralidade corporal que deve ser valorizada, são estudantes como corpos diferentes, experiências corporais das mais diversas, idades, pesos, habilidades entre outras tantas características que muitas vezes são até mensuradas, mas que naquele fazem parte de um todo e que precisam ser valorizadas para que os elementos que devem ser vivenciados naquele ano aconteçam, acredito que o propósito principal seja dos alunos despertarem o interesse pela prática e não apenas terem acesso ao conteúdo de ginástica ou circo.

Por isso, recorro às reflexões feitas e trazidas pela Análise de Discurso de Michel Pechêux sobre o corpo em que Ferreira (2013, p. 105) traz:

Para a análise do discurso, o corpo entra estreitamente relacionado a novas formas de assujeitamento e, portanto, associado à noção de ideologia. Mais do que objeto teórico, o corpo comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas condições de produção sua historicidade e a cultura que o constitui. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível, e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível.

Lidamos com corpos, que trazem em si uma historicidade, condições de produção¹¹ demarcadas por toda uma vida e que ao passarem pelo processo de

¹⁰ O termo resultado é trazido aqui, não como uma visão ligada a eficiência ou execução perfeita, mas sim de uma vivência de que o futuro professor tenha habilidades, conhecimentos e segurança para trabalhar com a ginástica e ou circo nos diferentes espaços.

¹¹ O conceito “condições de produção” é trazido pela proposta da Análise de Discurso (AD). Segundo Orlandi (2007, p. 30), “elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”. Podemos citar dois contextos dessas condições: o imediato e o amplo. O sentido imediato é o sentido estrito que leva

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

formação recebem informações e impressões corporais que irão compor a constituição desse sujeito para as intervenções profissionais futuras. A maneira com que ele se relaciona com essas práticas, ditarão a forma com que sua atuação irá se dar, por isso a importância da ação docente, uma vez que experiências negativas ou descomprometidas podem resultar em uma ausência de um trabalho corporal que atenda às necessidades dos envolvidos, nesse caso os futuros alunos dos nossos atuais alunos.

Nesse sentido, é possível já pensarmos na questão da extensão¹², a forma com que esses corpos são projetados, principalmente quando nos voltamos a uma necessidade de corpo que está colocado como corpo ideal, em que o aumento no número de pessoas nas academias se torna cada vez mais frequente tendo em vista a maneira com que o corpo é determinado. Lidar com o corpo em si já é algo que merece destaque no contexto da Educação Física, principalmente quando lidamos com tema que perpassa termos como: corpo e resultados, corpo referência, corpo saudável, corpo forte... entre outras formas bastante comuns e frequentes no contexto da Educação Física, uma área muitas vezes ligada a saúde e a padrões pré-estabelecidos. Como nos lembra Silva (2001, p. 91) ao trazer que:

A mundialização de um “corpo-referência”, constituído pelas imagens biológicas e pela estratificação das amostras pesquisadas, é fundada num corpo-objeto, dado que as características do sujeito e da cultura foram deliberadamente excluídas para possibilitar sua generalização. O modelo de corpo proposto pela ciência é um corpo inexistente, porque ninguém corresponde às estatísticas vigentes. Neste sentido, parece-nos que há uma contradição em setores da educação física que visam à saúde e à chamada qualidade de vida, porque em seu fundamento está uma perspectiva de objetivação do corpo que lhe retira a dimensão subjetiva e dinâmica da vida.

Por isso, cabe a preocupação de que os professores de educação física possam estar atentos a essa forma com que o corpo está colocado, abrindo-se para respeitar as individualidades e promovendo possibilidades de reflexão sobre como

em conta as circunstâncias da enunciação e o sentido amplo leva em conta os aspectos sócio-históricos, ideológicos, políticos, entre outros

¹² Ao tratar sobre essa relação corpo e extensão, volto-me para refletir sobre o corpo na sociedade e nas relações entre corpo e educação física.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

esse corpo recebe influências de diferentes formas, por isso recorrer ao que Lecoq chama de “fundo poético comum” seja uma das diferentes possibilidades, para se repensar esse corpo, Lecoq (2010, p. 82) chama de fundo poético comum uma dimensão abstrata, feita de espaços, de luzes, de cores, de matérias, de sons que se encontram em cada um de nós” ou seja, tudo aquilo que fica depositado em nós, em nossos corpos a partir das experiências e das sensações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse ensaio foi refletir sobre o corpo e suas diferentes formas de constituição presentes na educação física, partindo da ideia de jogo, corpo-pesquisa ou pesquisa corpo, corpo-ensino, ou ensino do corpo, e corpo-extensão ou extensão do corpo elementos que deram base para as discussões e reflexões sobre o tema desenvolvido no evento do simpósio “Estudos culturais na Educação Física” na Universidade Estadual de Maringá no mês de outubro de 2019.

Discutir sobre o corpo-pesquisa permitiu uma reflexão sobre a produção de conhecimento que venho desenvolvendo nos últimos anos, principalmente na busca de um corpo que muitas vezes fornece dados para diferentes pesquisas, mas não é valorizado na sua essência. Trazer para discussão o corpo-ensino e o corpo extensão serviu para um deslocamento de sentidos sobre como o processo de formação acontece, principalmente na desvalorização das individualidades e não compreensão do sujeito em sua totalidade.

Por fim, o corpo-extensão foi trabalhado numa perspectiva de reconhecimento nas diferentes formas em que corpo é visto e colocado socialmente e que o professor de educação física pode agir como uma peça chave para uma reflexão sobre esse corpo muitas vezes padronizado e que sofre interpelações das mais diversas formas. Assim, a ideia é que o corpo possa perceber, sentir e manifestar-se de diferentes formas respeitando as individualidades e permitindo-se a ter novas sensações e experiências a cada momento.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

BODIES IN SCENE: IN RESEARCH: IN RESEARCH, EDUCATION AND EXTENSION

ABSTRACT

This research aimed to reflect on the discussions about body from the theme "Research and teaching on body, culture and playfulness in times of adversity" in the symposium "Cultural Studies in Physical Education" at the State University of Maringá. For the development of the work I chose the following terms: body-research, body-teaching and body-extension, the proposal was to reflect on each of these aspects from the condition of teacher and researcher. The discussions permeate the research on the body, clown and poetic body, on the teaching discusses how the body reaches the formative process in higher education and the extent to which the body receives different forms of control and actions in search of an increasingly present body standardization.

KEYWORDS: Body, teaching, research, extension

CUERPOS EN ESCENA: EN INVESTIGACIÓN, ENSEÑANZA Y EXTENSIÓN

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo reflexionar sobre las discusiones sobre el cuerpo desde el tema "Investigación y enseñanza sobre el cuerpo, la cultura y la diversión en tiempos de adversidad" en el simposio "Estudios culturales en educación física" en la Universidad Estatal de Maringá. Para el desarrollo del trabajo elegí los siguientes términos: investigación del cuerpo, enseñanza del cuerpo y extensión del cuerpo, la propuesta era reflexionar sobre cada uno de estos aspectos desde la condición de maestro e investigador. Las discusiones impregnan la investigación sobre el cuerpo, el payaso y el cuerpo poético, sobre la enseñanza discute cómo el cuerpo alcanza el proceso formativo en la educación superior y la medida en que el cuerpo recibe diferentes formas de control y acciones en busca de Una estandarización corporal cada vez más presente.

PALABRAS CLAVE: cuerpo, enseñanza, investigación, extensión.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, A. *O teatro e seu duplo*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA 15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

FERREIRA, M. C. L. O corpo enquanto objeto discursivo. In. PETRI, V.; DIAS, C. (Org.). *Análise do Discurso: teoria, método e análise*. Santa Maria: UFSM. 2013. p. 99-107.

LECOQ, J. *O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral*. São Paulo: Senac; SESC, 2010.

SILVA, A. M. Corpo e diversidade cultural. *Rev Bras Cienc Esporte*, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 87-98, set. 2001.

SGUISSARDI, V.; SILVA JÚNIOR, J.R. *Trabalho Intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico*. São Paulo: Xamã, 2009.

SOARES, C. L. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, C. L. (Org.). *Corpo e história*. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO FUTURO PROFESSOR: DOS CANTOS E
ENCANTOS DA FORMAÇÃO INICIAL**

Vânia de Fátima Matias de Souza, Departamento de Educação Física-Universidade
Estadual de Maringá (DEF/UEM), vformatias@gmail.com

RESUMO

Objetivando apresentar reflexões acerca da construção da identidade do professor e suas relações com a formação inicial, a pesquisa do tipo bibliográfica possibilitou a compreensão de que a educação está envolta em múltiplas determinações políticas, econômicas e culturais; e, que a formação inicial, quando sustentada na pluralidade dos saberes, possibilita o rompimento com o pragmatismo de uma educação disciplinadora, buscando a superação da precarização do trabalho docente.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Inicial; Formação Humana; Identidade docente.

INTRODUÇÃO

Discorrer acerca das intencionalidades interpostas entre os campos dos saberes científico-acadêmicos e, daqueles do cotidiano da sociedade que tratam da ideia, do conceito e entendimento acerca do sentido e significado da formação inicial para professores da educação básica, têm se constituído em uma necessidade tecida a partir da intencionalidade (inter)posta e (sub)escrita pela própria sociedade, por meio de suas interlocuções tecidas pelas vias políticas, econômicas, sociais e culturais evidenciadas em determinados momentos e períodos históricos dessa comunidade dita do “conhecimento”.

Uma sociedade em que os sentimentos, as verdades, podem se tornar inverdades, pela sua fluidez e agilidade em que tudo se expande na atualidade, inclusive a produção do que se sente, se expressa e delibera; trazendo ao palco das discussões inquietações que suscitam o pensar de forma incisiva e necessária, sobre “*onde estamos*” e para “*onde pretendemos ir*” por meio da educação?

Uma educação que é – ou deveria ser –, a expressão de um povo, que traz nas suas práticas cotidianas suas marcas, seus costumes, seus ritos e quiçá suas

crenças; e, que são em geral expressas pela gestualidade, pela linguagem, pela alteridade construída por meio do olhar para si e para o outro.

Essa forma de olhar, pensar e refletir sobre a diversidade de significados sobre o “educar” e seus reflexos transcritos no e pelo corpo, suscita outros questionamentos, quais sejam: que educação queremos para a nossa sociedade? Que homem e mulher queremos preparar? Homens e mulheres submissos a um modo de produção social? Disciplinados ao labor diário, a obediência ou sujeitos autônomos reflexivos, inquietos e resilientes?

Essas inquietudes nos levam a um ponto essencial: queremos saber qual a formação que pretendemos oportunizar aos futuros professores? E, como estamos preparando os profissionais que irão ser os responsáveis por implementar e efetivar essa educação?

A partir dessas inquietações, este ensaio se propõe apresentar reflexões acerca da construção da identidade do professor e suas relações com a formação inicial. Para nos auxiliar nessa empreitada, recorreremos a uma pesquisa caracterizada como tipo bibliográfica, na qual serão trazidas à cena o debate acerca dos diversos olhares sobre a formação inicial as interfaces com as ciências políticas e humanas que buscam elucidar caminhos para nos auxiliar na compreensão da sua construção identitária e nos desfechos que essa formação poderá acarretar na constituição e consolidação da própria educação escolar.

A BUSCA PELO SENTIDO E SIGNIFICADO DA FORMAÇÃO INICIAL

O discurso, na atualidade defendido é de uma formação para o futuro professor centrada na formação humana. Isto porque, desenvolver uma ação sobre a égide da formação humana é permitir que floresça no futuro profissional um modo de ser, mediante um devir, caracterizada por uma qualidade existencial emancipatória, pela condição de sujeito autônomo, numa particularidade relacional de âmbito pessoal e social coletivo (TONET, 2005).

Ao pensar acerca dos contextos educativos e de formação do futuro professor, surgem outras inquietações: Será que a formação científica, os saberes e

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

conhecimentos tratados durante e na formação inicial estão preparando o futuro professor para ser um sujeito questionador, ou um mero instrumento de construção de respostas? A esse futuro professor, está sendo oferecido uma formação humana ou uma semiformação¹³?

Há que se destacar que a formação inicial, voltada aos professores e professoras da Educação Básica, têm passado ao longo da história por inúmeras reformas políticas e educacionais, por vezes ligadas à formação cultural ou deslocada do seu papel formador, fragilizando e contribuindo para o enfraquecimento do processo identitário e da constituição do eu na e para a formação de sujeitos autônomos e comprometidos com o seu campo de atuação.

Para tanto, precisamos nos atentar sobre que campo de atuação estamos nos referindo? O campo escolar! Nele, o professor de Educação Física assegurado nas afirmativas de uma necessidade de um ensino escolar qualificado, passa a incorporar técnicas e linguagens diversas para a sua prática educativa cotidiana. Mas, o que isso significa?

Significa que o discurso da modernização da escola, torna-se a engrenagem do consenso ideológico, político e intelectual, que estruturado em um Estado mínimo de direitos sociais, deleita a educação relegando a de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar a sua semelhança.

Como evidencia Freire (2000) a educação nada mais é do que uma ação política, E, como a formação inicial prepara para essa realidade? Será que a escola do século XX se transformou junto com a sociedade do XXI? Ou ela, só se reestruturou ideologicamente para atender as demandas do mercado? Nesse contexto, é preciso ainda nos questionar: então qual lugar ocupa a formação inicial nessa sociedade que estamos falando? Como a formação inicial dos cursos de formação de professores

¹³ O conceito de Semiformação, apresentado no texto, sustenta-se nos dizeres e compreensões adornianas, as quais incita-nos a compreender que a semiformação é como uma tendência social do espírito oriunda do modo alienado de se relacionar com a cultura graças ao processo de reificação produzido pelo desenvolvimento do modo de produção capitalista, que teve como principal consequência o distanciamento do indivíduo da formação cultural (ADORNO, 2010).

para a Educação Básica tem articulado suas ações, de forma a promover a mobilidade e flexibilização das condições de trabalho dessa sociedade?

Temos o entendimento de que essas mudanças no conceito entendimento sobre escola e educação, são influenciadas pelo campo econômico e pelas políticas educacionais. Essas, passam a regulamentar e regular a formação por meio da materialidade de ações representadas nas resoluções, que expressam a subjetividade da formação. A exemplo, destaca-se a Resolução CNE/CP n. 02/2015 (BRASIL, 2015) ao enfatizar que se deve entender a

docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem na socialização e construção de conhecimentos, no diálogo constante entre diferentes visões de mundo.

Como garantir o sentido e significado das demarcações culturais do corpo de cada realidade? Como garantir que as disciplinas do curso não se centrem apenas em disciplinar esse corpo? A Resolução nº 6, de 18 de dezembro de 2018 - Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Educação Física, afirmam que essa ação deve ocorrer tendo “como premissa a autonomia do(a) graduando(a) para o contínuo aperfeiçoamento, mediante diversas formas de aprendizado.

Partimos do pressuposto de que as resoluções são deliberativas representativas das políticas, e que na atual conjuntura sócio-política e econômica e que buscam articular o mundo do trabalho da acumulação flexível ao mundo do consumo de novas mercadorias/novas tecnologias na formação desse futuro professor; entendemos que a formação inicial passa a ocupar um locus central para a manutenção e garantia desse modelo sistêmico. Como pensar a formação do sujeito reflexivo e autônomo que incite a superação de determinadas realidades se em sua formação inicial o que se evidencia é a valorização do “eu” e da própria individualidade?

A exemplo, podemos citar a Resolução n.06/2018 (BRASIL, 2018), na qual tem-se a valorização da formação de competências e habilidades, entendidas como saber

fazer articulado às mudanças tecnológicas do processo de globalização necessárias a todo sujeito. Engrenados pelo momento vivido de uma sociedade hipermoderna, passamos a ter um novo dilema no processo de formação inicial desse futuro professor: ao mesmo tempo que busca a formação do sujeito frente a pré-modelagens do sistema econômico, apresenta um discurso mediado pela necessidade de formação humana desse sujeito.

O que fazer? Será que a formação inicial está possibilitando ao futuro profissional entender a sua importância no universo da escola? Será que estamos preparando o futuro professor para compreender que a condição moderna é estar em movimento (BAUMAN, 2005) e, que, portanto, o desejo de se fazer diferente do que se é, de se refazer, e de continuar refazendo por vezes é uma necessidade também imposta?

Esse cenário de uma educação que possibilite a superação e a transformação da sociedade, transcrito nos discursos políticos como modelos inovadores para a modernidade, na verdade são ações já apontadas nos anos de 1990 do século XX, contidas na Conferência de Jomtien (UNESCO, 1990), já acenava para a perspectiva do “aprender a conhecer” de forma integrada, além de estabelecer a necessidade de uma formação centrada nas habilidades e competências, em que a especialização do conhecimento deveria tornar-se uma obrigatoriedade presente na implementação e estruturação do currículo que deveria estar adequado ao modelo produtivo dominante.

Essa conjuntura estrutural das políticas educacionais demonstra como os cursos de formação de professores para atuação na educação básica tem se efetivado como uma forma de buscar estabelecer a manutenção do sistema desconsiderando e aligeirando a formação humana do sujeito tão necessárias para o desenvolvimento identitário do futuro professor.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO FUTURO PROFESSOR: ILAÇÕES INICIAIS

Compartilhamos o entendimento de que a construção da identidade do futuro professor é um processo que sintetiza as iniciativas do sujeito no qual vive. Para que esse processo ocorra, é preciso que o processo formativo possibilite a ruptura de

paradigmas e dogmas de uma educação arcaica centrada na exclusividade da apreensão dos conteúdos desconsiderando a sua relação com o mundo para além da sala de aula, para além dos muros da escola.

Para tanto, faz-se necessário que o processo formativo viabilize situações que o provoque a pensar e repensar nas formas de aprendizagem que ocorrem na/da/para a educação escolar, tornando assim o processo de aprendizagem uma relação tutoriada dos saberes, no qual a busca pelo saber, conhecer, experienciar e oportunizar novas ações, condutas e comportamentos valorizem e possibilitem o valorizar da cultura, da história e da vida em sociedade, de forma a considerar o movimento, a mudança como uma rotina comum e necessária a sua formação e, conseqüentemente a construção da sua identidade. Identidades essas que

não são cristalizadas e unificadas, mas processuais, multifacetadas e relacionais; estabelecidas numa complexa rede de poderes e discursos. O que os indivíduos e grupos pensam a respeito de si mesmos está em permanente tensão e negociação (rejeição/assimilação) com o que dizem que eles são ou devem ser. (HYPÓLITO, VIEIRA, PIZZI, 2008, p. 2).

No entanto, esses não são os únicos elementos a serem considerados, na construção da identidade do professor, também é preciso entender e considerar que

os traços e aspectos que caracterizam a docência são marcados por muitas diferenças: de gênero, de raça/etnia, de classe, de sexo, etc.; de instituições e sistemas diferenciados por nível e jurisdição; de condições de trabalho e interesses conforma a posição profissional e institucional; de formação e qualificação em termos profissionais conforme o lugar de atuação e de possibilidades de inserção no mercado de trabalho (HYPÓLITO, VIEIRA, PIZZI, 2008, p. 2).

Ao construir sua identidade profissional o professor passa a ocupar estabelecer para si e para seus pares o reconhecimento e a valoração de função perante a sociedade. Acreditamos que, por meio dessa formação que busca romper com o paradigma do “fazer pelo fazer” que é possível, transformar a realidade da educação escolar.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF THE FUTURE TEACHER: FROM CORNERS TO INITIAL FORMACIÓN

ABSTRACT

Aiming to present reflections about the construction of the teacher's identity and its relations with the initial formation, the research of the bibliographic type made possible the comprehension that the education is wrapped in multiple political, economic and cultural determinations; and that the initial formation when sustained in the plurality of knowledge enables the pragmatic break of a disciplinary education seeking to overcome the precariousness of the teaching work.

KEYWORDS: initial formation; human formation; teaching identity.

LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD DEL PROFESOR FUTURO: DE ESQUINAS A ESQUINAS DE FORMACIÓN INICIAL

RESUMEN

Con el objetivo de presentar reflexiones sobre la construcción de la identidad del maestro y sus relaciones con la formación inicial, la investigación bibliográfica permitió comprender que la educación está involucrada en múltiples determinaciones políticas, económicas y culturales; y que la formación inicial, cuando se sustenta en la pluralidad del conocimiento, permite la ruptura pragmática de una educación disciplinaria que busca superar la precariedad del trabajo docente.

PALABRAS CLAVE: formación inicial; formación humana; identidade docente.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Teoria da semiformação. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. (Orgs.). *Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*, 2010, p.7-40.

TONET, I. *Educação, cidadania e emancipação*. Ijuí: Unijuí, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

BRASIL. *RESOLUÇÃO Nº 2, DE 1º DE JULHO DE 2015*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso em: 12 set. 2019.

BRASIL. Resolução nº 6, de 18 de dezembro de 2018. Disponível em. <http://www.in.gov.br/materia/>

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877795/do1-2018-12-19-resolucao-n-6-de-18-de-dezembro-de-2018-55877683. Acesso em: 12 set. 2019.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

UNESCO. Declaração mundial sobre educação para todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, 1990.

HYPOLITO, A.M.; VIERIA, J.S.; PIZZI, L.C. Reestruturação curricular e autointensificação do trabalho docente. *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.2, p.100-112, jul./dez. 2009.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

A ANÁLISE PEDAGÓGICA DE JOGOS E BRINQUEDOS CRÍTICOS

Rogério Massarotto de Oliveira, UEM/PR, rmoliveira@uem.br

RESUMO

Esse trabalho, oriundo de um minicurso desenvolvido no Simpósio ‘Estudos culturais na Educação Física’, organizado pelo Grupo de pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade, visa analisar as possibilidades pedagógicas dos jogos e brinquedos críticos produzidos no Departamento de Educação Física da UEM/PR, via Laboratório de ensino e pesquisa do Lúdico e Tempo livre - LUDOTECA e que dizem respeito aos conteúdos próprios do jogo (tema/argumento, papéis, regras e motivação) e, também, o desenvolvimento de estratégias de ensino, por meio da mediação visando garantir o alcance da zona de desenvolvimento possível nos jogadores. Partimos, portanto, dos pressupostos ontológicos e gnosiológicos da concepção materialista e dialética da história e dos conceitos da Teoria histórico-cultural para a elaboração do trabalho educativo com o jogo, compreendendo a relação indissociável entre os momentos que defende a Pedagogia Histórico crítica tais como a prática social inicial, a instrumentalização, a problematização, a catarse e a prática social final como possibilidade para recomeçar nova prática social inicial. Para esse movimento, faz-se necessário a apropriação por múltiplas e incessantes aproximações aos conceitos de atividade humana, atividade guia/principal, mediação, funções psíquicas superiores, ensino desenvolvimental, pedagogia histórico-crítica e domínio da produção histórica de jogos, brinquedos e brincadeiras, produzidos pela humanidade, assim como sua relação com as condições objetivas de vida social. Por meio de dezenas de jogos e brinquedos críticos já produzidos e das práxis realizadas com indivíduos brincantes de diversos graus de desenvolvimento (da infância à velhice), temos constatado a importância desses materiais didáticos para o ensino do jogo na educação física, para a formação inicial e continuada de professores e para o avanço do pensamento (do empírico para o científico) de todos que se envolvem com essas atividades.

PALAVRAS-CHAVE: jogo; educação física; ensino.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho, oriundo de um minicurso realizado no Simpósio Estudos Culturais na Educação Física, promovido pelo grupo de pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade – GPCCL, visa analisar as possibilidades pedagógicas dos jogos e brinquedos críticos¹⁴ que são produzidos no departamento de educação física da

¹⁴ Do Grego “*kritikos*”: “a capacidade de fazer julgamentos”, articulada ao desenvolvimento de uma consciência reflexiva baseada no “eu” (autocrítica) e no mundo. **Senso crítico** significa a **capacidade**

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

UEM/PR, junto ao Laboratório de Ensino e Pesquisa do Lúdico e Tempo livre - LUDOTECA e que dizem respeito ao estudo do trabalho educativo com o conteúdo específico jogo, da Educação Física.

Trata-se, portanto, de jogos e brinquedos artesanais (todos sob natureza crítica), que buscam tratar o ensino dos conteúdos/conhecimentos próprios do Jogo/brinquedo ancorados nas condições objetivas, isto é, nos acontecimentos provindos da realidade social para, a partir deles, extrair os elementos que compõem a estrutura interna dos jogos, tais como argumento, papéis, regras e motivação (ELKONIN, 2009). Conseqüentemente, emerge o processo de mediação pelo signo pelo professor, de forma que seja proporcional/adequada para possibilitar o alcance da zona de desenvolvimento possível (VIGOTSKI, 2008) no indivíduo brincante e, assim, seja possível o alcance do movimento necessário que vai do pensamento empírico ao pensamento científico (DAVIDOV, 1988).

Sob esta base, o minicurso correspondeu a exposição dos fundamentos filosóficos, epistemológicos, teórico-metodológicos, políticos e pedagógicos que sustentam o trabalho educativo com o jogo e o brinquedo sob característica crítica. Amparado pela concepção materialista e dialética da história (teoria do conhecimento), pela Teoria Histórico-cultural (teoria do desenvolvimento humano e psicológico) e Pedagogia Histórico-crítica (teoria pedagógica) defendemos que o ensino do jogo não se faz de forma aleatória, espontaneista ou pragmática. É preciso conhecer a aparência e a essência das manifestações humanas no âmbito da atividade lúdica (jogos, brinquedos e brincadeiras) produzidas historicamente e relacioná-las com as condições objetivas em que essas manifestações foram/são produzidas, para então, organizá-las e socializa-las por intermédio de uma sistematização com amparo científico, pedagógico e histórico, no caso, a pedagogia histórico-crítica.

de questionar e analisar de forma racional e inteligente, na qual a busca da verdade ocorre pelos questionamentos e reflexões aprofundadas sobre cada assunto/tema e que busca romper uma ideologia dominante (conjunto de crenças, valores e opiniões) veiculada na política, religião, meios de comunicação ou outros grupos, que procura manipular as pessoas para que não questionem; para que aceitem o que lhes for imposto sem ponderar ou investigar a verdade. Disponível em: <https://www.significados.com.br/senso-critico/>.

JOGO/BRINQUEDO CRÍTICO E AS RELAÇÕES COM A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Para situarmos o trabalho educativo¹⁵ na forma/conteúdo do minicurso, observamos a relação existente entre dois movimentos pedagógicos que, na aparência, são distintos: o primeiro aponta o processo de elaboração/produção do material didático jogo/brinquedo crítico mediante critérios pré-estabelecidos e o segundo aponta a aplicação pedagógica/ensino sistematizado/forma de ensino dos conteúdos/conhecimentos presentes no jogo/brinquedo crítico (OLIVEIRA, 2017) e que compreende as relações necessárias com a pedagogia histórico-crítica. Esses dois momentos correspondem, assim, (i) ao ensino e (ii) ao ensino do ensino dos conhecimentos sobre o jogo.

Baseado em Oliveira (2017), começamos pelo aprofundamento e discussões teóricas a respeito da compreensão da origem e desenvolvimento do jogo e do brinquedo que, de acordo com a Pedagogia Histórico-crítica, corresponde a *prática social inicial* ou de partida: trata-se, nesta especificidade, dos estudos iniciais sobre o papel do jogo no desenvolvimento social humano, articulado a conjuntura social para, então, chegarmos a elaboração da justificativa e da relevância do jogo/brinquedo para a formação humana. Em seguida, desenvolve-se a correspondência com a *instrumentalização* e *problematização*, que diz respeito ao processo de elaboração da unidade entre o estudo e a sistematização da estrutura do jogo/brinquedo (argumento, papéis, motivação e regras) e das ações/operações pertinentes ao material didático em construção. Trata-se de esboçar e objetivar a estrutura física e/ou as condições/regras em que o jogo/brinquedo se objetiva/materializa-se.

De forma simultânea, perpassa o processo inicial da *catarse* que expõe dois elementos: (i) a correspondência da estrutura do brinquedo/jogo no que tange ao seu reconhecimento/identificação no desenvolvimento desse material didático com a atividade guia; e (ii) a análise e discussão sobre os conteúdos/conhecimentos

¹⁵ “[...] ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2005, p. 13).

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

pertinentes ao desenvolvimento da criança, assim como das formas de ensino pensadas para a transmissão/assimilação dos conhecimentos adjacentes ao jogo/brinquedo elaborado. Esse processo (de construção) pode iniciar durante ou após o aprofundamento teórico e diz respeito ao planejamento do brinquedo/jogo, inicialmente pensado (abstraido da história de vida, do cotidiano e das relações sociais), depois esboçado no papel para, então, ser materializado com os recursos materiais possíveis.

A seguir, emerge a práxis que diz respeito a nova *prática social inicial* (agora, no âmbito da transmissão do conhecimento) que corresponde à compreensão do brinquedo/jogo a partir do senso comum (ação) em direção a compreensão do brinquedo/jogo como atividade principal (atividade) alcançando a *prática social final* ou de chegada.

Como se vê, trata-se de um movimento múltiplo, complexo e articulado entre o processo de construção, elaboração do pensamento abstrato e objetivação das ações pedagógicas na qual devem ser/estar organizadas para garantir o processo de assimilação dos conteúdos pertinentes ao jogo/brinquedo. Todas essas ações, consideram: (i) as necessidades de desenvolvimento da criança, (ii) as fases do desenvolvimento psíquico (periodização do desenvolvimento humano¹⁶) e (iii) a necessária compreensão da unidade entre: a) conhecimentos acumulados pelos educadores, se utilizando do ensino orientado/mediado e b) o conhecimento empírico dos alunos/estudantes sobre o conteúdo tratado que diz respeito às diferenças de compreensão do professor e do aluno, ou seja “enquanto o professor tem uma compreensão que poderíamos denominar de ‘síntese precária’, a compreensão dos alunos é de caráter sincrético” (SAVIANI, 2002, p. 20).

¹⁶ Afetivo-emocional (zero a 01 ano de vida), Objetal-manipulatória (01 a 03 anos), jogo protagonizado (03 a 06 anos), de estudo (06 a 10 anos), íntimo-pessoal (10 a 14 anos), estudos profissionalizantes (14 a 17 anos).

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas sínteses apresentadas aqui, buscamos retratar a necessidade da adoção de uma pedagogia crítica para a realização do trabalho educativo com o jogo e o brinquedo, fazendo as aproximações a Pedagogia Histórico-crítica conforme aponta Oliveira (2017).

Nessa lógica, compreendemos que a Pedagogia Histórico-crítica tem que se movimentar de acordo com a realidade objetiva, apanhando do seu conjunto, as contradições da vida material. Assim, não se faz por modelos fixos, como se a intervenção pedagógica fosse um receituário técnico a ser seguido. Além disso, essa teoria preza o acesso aos dominados, aqueles conhecimentos que os dominantes já têm apropriado para que contribua com a superação de sua condição, como classe explorada (SAVIANI, 2002).

O fundamento para isso está na apreensão do movimento da história, onde nada é fixo e tudo está sob permanente transformação ou, no entendimento de Andery (2012, p. 407), “a compreensão da gênese e do desenvolvimento dos fenômenos deve partir da concepção de que nada, nenhuma relação, fenômeno ou ideia tem o caráter de imutável”.

Concluimos, então, que, por meio dos jogos e brinquedos críticos já produzidos e das práxis realizadas com indivíduos brincantes de diversos graus de desenvolvimento (da infância à velhice), temos constatado a importância desses materiais didáticos (i) para o ensino do jogo na educação física, (ii) para a formação inicial e continuada de professores e (iii) para o avanço do pensamento (do empírico para o científico) de todos que se envolvem com essas atividades.

PEDAGOGICAL ANALYSIS OF CRITICAL GAMES AND CRITICAL TOYS

ABSTRACT

This work, derived from a short course developed at the Symposium 'Cultural Studies in Physical Education', organized by the research group Body, Culture and Ludicity, aims to analyze the pedagogical possibilities of critical games and critical toys produced in the Department of Physical Education of UEM / PR, via Play and Free

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

Time Teaching and Research Laboratory - LUDOTECA and which concern the game's own contents (theme / argument, roles, rules and motivation) and, also, the development of teaching strategies, through mediation to ensure the range of development zone possible in the players. Therefore, we start from the ontological and gnosiological assumptions of the materialist and dialectical conception of history and the concepts of the Historical-Cultural Theory for the elaboration of the educational work with the game, understanding the inseparable relationship between the moments that defends the Critical Historical Pedagogy such as the initial social practice, instrumentalization, problematization, catharsis and final social practice as a possibility to restart a new initial social practice. For this movement, it is necessary the appropriation by multiple and unceasing approaches to the concepts of human activity, guide / main activity, mediation, superior psychic functions, developmental teaching, historical-critical pedagogy and mastery of the historical production of games, toys and games produced by humanity, as well as its relation to the objective conditions of social life. Through dozens of critical games and toys already produced and praxis performed with playing individuals of varying degrees of development (from childhood to old age), we have seen the importance of these didactic materials for teaching the game in physical education, for initial training and continuing education of teachers and the advancement of human thinking (from the empirical to the scientific) of all who engage in these activities.

KEYWORDS: game; physical education; teaching.

ANÁLISIS PEDAGÓGICO DE JUEGOS Y JUGUETES CRÍTICOS

RESUMEN

Este trabajo, derivado de un curso corto desarrollado en el Simposio 'Estudios Culturales en Educación Física', organizado por el grupo de investigación, Culture and Ludico, tiene como objetivo analizar las posibilidades pedagógicas de los juegos y juguetes críticos producidos en el Departamento de Educación Física de la UEM / PR, a través del laboratorio de la actividad ludica and tiempo libre - LUDOTECA y que se refieren a los contenidos propios del juego (argumento, roles, reglas y motivación) y, también, al desarrollo de estrategias de enseñanza, a través de la mediación para garantizar la zona de desarrollo posible en los jugadores. Por lo tanto, partimos de los supuestos ontológicos y gnosiológicos de la concepción materialista y dialéctica de la historia y los conceptos de la teoría histórico-cultural para la elaboración del trabajo educacional con el juego, entendiendo la relación inseparable entre los momentos que defiende la pedagogía histórica crítica como la práctica social inicial, instrumentalización, problematización, catarsis y práctica social final como posibilidad de reiniciar una nueva práctica social. En esto movimiento, es necesaria la apropiación por enfoques múltiples e incesantes de los conceptos de actividad humana, actividad guía, mediación, funciones psíquicas superiores, enseñanza del desarrollo,

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

pedagogía histórico-crítica y dominio de la producción histórica de juegos y juguetes producido por la humanidad, así como su relación con las condiciones objetivas de la vida social. A través de docenas de juegos y juguetes críticos ya producidos las praxis realizadas con individuos de diferentes grados de desarrollo (desde la infancia hasta la vejez), hemos visto la importancia de estos materiales didácticos para enseñar el juego en educación física, para el entrenamiento inicial y la educación continua de los docentes y el avance del pensamiento empírico a lo científico de todos los que participan en estas actividades.

PALABRAS CLAVES: juego; educación física; enseñanza.

REFERÊNCIAS

ANDERY, M. A. P. A. *et. al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica.* Rio de Janeiro/RJ: Garamond, 2012.

DAVIDOV, V. V. *Problemas do ensino desenvolvimental: a experiência da pesquisa teórica e experimental na psicologia.* Tradução de José Carlos Libâneo e Raquel A. M. da Madeira Freitas, do original de V. V. Davydov, publicado na Revista Soviet Education. August/Vol XXX, n. 8 sob o título: Problems of developmental teaching. The experience of theoretical and experimental psychological research – Excerpts. Moscou: Editorial Progresso, 1988.

ELKONIN, D. B. *Psicologia do jogo.* (Tradução de Á. Cabral). 2a. ed. São Paulo/SP: WMF Martins Fontes, 2009.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: L. S. Vigotski, A. R. Luria, & A. N. Leontiev. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.* Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo/SP: Ícone; Editora da USP, 1988. p. 119-42.

OLIVEIRA, R. M. de. *A organização do trabalho educativo com o Jogo na formação de professores de educação física.* 2017. 260 fls. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25321>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SAVIANI, D. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política.* 35. ed. Revista. Campinas/SP: Autores Associados, 2002.

_____. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.* 9 ed. Coleção educação contemporânea. Campinas: Autores Associados, 2005.

SIGNIFICADOS.COM. Disponível em: <https://www.significados.com.br/senso-critico/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

VIGOTSKI. L. S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*. ISSN: 1808-6535. Jun. 2008. p. 23-36.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

**O ENSINO DA CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR¹⁷**

Reginaldo Calado de Lima, Universidade Estadual de Maringá (UEM),
antenamuzenza@gmail.com

RESUMO

Esse texto objetiva apresentar os princípios utilizados na elaboração de dinâmicas pedagógicas como estratégias na tematização da capoeira em aulas de Educação Física escolar. Entendemos que tal tematização deva considerar os aspectos constitutivos da capoeira, sem se afastar dos objetivos pedagógicos da Educação Física. Com esse propósito, conduzimos a oficina, o ensino da capoeira na escola, na qual propomos atividades destinadas à abordagem da capoeira, destacando sua historicidade.

PALAVRAS-CHAVE: educação física escolar; capoeira; ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A capoeira enquanto prática social, fruto da ação humana, guarda em sua trajetória histórica a indelével marca de seu tempo, ou melhor, de seus tempos e contextos. A dinâmica dessa manifestação apresenta em seus códigos estruturais, resquícios de períodos históricos cujas circunstâncias exigiram adaptações cruciais à manutenção de certos elementos, a criação de outros e o abandono de outros tantos ainda.

Se atualmente essa prática social tem sido agraciada com o reconhecimento e valorização de sua dimensão cultural, concretizados em seu Registro como Patrimônio Cultural do Brasil, em 2008 e, o título de Patrimônio da Humanidade conferido à roda de capoeira, em 2014 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (BRASIL, 2017), em outros tempos, a percepção social quanto à capoeira era significativamente diferente dessa.

¹⁷ O presente trabalho/pesquisa não contou com apoio financeiro para sua realização.

Nesse sentido, é possível perceber o deslocamento dessa manifestação de um extremo ao outro do *continuum* social. De uma atividade degenerada, oficialmente criminalizada pelo Código Penal dos Estados Unidos do Brasil¹⁸ de 1890 em seu art. 402, permanecendo nesta condição por todo primeiro quartel do século XX; até o período hodierno, no qual se constata esforços políticos comprometidos em “**valorizar os saberes e as práticas dos capoeiristas enquanto cultura** e garantir a ampla divulgação e promoção da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira como **símbolo identitário** e de memória nacional” [grifo no original] (BRASIL, 2017, p. 3). Conseqüentemente, ao deixar de ser, mal vista, tida como sinônimo de malandragem e vadiagem, a capoeira passou a ocupar espaços sociais outrora improváveis, dentre os quais a instituição escolar (SILVA e HEINE, 2008). Nesse interim, destacam Mello e Schneider (2015, p.6), “ganha destaque a sua pedagogização como um saber ensinado na escola, espaço que pretende ser um lugar legítimo da distribuição e da apropriação da cultura”.

Essa presença da capoeira na escola e conseqüentemente sua abordagem, tem se dado basicamente de duas formas distintas. A primeira se dá por intermédio de um praticante, que por iniciativa própria ou a convite da escola, desenvolve algum tipo de projeto, fazendo uso do espaço físico da escola para conduzir sessões de treinamento, sem que haja muita interação com os objetivos institucionais, tampouco reconhecimento por parte da escola (ABIB, 2015). A segunda forma, tem sido como conteúdo nas aulas de Educação Física sob a responsabilidade de um (a) professor (a) com formação acadêmica, mas sem necessariamente familiaridade com a dinâmica da manifestação.

Há, nesse sentido, diferenças determinantes, não somente na apropriação de conteúdo da prática em si, mas, sobretudo quanto aos objetivos da abordagem. Por um lado, ainda que não seja a forma exclusiva, grosso modo, quando um capoeira ministra suas aulas nas escolas, o faz mediante remuneração diretamente ligada à

¹⁸ O Código Penal dos Estados Unidos do Brasil, como grafado na época, foi promulgado pelo Decreto nº 847 de 11 de outubro de 1890 e, perdurou até a década de 1940, quando um novo Código Penal foi promulgado pelo decreto-lei nº 2.848 de 7 de dezembro 1940.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

quantidade de alunos. Logo, salvo exceções, seus interesses estão direcionados à conquista de novos adeptos. Por outro lado, a abordagem da capoeira por um (a) professor (a) de Educação Física, está atrelada aos propósitos dessa componente curricular. Sem que as condições concretas de elaboração desse escrito nos permitam discutir mais detidamente ambas as formas, nos limitaremos a refletir acerca da segunda.

Mais especificamente, propomos compartilhar nossas experiências teórico-práticas, discutindo a partir dessas, os princípios utilizados em sua elaboração e, como essas se alinham aos objetivos da Educação Física escolar. Entendemos a Educação Física escolar como “[...] uma disciplina que tem por finalidade propiciar aos alunos a apropriação crítica da cultura corporal de movimento [...]” (BETTI, 2013, p. 64). Por apropriação crítica, Betti (2013) entende ser a introdução e integração dos alunos à cultura corporal de movimento pautada no “exame racional (tendo em vista algum juízo de valor) dos *critérios*, quer dizer, dos princípios fundantes das diversas práticas da cultura corporal de movimento, bem como dos discursos que se produzem sobre elas (p. 64)”. Logo, partimos do pressuposto que a abordagem de qualquer que seja a prática corporal, numa aula de Educação Física deva proporcionar ao educando a capacidade de compreender o andamento da prática em questão, não somente em sua dimensão física e motora, mas que seja capaz de perceber as relações sociais que a envolvem e envolveram-na em diferentes contextos e circunstâncias históricas.

Pautados nesses argumentos, organizamos e conduzimos a oficina “o ensino da capoeira na escola” durante o Simpósio Estudos Culturais na Educação Física. Naquela oportunidade, pretendemos evidenciar a dimensão cultural da capoeira, por meio de experiências teórico-práticas dos **aspectos constitutivos** dessa manifestação, problematizando o ensino e seu trato pedagógico na Educação Física escolar. Um dos aspectos constitutivos da capoeira que abordamos na oficina foi referente à sua historicidade, ou seja, nos propomos tematizar um dos aspectos que compõem a estrutura dessa prática corporal, considerando a especificidade pedagógica da cultura corporal do movimento enquanto saber escolar (BRACHT,

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

2014). Para tanto, adotamos alguns princípios no desenvolvimento das estratégias expostas mais adiante.

PRINCIPIOS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Ao falarmos da historicidade da capoeira nos deparamos com uma gama de temas e fatos que entrecruzam a sua história com a história brasileira. Optamos por discutir na oficina algumas características do período escravocrata, com destaque para espaços, funções sociais da época, as condições de vida às quais estavam submetidos os (as) negros (as) escravizados (as) e algumas das formas de resistência a tais condições. Intencionávamos que os (as) participantes acessassem determinados saberes sobre aquele contexto histórico. Procuramos outra forma de abordagem que não a exclusivamente teórico-expositiva.

Consideramos os postulados de Bracht (2014), para quem diferentemente do saber conceitual que tradicionalmente é transmitido na escola, os saberes dos quais trata a Educação Física apresentam certa ambiguidade, uma vez que se traduzem num “[...] saber-fazer, num realizar corporal”, mas também num “[...] saber sobre esse realizar corporal” (p. 55). O traço comum do duplo caráter dos saberes que trata a Educação Física, em nosso entendimento, é a dimensão corpórea, é a “incorporação” desses saberes mediada pelas vivências com o movimento. O movimento é, nesse caso, entendido como uma forma de linguagem e, que como tal habita o mundo simbólico da cultura, mas não somente o habita, é capaz de comunicar os sentidos e significados culturais que o rodeia (BRACHT, 2014).

Significa dizer que o movimento é capaz de comunicar tanto quanto as palavras e, em algumas situações marcadas, sobretudo pela dimensão sensível e subjetiva, mais do que elas, visto que “[...] ‘resistem às palavras’, ou, dito de outra forma, não é possível pedagogizá-las por via da sua descrição científica” (BRACHT, 2014, p. 59). Logo, se pretendemos problematizar questões históricas determinantes à apropriação da capoeira, podemos fazê-lo pelo movimentar-se. Tomando por base esses pressupostos, abordamos, a partir da adaptação da estrutura geral de jogos e

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

brincadeiras, algumas características do contexto histórico que desejamos problematizar.

FUGA PARA O QUILOMBO, UMA FORMA DE RESISTÊNCIA

Na atividade que conduzimos na oficina abordamos o contexto brasileiro no período da escravidão, por meio dessa, procuramos evidenciar: as relações de poder do período; as condições as quais eram submetidos os (as) negros (as) africanos (as); os papéis e as funções sociais e algumas das formas de resistência àquele contexto. Para tanto, empregamos a dramatização à estrutura geral de um jogo tradicional de perseguição, mais especificamente ao jogo de travessia.

Para os gregos os jogos perseguição representavam a realidade social e moral dos indivíduos, simbolizando as crenças e as ações cotidianas. Tais jogos são caracterizados por sua dinâmica geral, “como a perseguição a uma pessoa e a sua fuga” (SANTOS, 2012, p. 96). Um jogo de travessia é uma variação de jogo de perseguição, caracterizado a partir da “[...] necessidade dos jogadores saírem de um determinado campo e atravessar para o outro lado, procurando fugir do pegador” (SANTOS, 2012, p. 97).

A dinâmica “fuga para o quilombo” foi proposta a partir da estrutura desse tipo de jogo, dessa forma, dentre os (as) participante (as) foram selecionados (as) alguns (mas) pegadores (as). O espaço foi dividido em três campos. O objetivo era atravessar do campo 1 para o campo 3 sem que fossem apanhados pelos (as) pegadores (as), os quais dominavam o campo 2. Os (as) participantes que fossem pegos (as) deveriam voltar ao campo 1 e tentarem passar novamente para o 3, de modo que ninguém fosse excluído da brincadeira.

A partir daí, foram introduzidos os elementos históricos e a dramatização como estratégia se tornou mais evidente. O primeiro aspecto se refere aos espaços, assim, o campo 1 tornou-se a senzala, o campo 2, o engenho, e o campo 3, o quilombo. Com a nomeação dos espaços, também os (as) participantes receberam nova designação, o que auxiliará na contextualização. A maior parte dos (as) participantes foi submetida à condição de africanos (as) escravizados (as) e ocuparam o espaço da senzala.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

Outra personagem inserida foi a figura do feitor, ocupando o campo 2, o engenho. O feitor era o capataz, o responsável pelo engenho e, como tal inspecionava o trabalho escravo, punindo os transgressores. O campo 3 será o quilombo, designado como locais de refúgio, construídos por escravos fugidos. Os habitantes dos quilombos são chamados de quilombolas. Genericamente, um quilombo é uma das muitas formas de reação à escravidão (GUIMARÃES, 1988).

Mediada pela dramatização, à atividade exige que seus participantes assumam papéis sociais da época e, assim como, os (as) africanos (as) escravizados (as) tentam escapar das senzalas, vigiadas pelo feitor. Sabemos que muitos (as) negros (as) conseguiram fugir dos feitores e construíram por toda a extensão do território brasileiro centenas de quilombos, dentre eles o quilombo de Palmares que, em seu apogeu, por volta de 1670, abrigou cerca de 20 mil habitantes (MOURA 1986). Após a fuga do engenho, o escravo continuava a ser perseguido.

Entra em ação a figura do capitão-do-mato, responsável por caçar os negros fujões. Também será inserido um novo campo, que onde ficará o capitão-do-mato. Para abordamos as incursões quilombolas aos engenhos, a fim de libertarem os escravos (ALVES FILHO, 1988), novas estratégias e novos espaços foram incorporados. Assim, quem fosse pego deveria ficar imóvel no local. Mas, os (as) que conseguem chegar ao quilombo, tornar-se-iam quilombolas podendo salvar os colegas capturados. A dinâmica termina quando todos forem capturados, ou quando todos forem quilombolas livres. A atividade se propôs apresentar as características de um contexto histórico cujas condições sociais propiciaram muitas formas de resistência, dentre elas, a capoeira.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

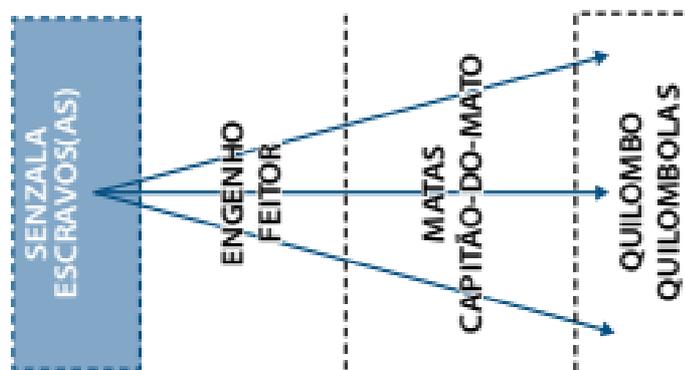


Figura 1: Representação dos espaços e das funções da dinâmica “fuga para o quilombo”. Fonte: O autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar dos princípios utilizados na elaboração de estratégias de ensino da capoeira em aulas de Educação Física, destacamos, a necessidade de se considerar aspectos próprios tanto da Educação Física quanto da capoeira. Dessa forma, procuramos nos apropriar, através da dramatização e do fazer corporal, do discurso expositivo referente aos contextos e circunstâncias históricas do período escravocrata brasileiro. Essa incorporação, em nosso entender, ajuda a compreender a capoeira como uma das respostas possíveis a tais circunstâncias.

CAPOEIRA TEACHING IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

This text aims to present the principles used in the elaboration of pedagogical dynamics as strategies in the capoeira thematization in school Physical Education classes. We understand that such thematization should consider the constitutive aspects of capoeira, without departing from the pedagogical objectives of Physical Education. With this purpose, we conducted the workshop, the teaching of capoeira at school, in which we propose activities aimed at approaching capoeira, highlighting its historicity.

KEYWORDS: school physical education; capoeira; teaching-learning

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

CAPOEIRA ENSEÑANZA EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo presentar los principios utilizados en la elaboración de dinámicas pedagógicas como estrategias en la tematización de la capoeira en las clases de educación física escolar. Entendemos que tal tematización debe considerar los aspectos constitutivos de la capoeira, sin apartarse de los objetivos pedagógicos de la educación física. Con este propósito, realizamos el taller, la enseñanza de la capoeira en la escuela, en el que proponemos actividades dirigidas a acercarse a la capoeira, destacando su historicidad.

PALABRAS CLAVES: educación física escolar; capoeira; enseñanza-aprendizaje.

REFERÊNCIAS

- ABIB, P. R. J. *Conversas de capoeira*. Salvador: EDUFBA, 2015.
- BETTI, M. *Educação física escolar: ensino e pesquisa-ação*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2013.
- BRACHT, V. *Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2014.
- BRASIL. *Salvaguarda da Roda de Capoeira e do Ofício do Mestre de Capoeira: apoio e fomento*. Brasília: IPHAN, 2017.
- ALVES FILHO, I. *Memorial de Palmares*. Rio de Janeiro: Xenon, 1988.
- GUIMARÃES, C. M. *A negação da ordem escravagista: quilombos em Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Ícone, 1988.
- MELLO, A. S.; SCHNEIDER, O. *Capoeira: abordagens socioculturais e pedagógicas*. Curitiba: Appris, 2015.
- MOURA, C. *Os quilombos e a rebelião negra*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SANTOS, G. F. L. *Jogos tradicionais e a Educação Física*. Londrina: EDUEL, 2012.
- SILVA, G. O.; HEINE, V. *Capoeira: um instrumento psicomotor para a cidadania*. São Paulo: Phorte, 2008.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

A RELAÇÃO CORPO, MUSICALIDADE E DISCURSO NAS PRÁTICAS DANÇANTES

Eliane Regina Crestani Tortola, Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPEL),

eliane.tortola@ufpel.edu.com.br

RESUMO

Esta pesquisa objetiva apresentar reflexões acerca dos aspectos que permeiam a relação corpo e música, com base na Análise do Discurso, orientada por Michel Foucault, no sentido de contribuir com experiências formativas no campo da educação física, notadamente no que se refere à interlocução entre dança e gênero. O corpo, visto pela ótica discursiva, é descrito em canções compostas nas mais diferentes épocas e possui rupturas e regularidades geradoras de discursos de conformismo e resistência.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; dança; música; discurso.

INTRODUÇÃO

Ao ministrar aulas de dança no contexto da educação física somos flagrados/as refletindo acerca dos discursos que as músicas produzem sobre o corpo, forjado a partir das transformações históricas que demarcam nossa constituição de gênero. O processo de mercadorização da música que emerge em meio a comportamentos que revelam erotismo, sensualidade e imagem corporal, notadamente das mulheres, está presente nos diversos campos de atuação do/a professor/a, como uma problemática que exige atenção.

Perceber o que é dito sobre os corpos nas músicas que utilizamos em nossas aulas de dança é uma das maneiras de romper com a objetificação desses corpos e a naturalização de práticas machistas e preconceituosas que perpassam a atuação docente, uma vez que, segundo Lara e Vieira (2010, p.179), “pela dança se inventam corpos, se resiste ao poder, se desestabilizam as representações e discursos tradicionais acerca da sexualidade e do gênero, e se geram desvios microscópicos que abalam o pensamento”.

Durante minha atuação docente no campo da dança, muitos foram os momentos em que me deparei com a inquietação diante de músicas cuja letra,

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

empobrecida pelos fetiches midiáticos, expunham corpos como coisas, especialmente o corpo das mulheres. Esse processo me levou a questionar se o corpo das mulheres poderia ser abordado de um ponto de vista discursivo, considerando as movências e as permanências em meio à dispersão dos enunciados que pareciam configurar esse corpo como objeto de saber nas músicas, o que me fez pesquisar as canções de Chiquinha Gonzaga como materialidade discursiva.

O resultado dessa empreitada gerou provocações que me fizeram repensar minha ação docente nas aulas de dança na graduação em educação física em instituição de ensino superior, pois, ao analisar a objetivação do corpo das mulheres em obras musicais de Chiquinha Gonzaga, percebi que suas produções estruturam-se como possibilidade para a construção de experiências formativas que nos permitem transitar em tempos históricos diferentes, por meio das manifestações corporais, refletindo questões que envolvem a compreensão do que é ser mulher hoje e de como seu corpo é objetivado.

A partir daí passei a considerar a importância de uma racionalidade prática por meio do olhar sensível para o contexto histórico, social e cultural de produção das músicas, no sentido de provocar o estranhamento e o deslocamento dos sujeitos das ideias pré-estabelecidas, dadas como fixas, rompendo com a atitude dogmática que contribui para a manutenção de estereótipos de gênero, reforçando a padronização de corpos e suas generificações.

Logo, desenvolver experiências formativas que possam contribuir para a ação docente nas aulas de dança na educação física, nos diferentes níveis de formação, é oportunizar reflexões sobre o corpo que dança, mas que também é discursivizado, podendo servir de objeto frente as formas de manipulação e controle desse corpo. Tais reflexões serão apresentadas aqui em dois momentos: o primeiro trata-se da narrativa metodológica basilar como ferramenta para a Análise do Discurso (AD) em diferentes materialidades; o segundo momento diz respeito ao exercício propositivo que possa subsidiar futuras experiências formativas para o ensino da dança e outras práticas corporais na educação física.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS DA ANÁLISE DO DISCURSO FOUCAULTIANA

Um estudo direcionado a leituras dos diferentes corpos, discursivizados em obras musicais, necessita de um método que venha ao encontro de questões que lhe são específicas, pois demanda o entendimento de ferramentas de análise envolvendo não só a compreensão de uma determinada linguagem, mas na forma de dizer e onde, como e quando foi dito. O discurso não é apenas a ação de pronunciar uma palavra ou um emaranhado delas, mas é todo um conjunto de enunciados repleto de sentido e historicidade que foi proferido, atravessando o tempo ou não.

A AD a partir do método foucaultiano envolve discurso e sociedade, auxiliando na reflexão sobre a objetivação dos corpos, que passa pelo contexto histórico e social em que os enunciados emergem. Michel Foucault não faz uso apenas da linguagem como recurso, mas da relação saber-poder, ou seja, de como os dispositivos de poder e as estratégias do saber nos levam a refletir acerca da maneira como os diferentes corpos podem ser visualizados nas materialidades discursivas, por meio da concepção de enunciados que circulam na sociedade e de como, a partir disso, podemos fomentar debates, problematizando a questão do corpo e suas demarcações sociais.

Nesse caminho, algumas ferramentas apresentadas por Foucault (2008) permitem análises discursivas, que buscarei explicar de modo sucinto, mas que possa servir de base para, ao menos, nos levar à compreensão da possibilidade de interpretação dos discursos produzidos nas músicas que utilizamos em nossas aulas de educação física. As ferramentas a que me refiro são a noção de: acontecimento, dispositivo, enunciado, formação discursiva, ruptura e regularidade.

Não tenho aqui a pretensão de me colocar como analista do discurso no mesmo grau de *expertise* de um/a linguista, mas apresentar possibilidades de análise que possam ir ao encontro de necessidades emergenciais, e iniciarei essa tarefa a partir da noção de acontecimento. Esse termo, diz respeito, segundo Foucault (2008), a um conjunto de enunciados que foi dito em algum momento e produz efeito, o autor orienta que há grandes acontecimentos que são mais visíveis e que há outros menos

e, mesmo que o enunciado, em sua estrutura linguística, seja repetido, a enunciação pode ser outra, pois há sempre a possibilidade do discurso ser um acontecimento em outro tempo histórico, já que ele não está preso a saberes cristalizados, é movente, podendo ser dito de diferentes maneiras em épocas diversas, mas mantendo o mesmo significado.

Porém, para que haja o acontecimento discursivo é preciso que um mecanismo faça com que as pessoas falem de algo em um dado contexto, de modo a produzir saber e instaurar uma outra racionalidade a partir do que foi dito ou que se encontra nos microacontecimentos. Esse mecanismo é chamado por Foucault (2008) de dispositivo. É ele (o dispositivo) que produz o discurso e faz os enunciados circularem. Desse modo, o que é dito sobre o corpo nas músicas passa pelo atravessamento de dispositivos de poder (FOUCAULT, 1999), um mecanismo cujo domínio leva os seres humanos a se reconhecerem como sujeitos, acionando outros discursos.

Já os enunciados, não são apenas palavras ditas ou escritas, mas trata-se da “unidade elementar do discurso” (FOUCAULT, 2008, p. 90), não uma estrutura composta por letras ou palavras, mas um dito que emite saber e tem como característica as escolhas que fazemos em dizer algo e não dizer outra coisa, dependendo de onde falamos e quando falamos. O enunciado é repleto de sentido e de modos de enunciação que são demarcados pela formação discursiva que é desenvolvida em cada campo de saber, possuindo sua linguagem própria, aceita e positivada na sociedade.

Além disso, tudo o que é dito ou escrito pode ser considerado como ruptura ou regularidade. Ou seja, um discurso pode romper com o verdadeiro de uma época, instaurando outra racionalidade, acionado por um dispositivo de poder, mas também, o mesmo discurso, por ser regular, apresentar o mesmo sentido que apresentou em outro tempo histórico, mesmo que a enunciação seja outra.

Analisar letras de músicas provoca, portanto, um retorno ao passado, ao mesmo tempo que nos mantém fixos no tempo presente, uma vez que muitas canções perpetuam discursos naturalizados acerca dos corpos, notadamente o das mulheres, colocadas em posição de submissão, hipersexualização e objetificação. A seguir

apresentarei exercícios propositivos para contribuir com experiências formativas no trato com a música nas aulas de educação física.

ESTRANHAMENTO E RESISTÊNCIA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA RELAÇÃO CORPO-MÚSICA-DISCURSO

Trazer para o contexto educativo contemporâneo músicas que apresentam o corpo evidenciado, focalizando tempos históricos diferentes e reatualizando os discursos produzidos pelas canções são maneiras de sacudir as evidências e provocar a ação de dispositivos de resistência capazes de provocar rupturas nos discursos, cuja regularidade enunciativa ainda objetiva corpos, seja na música ou na própria dança, por meio das gestualidades. Hoje, o corpo da mulher é objetivado como “novinhas”, “safadas”, que “quicam”, “sarram” e “batem com a bunda no chão”. Esse olhar não se dá sem o rompimento com uma atitude dogmática de não aceitação dessas canções.

Ao analisarmos as músicas que dançamos reconhecemos modos de apropriação da realidade, de sujeição ou de movimentos de resistência. As músicas de Chiquinha Gonzaga, por exemplo, são produções que ora reproduzem o discurso hegemônico, ora produzem o discurso de resistência. Um exemplo disso é a música “Maestro e Rita”, de Gonzaga e Bettencourt (1913), em que a mulher afirma que é mulata pra casar, no trecho: *“Deixe-se disso, de fingimento/ A culpa é sua, basta marcá/ O nosso dia de casamento/ Que eu sou mulata pra casá”*. Aqui, vemos a mulher que resiste à condição dada historicamente à mulher negra objetivada na figura da “mulata”, como escrava sexual de seu senhor. Ela é para casar, logo, quer pertencer ao ideário da mulher que é do lar, destinada à época, na maioria dos casos, à mulher branca.

Outras canções de Chiquinha Gonzaga apresentam o corpo erótico da mulher objetivado em enunciados como “faceira”, “saborosa”, “ardente” e “sedutora”. Tais objetivações constituem demarcações identitárias de gênero que persistem como construções culturais na sociedade contemporânea em diversas materialidades em que o corpo das mulheres é discursivizado. Um exemplo disso são as músicas e as

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

danças que delas derivam, a exemplo do *funk*, como é possível ver na música “Agora vai sentar”, dos Mcs Jhowzinho e Kadinho (2017): “*Você vai sentar por cima e o DJ vai te pegar/ Tu pediu, agora toma/ Não adianta tu voltar, menina/ Agora você vai sentar/ Dou tapinha na potranca/ Com o bumbum ela balança/ Se eu te chamo de malandra/ Você vai se apaixonar*”.

Na canção acima vemos o discurso regular, próprio da formação discursiva presente no *funk*, por meio dos enunciados “menina”, “malandra”, “...bumbum ela balança”, que, acionados pelo dispositivo da sexualidade, perpetua e naturaliza a objetivação da mulher como objeto sexual que, na dança, excita o desejo masculino. Essa regularidade aparece também em canções de Chiquinha Gonzaga, notadamente, por meio de enunciados como “faceira”, “quadris”, “requebra”, em que o enunciado é diferente, mas a enunciação se mantém como legitimadora do machismo.

Muitas canções são feitas para dançar, como a citada acima, e são constantemente solicitadas por nossos/as educandos/as. Não devemos nos furtar de, a partir dessas demandas, provocar o estranhamento por meio da experiência recitativa das músicas ou realização de mímicas. Tais atividades são profícuas e provocativas, pois retira do contexto o elemento que, por vezes, impede a reflexão dos enunciados: a batida empolgante e divertida da canção.

Nesse caminho, entendemos que o poder não se dá, apenas, como uma força negativa, mas sobretudo como uma força produtiva. A resistência ocorre em posição de interioridade em relação ao poder, como um elemento das relações estratégicas em que o poder se constitui, apoiando-se na realidade e na circunstância a qual combate. Logo, experiências formativas que aproximem os sujeitos de um contexto histórico diferente do vivido por eles, reconhecendo manifestações culturais diversas, podem suscitar a construção de uma racionalidade em que prevaleça olhares humanísticos em respeito às suas diferentes formas de ser no mundo.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar reflexões acerca dos aspectos que permeiam a relação corpo e música, com base na AD busquei propor vivências práticas dos diferentes sujeitos a partir da reflexão dos enunciados presentes nas canções que utilizadas em nossas aulas de dança, incitando experiências formativas que possam provocar o autoconhecimento, a tensionalidade, o embate com o plural, considerando as particularidades próprias a cada um.

Trata-se de considerar as regularidades dos enunciados sobre os corpos, especialmente das mulheres e sua relação com o contexto contemporâneo, por meio da memória discursiva que aponta para a percepção da naturalização de discursos machistas e que hipersexualiza a figura feminina, obedecendo às verdades impostas como norma.

Partir da realidade de nossos/as alunos/as convidando-o/a para a experiência recitativa, por exemplo, é uma maneira de chamar a atenção para questões que são submersas nas práticas dançantes desprovidas de criticidade. Portanto, faz-se necessário oportunizar momentos de reflexão acerca do que está posto como verdade, provocando ruptura, a fim de gerar outra racionalidade, resistente e empoderadora.

THE BODY, MUSICALITY AND DISCOURSE RELATIONSHIP IN DANCING PRACTICES

ABSTRACT

This research aims to present reflections on the aspects that permeate the relationship between body and music, based on the Discourse Analysis, guided by Michel Foucault, in order to contribute to formative experiences in the field of physical education, especially regarding the dialogue between dance. and gender. The body, seen through the discursive optics, is described in songs composed at different times and has ruptures and regularities that generate discourses of conformity and resistance.

KEYWORDS: body; dance; music; discourse.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

LA RELACIÓN CUERPO, MUSICALIDAD Y DISCURSO EN LAS PRÁCTICAS DE BAILE

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo presentar reflexiones sobre los aspectos que impregnan la relación entre el cuerpo y la música, basados en el Análisis del Discurso, guiado por Michel Foucault, para contribuir a las experiencias formativas en el campo de la educación física, especialmente en relación con el diálogo entre la danza. y género. El cuerpo, visto a través de la óptica discursiva, se describe en canciones compuestas en diferentes momentos y tiene rupturas y regularidades que generan discursos de conformidad y resistencia.

PALABRAS CLAVE: cuerpo; danza música; discurso.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. M. *A Arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LARA, L. M.; VIEIRA, A. P. Em foco... o corpo que dança: experiências docentes e intersubjetividades desafiadas. In: LARA, L.M. (Org.). *Abordagens socioculturais em educação física*. Maringá: Eduem, 2010, p.141-186.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

**CORPO E DIVERSIDADE CULTURAL NAS DANÇAS ÉTNICO-
RACIAIS**

Gislaine Gonçalves, Faculdade Santa Maria da Glória (SMG),

gislainegoncalves1969@gmail.com

Thaís Godoi de Souza, Universidade Estadual de Maringá/ Campus Regional Vale
do Ivaí (UEM/CRV), tgsouza2@gmail.com

RESUMO

A oficina *corpo e diversidade cultural nas danças étnico-raciais* ministrada no Simpósio de estudos culturais na educação física visou apresentar os determinantes históricos e socioculturais das danças de matriz africana, o sincretismo religioso nas manifestações culturais brasileiras e as características dos orixás. A escolha por essa temática se deu para mostrarmos como a dança pode ser abordada na educação física escolar e em outros ambientes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: dança étnico-racial; sincretismo religioso; orixás; educação física.

INTRODUÇÃO

As temáticas ligadas à história e cultura afro-brasileira, como as políticas de ações afirmativas, comunidades remanescentes de quilombos, educação para a diversidade étnico-racial e educação anti-racista, têm crescido nos meios de comunicação e no cotidiano do país em especial no início do século XXI.

No decorrer da história do negro, no Brasil, percebemos que a exploração do trabalhador afro-brasileiro continuou após a abolição. Esse trabalhador ficou à mercê da sociedade, desempregado e subempregado, em escassas condições de moradia, educação e saúde. Dessa forma, esta população se revoltava por todos os direitos negados durante a história. Na ditadura militar, os afro-descendentes resistiam, juntamente com outras camadas da sociedade, às imposições militares capitalistas. Foi no final desse regime que a comunidade afrodescendente apresentou algumas de suas reivindicações, formando, assim, o Movimento Negro Unificado (SOUZA, LARA, 2011).

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

Foi somente com a redemocratização do país no final da década de 1980 que se inicia a discussão das condições materiais e sociais da população negra. Contudo, apenas no início do século XXI que o debate sobre a cultura afro-brasileira aparecerá na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A Lei nº10.639/2003, que trata sobre a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira propiciou uma espécie de estímulo para a realização de projetos e trabalhos que contemplem um caráter educacional direcionado às inúmeras manifestações e expressões da diversificada cultura brasileira. Posteriormente em 2008, a Lei nº 10.639 é modificada pela lei nº11.645, a qual estabelece a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Mediante a esses argumentos nos propomos a debater a cultura negra, em especial a dança e a religião, no intuito de desmistificar termos, ditados e ideias relacionadas a inferioridade, submissão e demonização dessa etnia. Dialogar sobre a dança e a religião afro-brasileira é essencial para a compreensão dos estigmas e das condições materiais e sociais da população negra no Brasil contemporâneo.

O NEGRO NO BRASIL

Para Gonçalves (2019) no início do século XIX a população brasileira, com pouco mais de três milhões de habitantes, consistia em um terço de brancos livres, sendo que os escravizados variavam entre um milhão e um milhão e meio. Destes, estima-se que em 1800 cerca de 500 mil eram pessoas negras livres. Até a metade do século XIX, a população brasileira ampliou significativamente o número de pessoas, em um salto abrupto de 3.250.00 para oito milhões.

As teorias racistas difundidas na sociedade brasileira no final do século XIX e a ideologia do branqueamento vigoraram até os anos de 1930, quando foram substituídas pela ideologia da democracia racial (FREYRE, 2006). O início da República (1889) foi marcado pela ideia da modernidade e progresso do país, questão que esteve intimamente articulada ao branqueamento da população, uma vez que a imigração europeia e a miscigenação gerariam a diminuição dos negros (JACCOUD,

2008). A ideia do branqueamento da população brasileira se vê presente até os dias atuais, perceptível nos livros didáticos e em outros meios de comunicação, identificando como positiva a relação com o que é de fora (estrangeiro), principalmente, com a cultura europeia e norte-americana.

A DANÇA E OS ORIXÁS

A dança é uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem, é uma “[...] linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, hábitos, da saúde, da guerra etc (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.82).

No Brasil, muitas danças e folguedos possuem raiz africana. Como exemplo podemos citar o Jongo, expressão afro brasileira, manifestada nos quintais das periferias urbanas, em datas de Festas dos santos católicos, festas juninas, do divino e abolição da escravatura. É uma forma de louvação aos antepassados e afirmação da identidade negra, tem suas raízes nos ritos e crenças dos povos africanos de língua bantu, se consolidou entre os escravos que trabalhavam nas lavouras de café e cana de açúcar. Tombado como Patrimônio Cultural do Brasil em 2005 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN (IPHAN, 2007).

Na oficina visamos apresentar as características principais das religiões de matriz africana. As quais possuem interdependência dos seus elementos constitutivos (dança e a música), um objeto funciona em função do outro, em processo de harmonia. No contexto de aula, a dança afro, não se separa o Tambor da dança e nem a dança do Tambor. Apresentamos também os orixás, ancestral divinizado, cujo poder encarna momentaneamente em um descendente. Essa encarnação no Brasil ocorre no terreiro (local de celebração da religião) (GONÇALVES, 2012).

Cada orixá, tem nuances de personalidade e representa as forças da natureza. Para cada orixá há vários toques e pontos cantados. Os Orixás apresentados e discutidos na referida oficina foram: Exu, Oxalá, Ogum, Xangô, Oxóssi, Yansã, Yemanjá e Obaluaê.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

Os orixás, como esclarece Lara (2008, p. 63), são uma “[...] espécie de personificação/deificação de forças da natureza” e representam os arquétipos revividos por meio do transe. No Brasil, são conhecidos, entre outras nomenclaturas próprias da língua utilizada, como Iansã, Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Oxum, Iemanjá, Exu, e são ritualizados por meio da dança, momento em que o sujeito vive um momento mítico. Iansã por exemplo é, portanto, o orixá representativo do grupo, conhecida por ser um orixá feminino, guerreira, que se relaciona com eguns (espírito de mortos), sendo expressa pelo vento e pelas tempestades. Sua dança é vivaz, com braços estendidos que parecem liberar a fúria do vento e dominar os espíritos dos mortos.

Para melhor compreensão das diversas expressões que a dança aos orixás pode representar podemos nos reportar a Lara (2008, p.65) que expõe uma excelente fala sobre os orixás começando por, Exu é o primeiro a ser ritualizado, pois “[...] no candomblé, tudo deve começar por ele. É quem primeiro recebe as oferendas, pois leva os pedidos aos orixás”. A autora continua: “Está associado à sexualidade, à transformação e ao lugar onde os caminhos se encontram, ou seja, as encruzilhadas [...] representando justiça e esperança, potência a favor da vida [...] seu dia é segunda-feira e sua dança é alegre e rápida”.

Já Oxóssi, ritualizado na quinta-feira, representa o caçador. Porta arco e flecha, usa roupa verde ou azul, sendo associado ao índio das matas brasileiras em terreiros influenciados pelo sincretismo. Sua gestualidade, na dança, está ligada à movimentação do arco e flecha. Por sua vez, Oxalá, ritualizado na sexta-feira, é um orixá conselheiro e sábio, apresentando duas qualidades: Oxalufã (velho e curvado) e Oxaguiã (jovem e guerreiro). O primeiro, dança abaixado segurando o opaxorô e, o segundo, dança com vitalidade em deslocamentos rápidos (LARA, 2008).

METODOLOGIA

A metodologia da oficina visou o debate sobre a Lei nº 10.639/2003 e nº11.645/2008, bem como sobre o período escravista no Brasil e pós-abolição para mostrar as condições da população negra em uma sociedade do “trabalho livre”. A

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

partir dessa fundamentação teórica apresentamos a dança como manifestação milenar e a dança étnica afro-brasileira a partir das características dos orixás e os elementos da natureza (terra, ar, fogo e água). A oficina objetivou apresentar aos participantes como eles podem criar e explorar movimentos a partir dos elementos da natureza e da técnica da dança contemporânea.

A oficina foi organizada de forma a ambientar os participantes a temática. Partimos da apresentação das experiências e pesquisas das professoras ministrantes da oficina; o debate das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008; a dança na cultura humana (colheita, homenagem, ritual fúnebre, representação, nascimento, comemoração); influência da cultura afro no Brasil (danças, folguedos); Orixás e a natureza; vivência e exploração de movimentos da natureza – terra, ar, fogo, água e vivência dos movimentos dos orixás (Ogum, Yansã, Oxossi, Yemanjá).

Por último foi proposto que os participantes se dividissem em 3 grupos, cada um deles receberia uma história que precisaria ser coreografada a partir de sentimentos e a determinados elementos da dança. O quadro 1 mostra o exemplo elaborado pelas autoras da oficina.

História	Sentimentos	Elementos técnicos
1 “a escravidão contemporânea manifesta-se na clandestinidade e é marcada pelo autoritarismo, corrupção, segregação social, racismo, clientelismo e desrespeito aos direitos humanos.”	Injustiça, Opressão e Invisibilidade.	Movimentos: rápido, lento, quebrado, contínuo. Planos: Alto, médio e baixo.
2 No Brasil, a condição jurídica dos escravizados era de “coisa”. Por serem juridicamente “coisas”, os homens e mulheres escravizados podiam ser doados, vendidos, trocados, legados nos testamentos de seus senhores e partilhados, como quaisquer outros bens. Na condição de “coisa” eles não podiam possuir e legar bens, constituir poupança, nem testemunhar em processos judiciais. A coisificação jurídica do escravizado fazia parte de uma estratégia de dominação que buscava desumanizar os escravizados e que ao mesmo tempo em que os destituíam de todos os direitos criava uma ideologia de subalternidade, segundo a qual eles seriam incapazes de refletir e contestar a própria condição.	Submissão; Troca, Desprezo.	Movimentos: rápido, lento, quebrado, contínuo. Planos: Alto, médio e baixo

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

<p>3 Lei nº3.353 de 13 de maio de 1888: A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte: Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brazil. Art. 2º: Revogam-se as disposições em contrário. Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.</p>	<p>Liberdade; Desespero.</p>	<p>Movimentos: rápido, lento, quebrado, contínuo. Planos: Alto, médio e baixo</p>
--	----------------------------------	---

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina de danças étnico-raciais objetivou abordar a dança e a religião afro-brasileira a partir de um contexto socio-histórico. A vivência dos elementos corporais característicos dos orixás e dos elementos da natureza visaram contribuir para a desmistificação de demonização da cultura do negro. As manifestações afro-brasileiras apresentadas por meio do corpo dançante representa a herança corpórea deixada pelos ancestrais a seus descendentes.

BODY AND CULTURAL DIVERSITY IN ETHNIC-RACIAL DANCES

ABSTRACT

The workshop body and cultural diversity in ethnic-racial dances taught in the symposium of cultural studies in physical education aimed to present the historical and sociocultural determinants of dances of African matrix, the religious syncretism in Brazilian cultural manifestations and the characteristics of the Orixás. The choice for this theme was to show how dance can be addressed in school physical education and in other social environments.

KEYWORDS: ethnic-racial dance; religious syncretism; orixás; physical education.

LA DIVERSIDAD CORPORAL Y CULTURAL EN LAS DANZAS ÉTNICOS-RACIALES

RESUMEN

El taller cuerpo y diversidad cultural en danzas étnico-raciales impartido en el Simposio de estudios culturales en educación física tuvo como objetivo presentar los

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

determinantes históricos y socioculturales de las danzas de matriz africana, el sincretismo religioso en las manifestaciones culturales brasileñas y las características de los orixás. La elección de este tem fue mostrar como se puede abordar la danza en la educación física escolar y en otros entornos sociales.

PALABRAS CLAVES: danza étnico-racial; sincretismo religioso; orixás; educación física.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Promulgada em 5 out. 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de novembro de 1996*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2003.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena no currículo oficial da rede de ensino. Brasília, DF, 2008.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. 13ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 1992.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GONÇALVES, G. *A educação da criança negra na província do Paraná (1853-1889)*. 2019. 201 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UEM, Maringá, 2019.

GONÇALVES, G. *Práticas corporais afro-brasileiras em uma realidade quilombola no Paraná: perspectivas de uma ação interventora*. 2012. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação associado em Educação Física UEM/UEL, UEM, Maringá, 2012.

IPHAN. Dossiê 5. *Jongo no Sudeste*. Brasília-DF: IPHAN, 2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_jongo_m.pdf. Acesso em: 25 set. 2019.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

JACCOUD, L. Racismo e república: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, M. (Org.). *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*. Brasília, DF: Ipea, 2008.

LARA, L. M. *As danças no candomblé: corpo, rito e educação*. Maringá: Eduem, 2008.

SOUZA, T. G. LARA, L. M. O estado da arte de comunidades quilombolas no Paraná: produção de conhecimento e práticas corporais recorrentes. *Revista da Educação Física/UEM* Maringá, v. 22, n. 4, p. 555-568, 4. trim. 2011.

A GINÁSTICA COMO COMO UM SABER NECESSÁRIO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR¹⁹

Ieda Parra Barbosa Rinaldi, Universidade Estadual de Maringá (UEM),
parrarinaldi@hotmail.com

Ademir Faria Pires, Universidade Estadual de Maringá (UEM), afariapires@gmail.com

RESUMO

A ginástica é uma manifestação que faz parte do universo de conhecimentos da educação física, visto que é um conteúdo preconizado nos documentos norteadores da educação básica brasileira. Objetivamos contribuir para que os professores que atuam na educação física escolar e aqueles que estão em formação possam compreender a importância da ginástica, bem como lançar um olhar atento à esta manifestação de modo a se manter atualizado mediante a produção de conhecimentos, a fim de fomentar novos saberes no espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE: ginástica; escola; formação inicial; formação continuada.

INTRODUÇÃO

Como docentes do ensino superior, atuantes na formação inicial e continuada de professores de Educação Física (EF), lançamos um olhar atento à formação pedagógica destes profissionais, especialmente no que diz respeito às manifestações gímnicas. Neste percurso, atuando também como pesquisadores, verificamos que a temática ginástica e a esta como conteúdo escolar tem sido pouco estudada, principalmente se comparada às outras temáticas da área (CARBINATTO *et al.*, 2016; SIMÕES; *et al.*, 2016).

Preocupados, especialmente com a ginástica como conteúdo da educação física escolar, defendemos a necessidade de pesquisas que priorizem a relação entre o campo acadêmico e o campo escolar e que estas estejam vinculadas a prática pedagógica nesse espaço, de modo que um possa enriquecer e complementar o outro. É partindo deste pressuposto que buscamos contribuir para suprir a lacuna apontada em diversos estudos, que demonstram que a ginástica é um conteúdo quase

¹⁹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro para sua realização.

ausente na Educação Física Escolar (EFE) (RUSSEL; NUNOMURA, 2002; AYOUB, 2003; SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2007; PIZANI; BARBOSA-RINALDI, 2010; COSTA *et al.*, 2016).

A constatação desses autores denuncia que a escola não tem cumprido o que é preconizado nos documentos norteadores da Educação Básica, em nível nacional e estadual (BRASIL, 2018; PARANÁ, 2018), que indicam a ginástica como um conteúdo da EFE. Para justificar esta ausência, os autores supracitados elencam os motivos apresentados por professores que atuam na EFE para não trabalhar com a ginástica na educação física escolar, dentre eles: a dificuldade do professor abordar o conteúdo, concepção da Ginástica somente como modalidade competitiva/esportivizada, falta de fundamentação teórico-metodológica e de organização de conteúdos, formação insuficiente, falta de formação continuada e de suporte didático aos docentes, falta de estudos interventivos na área, compreensão restrita sobre a ginástica, medo por questões de segurança, entre outros.

Buscando oferecer princípios norteadores para o trato pedagógico com o conteúdo ginástica, Barbosa-Rinaldi e Pizani (2017) elencam alguns elementos que consideram necessários para a atuação do professor de EF no contexto escolar para com esta manifestação. Neste sentido, afirmam que: a ginástica é um conteúdo importante no processo de educação formal, podendo contribuir para a formação do sujeito, devendo fazer parte da vida dos escolares; os conhecimentos gímnicos trabalhados na escola devem estar vinculados à realidade social e concreta dos alunos, de modo que o aprendizado possa fazer sentido e significado em suas vidas; os saberes referentes à ginástica devem ser estruturados e sistematizados ao longo de toda Educação Básica.

Pensando nestes princípios, temos como objetivo contribuir para que os professores que atuam na EFE e aqueles que estão em formação compreendam a importância da ginástica, bem como possam lançar um olhar atento à esta manifestação, de modo a se manterem atualizados sobre a produção de conhecimentos na área, no sentido de que tenham subsídios para a constante inovação de suas práticas pedagógicas.

COMPREENDENDO O UNIVERSO DA GINÁSTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Ao pensarmos nos saberes necessários para a ginástica no contexto escolar, nos ancoramos na classificação de Souza (1997) a respeito dos campos de atuação da ginástica e de seus elementos constitutivos. Dos cinco campos elencados pela autora, quatro deles são de competência da área da EF²⁰ e precisam ser tematizados durante as aulas do componente curricular, sendo eles: 1) as ginásticas de condicionamento físico, englobando as modalidades que buscam desenvolver as qualidades físicas de seus praticantes; 2) as ginásticas de conscientização corporal, caracterizadas por objetivarem a solução de problemas de saúde e posturais; 3) as ginásticas competitivas, que envolvem as todas modalidades competitivas; e 4) as ginásticas demonstrativas, que possuem como principal característica a não-competitividade e o caráter artístico e rítmico.

Ao pensarmos nos elementos constitutivos da ginástica, perpassamos pelos elementos corporais, elementos acrobáticos, elementos de condicionamento físico executados sem aparelhos, em aparelhos ou com aparelhos, tradicionais ou não tradicionais – (SOUZA, 1997). São estes, portanto, os elementos que compõem o universo da ginástica.

Quando estabelecemos relação com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) e o Referencial Curricular do Estado do Paraná²¹ (PARANÁ, 2018), percebemos que, na unidade temática Ginástica são elencados os conteúdos Ginástica Geral, Ginástica de condicionamento físico e Ginástica de conscientização corporal. Além disso, as ginásticas competitivas, especificamente Ginástica Rítmica e Ginástica Artística, na BNCC são apontadas como conhecimentos a serem tratados, inseridos na classificação de esportes técnico combinatórios.

Compreendendo a necessidade de explorar o universo da ginástica no ambiente escolar, bem como atender os direcionamentos elencados pelos

²⁰ O campo das Ginásticas Fisioterápicas fica sob a responsabilidade dos profissionais da fisioterapia.

²¹ Este documento caracteriza-se como o documento norteador para a Educação Básica do Estado do Paraná, foi elaborado a partir do que é preconizado na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

documentos norteadores, verificamos a possibilidade de trabalho da ginástica como um conteúdo para a EFE, seguindo a progressão de conteúdos. Um exemplo de organização para a ginástica pode ser verificado em Barbosa-Rinaldi e Pizani (2017), ao apresentarem uma possibilidade de sistematização, desde a educação infantil até o ensino médio, percorrendo os campos de atuação e os elementos constitutivos da ginástica.

Baseados nisso, entendemos ser necessário que desde a infância as crianças tenham a possibilidade de fruir e apreender os conhecimentos relacionados aos elementos corporais, acrobáticos, atividades rítmicas e expressivas, a manipulação de aparelhos tradicionais e não tradicionais e a exploração do espaço escolar. Até que, com o passar dos anos o grau de complexidade das atividades possa ser aumentado, de modo que modalidades específicas possam ser abordadas, envolvendo discussões sobre seus fundamentos técnicos, históricos e culturais. Por fim, no ensino médio, compactuando com o objetivo dessa etapa de ensino de consolidar os conhecimentos obtidos no ensino fundamental e desenvolver o aluno como pessoa humana, abarcando a formação ética, o desenvolvimento do aluno como ser autônomo e crítico, desenvolvendo os fundamentos científicos tecnológicos dos processos produtivos, associando teoria e prática (BRASIL, 1996).

POSSIBILIDADES DA GINÁSTICA NA ESCOLA

Considerando a compreensão da ginástica já abordada nesse texto, entendendo a importância desta manifestação da EF para a escola. Assim, apresentamos algumas possibilidades de atividades para que possam servir de orientação, bem como para aguçar o interesse dos professores em buscar mais, e ainda, diversificar suas práticas no cotidiano escolar.

As atividades propostas envolvem a percepção rítmica dos alunos, explorando os compassos rítmicos e valores musicais, bem como atividades de caráter lúdico e pedagógico sobre a modalidade ginástica acrobática, buscando trabalhar os valores que permeiam sua prática, como o trabalho coletivo, o respeito com o próximo e a confiança nos colegas.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

PARTE 1 - TRABALHO DE ASSOCIAÇÃO DE RÍTMOS E MOVIMENTOS CORPORAIS NATURAIS E CONSTRUÍDOS

Para a atividade, os alunos serão divididos em três grupos, em que receberão o seguinte comando:

Grupo 1 – semibreve: O primeiro grupo executará transferência de peso (troca de apoio) somente no primeiro tempo da contagem “1”, 2, 3, 4... nos outros tempos poderá se movimentar sem a transferência de peso.

Grupo 2 – mínima: O segundo grupo fará a transferência de peso nos tempos 1 e 3. Nos tempos 2 e 4 poderá executar qualquer outro movimento, desde que não represente transferência de peso.

Grupo 3 – semínima: Com a contagem de tempo 1, 2, 3, 4... este primeiro grupo fará a transferência de peso a cada tempo, de acordo com a semínima.

Após um tempo, os grupos farão a troca e executarão os movimentos dos outros grupos, de modo que todos passem pela semibreve, mínima e semínima. Ao final, sugere-se que o professor filme as sequências executadas pelos alunos, de modo que percebam que, mesmo os grupos executando distintas movimentações de acordo com os compassos e com movimentos corporais diversos, existe uma união a partir da música.

Sugestão de música: *Shape of you – Ed Sheeran.*

PARTE 2 – GINÁSTICA ACROBÁTICA

Iniciar apresentando as características da Ginástica Acrobática, dialogando com os alunos, de modo a perceber quais conhecimentos a respeito da modalidade eles já possuem. Apresentar os elementos que compõem a GACRO – presença das diferentes funções como base, intermediário e volante, principais pegadas e matrizes das bases.

Enfatizar que por mais que a GACRO seja uma modalidade competitiva, regulamentada pela FIG, possui elementos que são propícios para o trabalho na escola. Elementos que dão característica à modalidade, como o trabalho em grupo, a

confiança e o respeito com o próximo, a não utilização de materiais e um local específico para a prática, entre outros.

Destacar, ainda, a segurança necessária para o trabalho com essas atividades, o respeito com os colegas bem como a importância da contração corporal.

1ª atividade – A primeira atividade será um coelhinho sai da toca gímnico. A diferença da brincadeira tradicional é que com o passar das rodadas, em vez de se tirar os arcos e as pessoas serem eliminadas, mesmo retirando os arcos da brincadeira, os participantes terão como objetivo, de alguma forma, de se manter dentro dos arcos.

2ª atividade – em duplas, com pés paralelos na largura dos ombros, as duas pessoas ficarão de frente e irão dar espalmadas, com o objetivo de gerar um desequilíbrio no colega – com o objetivo de trabalhar a contração corporal;

3ª atividade – em duplas, carriola humana;

4ª atividade – João bobo, primeiro em trios, depois em grupos. Um aluno fica no centro, e dois nas extremidades, com o pé de apoio atrás. O aluno do centro deverá se manter contraído, e ser balançado entre os dois outros alunos do trio.

Estas atividades configuram-se apenas como exemplos de como a ginástica pode ser abordada na escola, entendendo que este vasto universo possibilita a exploração, a criação e a reprodução de inúmeras experimentações com a ginástica já propostas na literatura, como em Barbosa-Rinaldi (2017), Bortolletto e Paoliello (2017), Oliveira et al. (2011), e Souza (2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente material foi construído com o objetivo de contribuir para a prática profissional dos professores de EF, buscando compreender as possibilidades existentes a partir do universo da ginástica. Para tanto, faz-se necessário que os profissionais atuantes e também aqueles os quais se encontram em formação compreendam a importância desta manifestação na EF escolar.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

Entendemos que por meio da busca em materiais didáticos da área, a elaboração de atividades simples e com uma parcela de criatividade, o trabalho com a ginástica na escola tende a ser condizente com o que é preconizado nos documentos norteadores da educação básica brasileira, bem como com o que tem sido apresentado pelos autores especializados na área.

GYMNASTICS AS A KNOWLEDGE FOR SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

Gymnastics is a manifestation that is part of the universe of knowledge of physical education, being a recommended content in the guidelines for Brazilian basic education. We aim to contribute to teachers who work in physical education and those who are in training to understand the importance of exercise and can launch a close look at this event in order to always seek updating of knowledge, aiming new practices.

KEYWORDS: Gymnastics; school; initial and continuing formation.

LA GIMNASIA COMO CONOCIMIENTO PARA LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

RESUMEN

La gimnasia es una manifestación que forma parte del universo del conocimiento de la educación física, siendo un contenido defendido en los documentos rectores de la educación básica brasileña. Nuestro objetivo es contribuir a los maestros que trabajan en la educación física y los que están en formación para conocer la importancia del ejercicio y puede lanzar un vistazo de cerca a este evento con el fin de buscar siempre la actualización de conocimientos, con el objetivo de nuevas prácticas.

PALABRAS CLAVES: Gimnasia; escuela; formación inicial y continua.

REFERÊNCIAS

AYOUB, E. *Ginástica geral e educação física escolar*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 29 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BORTOLETO, M. A. C.; PAOLIELLO, E. (Orgs.). *Ginástica para Todos: um encontro com a coletividade*. 1. ed. Campinas: UNICAMP, 2017.

CARBINATTO, M. V *et al.* Produção do conhecimento em ginástica: uma análise a partir dos periódicos brasileiros. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v.22, n.4, p.1293-1308, out./dez. 2016.

COSTA, A. R. *et al.* Ginástica na Escola: por onde ela anda professor? *Revista Conexões*, Campinas, v.14, n.4, p. 76-96, out./dez. 2016.

OLIVEIRA, A. A. B. *et al.* (Org.). *Ensinando e Aprendendo Esportes no Programa Segundo Tempo*. 2. ed. v. 2. Maringá: Eduem, 2011.

PARANÁ. *Referencial Curricular do Paraná: Princípios, Direitos e Orientações*, 2018.

PIZANI, J.; BARBOSA-RINALDI, I. P. B. Saberes necessários à Educação Física na Escola – A ginástica em foco. In: BORTOLETO, M. A. C.; PAOLIELLO, E. *Ginástica para Todos: um encontro com a coletividade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2017. p.67-85.

PIZANI, J.; BARBOSA-RINALDI, I. P. Cotidiano escolar: a presença de elementos gímnicos nas brincadeiras infantis. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v.21, n.1, p.115-126, 1.trim. 2010.

RUSSELL, K.; NUNOMURA, M. Uma alternativa de abordagem da ginástica na escola – palestra. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v.13, n.1, p.123-127, 1.sem. 2002.

SCHIAVON, L.; NISTA-PICCOLO, V. L. A ginástica vai à escola. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v.13, n.03, p.131-150, set./dez. 2007.

SIMÕES, R.; *et al.* A produção acadêmica sobre ginástica: estado da arte dos artigos científicos. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.30, n.1, jan./mar. p.183-198. 2016.

SOUZA, E. P. M. (Org.). *Ginástica Geral: experiências e reflexões*. 1. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

SOUZA, E. P. M. de. *Ginástica geral: uma área do conhecimento da Educação Física*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1997.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

EXPERIÊNCIAS DO CORPO NOS ESTUDOS CULTURAIS E SABERES FORMATIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: SUBJETIVAÇÃO, INSTITUCIONALIZAÇÃO, SAÚDE E DISCIPLINA

João Paulo Marques, Universidade Estadual de Maringá (UEM),

a.marques.jp@gmail.com

RESUMO

Este texto pontua momentos do meu processo formativo na educação física, focalizando minha proximidade com os estudos socioculturais na área. Busco expressar alguns desafios da experiência formativa por meio dos conhecimentos advindos desse processo, a exemplo da subjetivação e da institucionalização corporal no contexto da cultura física e das discussões envolvendo o dispositivo do corpo saudável nos saberes formativos da educação física.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; cultura física; institucionalização; saberes formativos.

INTRODUÇÃO

Expressar estudos culturais na educação física, temática proposta para esse evento de comemoração de quinze anos de pesquisa do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/DEF/UEM/CNPq), volta-me para minha experiência formativa, a partir do meu ingresso no curso de bacharel em educação física pela Universidade Estadual de Maringá (DEF/UEM), onde obtive várias descobertas e contato com diversos conhecimentos acerca das relações do corpo em movimento.

Nesse cenário, a perspectiva dos estudos socioculturais e pedagógicos dos movimentos do corpo me possibilitaram pensar novas formas de abordagem desse acontecimento na educação física. A partir dessas reflexões, pude questionar a presença de conhecimentos a respeito do corpo em suas dimensões expressivas, sensíveis, afetivas, política, tecnológica e socialmente relacionais. Especialmente a partir da limitação observada a respeito dessas dimensões, qual seja, a invisibilidade de discussões a esse domínio e, por vezes, a negação em propô-las no âmbito da graduação em educação física.

Em contrapartida, identificar essas problemáticas me instigou a procurar pelos locais em que esse conhecimento se faz presente na academia. Dessa busca resulta o contato com alguns grupos de estudo e de pesquisa da instituição, bem como com disciplinas em diálogo com outros campos de saber, fundamental para meu direcionamento profissional, acadêmico e científico, uma vez que as experiências constituídas a partir desse contato possibilitaram refinamentos em minhas perspectivas quanto ao objeto corpo, pensado não como um dado, mas como um fenômeno, como um acontecimento, uma experiência vivida.

Entre os grupos com os quais tive contato em minha graduação se encontram o Grupo de Estudos do Lazer (GEF/DEF/UEM/CNPq), o Grupo de Estudos em Psicologia do Esporte e Desempenho Humano (GEPEDH/DEF/UEM/CNPq), o Grupo de Pesquisa Corpo Cultura e Ludicidade (GPCCL/DEF/UEM/CNPq) e o Grupo de Estudos Foucaultianos (GEF/DTL/UEM/CNPq). Do contato com esses grupos, emergem interesses em conhecer e aprofundar questões do corpo em suas dimensões expressiva, legal, moral, estética, discursiva, psicológica e disciplinar.

O contato com o GPCCL, e com o Prof. Dr. Antonio Carlos e a Profa. Dra. Larissa Lara, em especial, possibilitaram a materialização dos meus esforços acadêmicos no âmbito científico. Especificamente, por meio da realização da nossa iniciação científica, que se propôs a analisar como o corpo se apresenta para o campo conhecido como *Physical Cultural Studies* (PCS).

A INICIAÇÃO CIENTÍFICA E OS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS

O campo do PCS, ou Estudos Culturais Físicos (LARA; RICH, 2017), modo como interpretamos essa abordagem, se constitui em um campo científico que vem se desenvolvendo em países de língua inglesa desde a década de 1990, e que se propõe a investigar e denunciar formas de injustiça identificadas em meio a relações de poder que constituem o universo da cultura física (INGHAN, 1997; ANDREWS, 2008). A cultura física, por sua vez, corresponde ao objeto desse campo de saberes e, por ela, entende-se práticas de saúde, de lazer, de ginástica, de dança e demais

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

possibilidades de manifestar o corpo, de representá-lo (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017).

Para perceber a cultura física, para observá-la e, então, analisá-la, a sensibilidade PCS incita uma atenção à performatividade dos corpos. Ao modo como se movem, gesticulam, se personificam, experienciam e representam essas experiências e(m) movimentos. Isso se traduz, para esse campo, na figura da fisicalidade dos corpos (GIARDINA; NEWMAN, 2011) e pela pluralidade, dinamicidade e contextualidade que compõe seus modos de se envolver, sentir, expressar, se comunicar e ser no mundo, constituindo o que entendemos por práticas e/ou experiências *embodiment*.

Nesse trabalho de iniciação científica²², analisamos as distintas relações do corpo com a cultura física, a partir do olhar de pesquisadores vinculados ao PCS e identificados com essa abordagem. As análises se deram especificamente a partir de duas das nove partes que constituem a coletânea *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*: uma obra organizada por Michael Silk, David Andrews e Holly Thorpe (2017) em colaboração com pesquisadores de instituições de diversos países do mundo, como Reino Unido, Estados Unidos, Nova Zelândia, Canadá, Japão e Austrália, e que representa um marco para essa abordagem, visto que elucida problemáticas e noções de grande relevância para o PCS, contribuindo para delineá-lo.

O recorte para as duas partes dessa coletânea se estabeleceu a partir das inquietações e interesses gestados no envolvimento com os referidos grupos, bem como com as disciplinas cursadas ao longo da minha graduação. No meu processo formativo, inúmeras questões foram emergindo de minhas relações com os saberes da área, assim como de outras áreas do conhecimento científico. Essas questões foram registradas em anotações que findaram por gerar uma espécie de diário de campo da minha experiência formativa. Com a contribuição dos Drs. mencionados, o

²² O conteúdo dessa pesquisa, que contou com o financiamento da Fundação Araucária-PR, está em vias de publicação em formato de artigo sob o título *Corpos Subjetivados e Institucionalizados: um estudo da cultura física na obra Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*.

conteúdo desse diário de campo foi identificado em proximidade com o conteúdo dessas duas partes da coletânea, sendo estas observadas como potencializadoras para minhas reflexões e contributivas para discussões a respeito do PCS no contexto da educação física brasileira por parte do GPCCL.

CULTURA FÍSICA, SUBJETIVAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS CORPOS

Assim, no intuito de contribuir para minha formação e para a tarefa do grupo de investigar e aprofundar os conhecimentos a respeito do PCS, nossa iniciação científica analisou os quinze capítulos que integram essas duas partes. Na terceira parte da coletânea, os autores (mencionados entre parênteses) discutem o corpo e a cultura física sob perspectivas analíticas do corpo em relações de classe social, (Alan Bairner), políticas culturais negras (Ben Carrington), generificação (Clifton Evers e Jennifer Germon), sexualidade e sexualização (Megan Chawansky e Satoko Itani), deficiência (David Howe), juventude (Louise McCuaig, Eimear Enright e Doune Macdonald) e longevidade (Cassandra Phoenix).

Na quarta parte da coletânea, o corpo e a cultura física se envolvem em discussões de medicalização e cientificidade dos corpos (Parissa Safai), digitalização (Debora Lupton), espiritualidade e religiosidade (Andrew Park e Nick Watson), estética (Julia Coffey), gordura (Michael Gard), mediação e comodificação (David Rowe), espetacularização e erotização (Toby Miller) e punição corporal (Aaron Miller). Essas duas partes envolvem problematizações da fisicalidade, das experiências embodiment dos pesquisadores e de seus respectivos objetos de investigação, bem como da cultura física, de modo específico, sob as perspectivas de subjetivação e de institucionalização do corpo.

Refletir práticas culturais físicas sob as perspectivas de subjetivação e institucionalização dos corpos forneceu um caminho didático para abordar a os movimentos corporais e suas comunicabilidades. Nesse caminho, o corpo se apresenta como um acontecimento que tem seu pensamento e suas ações atravessadas por distintas formas de poder social. Em meio aos materiais analisados, esses atravessamentos convergem para a identificação de um fenômeno que se

expressa por meio de narrativas do corpo fisicamente ativo e capaz. Vale ressaltar que essas narrativas formulam normativas desse corpo em termos de formas de pensar e de agir, as quais se institucionalizam nos corpos por meio de suas experiências *embodied*.

As experiências *embodied* das maneiras como esses atravessamentos de poder incidem nos movimentos, gestos, experiências e significações dos corpos se dão, como analisado, pela indissociabilidade estabelecida entre subjetivação e institucionalização de aspectos da fisicalidade dos corpos, como a gordura, a cor da pele e o sexo biológico, a exemplos mais visíveis. Nesses atravessamentos se encontram as diversas instituições sociais que atuam no exercício do poder de hierarquização que estrutura as culturas físicas.

Nesse sentido, analisar e problematizar o corpo em suas relações com a cultura física, sob a perspectiva da subjetivação e da institucionalização corporal, permite observar como tipos específicos de conhecimentos estruturam saberes que são mobilizados por práticas culturais físicas, no exercício de seu papel social, para a produção de modos específicos de ser e de expressar a fisicalidade no meio sociocultural.

Quando destacado que a justificativa das instituições sociais é um compromisso político, econômico, social e tecnológico com o meio em que se desenvolvem, pontuamos a importância de se refletir o modo como a fisicalidade e, por meio dela, as concepções sociais do corpo são frequentemente confrontadas por símbolos, valores, conhecimentos, saberes, discursos e práticas. Ademais, chama a atenção o interesse em moldá-las e codificá-las, atuando, para isso, por meio da subjetivação e da institucionalização dos corpos, como observado nos capítulos analisados, em termos de formas de pensamento específicas diretamente articuladas à percepção identitária e de agenciamento individual e de formas de produção histórica, social e cultural de expectativas de comportamento associadas às diversas dimensões da fisicalidade humana, respectivamente.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

A DISCIPLINA NA INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CORPO SAUDÁVEL

Dos apontamentos feitos acima emerge meu interesse em aprofundar o conhecimento acadêmico-científico em torno de questões afetas à institucionalização do corpo. Com isso, por meio das minhas experiências *embodiment* com instituições em saúde, mobilizadas nos saberes formativos na educação física, interessou-me investigar a institucionalização do corpo saudável em meio a práticas culturais físicas que configuram saberes de ordem médica. O interesse nessa temática considera, principalmente, a influência da sistematização e do exercício desse tipo de saber na formação acadêmica em educação física, hegemonicamente enunciados numa racionalidade do corpo sob uma perspectiva de organicidade e biodinâmica.

Considera, também, a ausência discussões e reflexões a respeito da expressividade desses saberes para a área, seja em termos de percepção dos professores e/ou profissionais, seja em termos de função da educação física enquanto instituição político-social. Nesse sentido, as incursões pelo campo dos estudos culturais físicos permitiram destacar alguns caminhos pelos quais uma proposta para a ausência dessas discussões pudesse ser materializada no contexto da educação física. Desses caminhos se desdobram meu envolvimento com o GEF, meu trabalho de conclusão de curso e minhas perspectivas futuras de atuação no contexto dos estudos socioculturais em educação física e dos estudos em cultura física.

Em meu envolvimento com o GEF, tive contato com obras do filósofo Michel Foucault e com diversas formulações de pensamento em diálogo com ele. Esse contato me orientou a um entendimento das relações de poder eu atravessam o corpo em meio às práticas culturais físicas, incidindo em suas experiências *embodied*. Além disso, abrangem algumas formas de olhar para essas relações que foram materializadas no referido trabalho, que se propôs a problematizar a institucionalização do corpo saudável na perspectiva dos estudos culturais e em relações socioculturais com os saberes da medicina e da educação física.

Na minha monografia, construída na interlocução entre olhares discursivo-foucaultianos e culturais físicos, voltados ao corpo em suas relações de poder social, argumento como o corpo saudável constitui um dispositivo que faz funcionar, que

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

exercita, o poder disciplinar punitivo. Essa argumentação se baseia na historicidade do corpo em sua relação com a medicina social, possibilitando observar as conjunturas que levam esse dispositivo a compor o mecanismo de saúde social, especificamente pensado a partir do modelo de sociedade disciplinar.

A sociedade disciplinar é uma concepção foucaultiana que se refere a um tipo específico de sociedade, em que mecanismos distintamente formulados exercitam, em diversos níveis da vida humana e não humana, um tipo específico de poder social: o poder disciplinar. Um poder de coerção e de correção das não conformidades do corpo. Um poder que atua nos elementos mais ínfimos dos corpos dos indivíduos. Um poder que identifica, qualifica, codifica e esquadrinha até as mínimas operações do corpo, administrando-o, sancionando-o e o normalizando. Um tipo de poder que disciplina, que adestra e que dociliza os corpos ao mesmo tempo em que seus potenciais de ação política.

O que se evidencia nas análises desse trabalho é a produção social da saúde, construída como um super-valor que incide nas formas de pensar, de perceber e aprender e, em específico, nos hábitos e nas condutas de comportamento dos indivíduos. A busca pelo valor social da saúde implica em alterações de comportamento, de estilos de vida e de ações políticas, no sentido de disciplinar o corpo para torná-lo saudável. Como desenvolvido na monografia, a partir de algumas explicitações de Foucault, o mecanismo disciplinar visa a correção das condutas de comportamento não conforme.

Para corrigir os comportamentos vistos como uma ameaça à ordem social e, por conseguinte, para disciplinar os corpos, o poder disciplinar emprega técnicas punitivas que atuam na iminência das ações dos indivíduos. Técnicas que exercitam a coação e a correção das operações do corpo, subjetivando os indivíduos não a partir de seu contato com a realidade, mas, previamente a isso, configurando as formas de perceber essa realidade, de experienciá-la, de se relacionar e atribuir significados a ela e às práticas e experiências *embodied*.

Assim, a monografia constitui uma possibilidade para refletir e discutir a função disciplinar punitiva dos saberes posto em funcionamento pela instituição da educação

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA **15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade**

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

física, especificamente por sua atuação junto ao dispositivo do corpo saudável, contribuindo para os exercícios punitivos do mecanismo da saúde na sociedade disciplinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse recorte expositivo, que visa sintetizar minhas experiências acadêmicas e científicas em implementos que buscam contribuições para abordagens mais plurais e articulatórias do corpo, em suas distintas esferas de constituição e de acontecimentos, ressalto a grandiosa importância da figura do GPCCL, contribuindo desde o início desses esforços para a organização de ideias, para direcionamentos de interesse, para reflexões e discussões em torno dessas e de outras problemáticas e para a construção de diversas lentes de análise do corpo em relação a seus movimentos, práticas e experiências.

Ressalto, também, a contribuição do grupo para minha formação, assim como para a dos demais acadêmicos e professores e/ou profissionais da área, sejam os que já se encontram em contato com esse campo de saberes, seja os que se encontram na iminência de confrontá-los. Essa contribuição se dá, especificamente, como observo, pela expansão de propostas que desenvolvam um trabalho plural, em rede, crítico e responsável com o desenvolvimento social e, também, dos da individualidade dos corpos. Um trabalho belo e com potencialidade para desenvolver o dever de cada corpo.

BODY EXPERIENCES IN CULTURAL STUDIES AND FORMATIVE KNOWLEDGE IN PHYSICAL EDUCATION: SUBJECTIVATION, INSTITUTIONALIZATION, HEALTH AND DISCIPLINE

ABSTRACT

This paper presents moments of my formative process in physical education, focusing my proximity to the sociocultural studies in the area. I seek to express some challenges of the formative experience through the knowledge arising from this process, such as body subjectivation and institutionalization in the context of physical culture and

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

discussions involving the healthy body device in the formative knowledge of physical education.

KEYWORDS: body; physical culture; institutionalization; formative knowledge.

EXPERIENCIAS CORPORALES EN ESTUDIOS CULTURALES Y CONOCIMIENTOS FORMATIVOS EN EDUCACIÓN FÍSICA: SUBJETIVACIÓN, INSTITUCIONALIZACIÓN, SALUD Y DISCIPLINA

RESUMEN

Este texto presenta momentos de mi proceso formativo en educación física, enfocando mi proximidad a los estudios socioculturales en el área. Busco expresar algunos desafíos de la experiencia formativa mediante el conocimiento que surge de este proceso, como la subjetivación e institucionalización del cuerpo en el contexto de la cultura física y las discusiones que involucran el dispositivo del cuerpo sano en el conocimiento formativo de la educación física.

PALABRAS CLAVES: cuerpo; cultura física; institucionalización; conocimientos formativos.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, D. L. Kinesiology's inconvenient truth and the physical cultural studies imperative. *Quest*, v. 60, n. 1, p. 45-62, 2008.

INGHAM, A. G. Toward a department of physical cultural studies and an end to tribal warfare. *Critical postmodernism in human movement, physical education, and sport*, p. 157-182, 1997.

GIARDINA, M. D.; NEWMAN, J. I. What is this 'physical' in physical cultural studies? *Sociology of Sport Journal*, v. 28, n. 1, p. 36-63, 2011.

LARA, L. M.; RICH, E. Os estudos de cultura física na universidade de bath-reino unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. *Movimento*, v. 23, n. 4, p. 13111324. 2017.

SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, 2017.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

PHYSICAL CULTURAL STUDIES: REFLEXÕES ACERCA DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM MÍDIA ESPORTIVA²³

Ariane Boaventura da Silva Sá, Universidade Estadual de Maringá (UEM),

ariane.boaventura@hotmail.com

RESUMO

O trabalho explora os Estudos Culturais Físicos como um campo capaz de promover contribuições para a Educação Física brasileira, mormente no que tange as pesquisas de esporte e mídia. Por meio de narrativa autoetnográfica, este estudo teve o objetivo de suscitar reflexões acerca de experiências com o PCS e as maneiras como elas tocam minha identidade, enquanto pesquisadora de discursos da mídia esportiva, professora de Educação Física e integrante do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais Físicos; mídia esportiva; narrativa autoetnográfica.

INTRODUÇÃO

Os Estudos Culturais direcionaram diversas pesquisas, ao longo dos últimos quinze anos, realizadas no interior do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), coordenado pela Profa. Dra. Larissa Michelle Lara. Recentemente, após a realização do processo pós-doutoral da coordenadora junto ao Grupo de Pesquisa *Physical Cultural Studies*-PCS, na Universidade de Bath, no Reino Unido, discussões acerca do emergente campo de estudos, conhecido como *Physical Cultural Studies* (PCS), passaram a integrar a centralidade dos assuntos estudados pelo GPCCL.

Atualmente, o PCS ou Estudos Culturais Físicos – forma como tem sido traduzido para a língua portuguesa – encontram-se num processo de construção e consolidação de sua definição. Provavelmente, isso se deva ao fato de que as

²³ Este trabalho não teve nenhum tipo de apoio financeiro para sua realização.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

pesquisas que se intitulam pertencentes a essa abordagem sejam recentes, uma vez que o termo surgiu no final da década de 1990 (LARA; RICH, 2017).

É difícil afirmar quando e onde, exatamente, surgiu o PCS, pois não existe um consenso entre os pesquisadores sobre essa origem (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). Entretanto, em linhas gerais, é possível dizer que o PCS se desenvolve tanto como desdobramento dos Estudos Culturais surgidos na Inglaterra, no período pós-guerra, quanto por consequência das lutas disciplinares nos departamentos de Cinesiologia, ocorridas nas últimas décadas, nos Estados Unidos (LARA *et al.*, 2019).

Logo, o *Physical Cultural Studies* analisa como os corpos ativos se tornam organizados, representados e experimentados, em relação às operações de poder social, em todas as inumeráveis formas da cultura física – incluindo, mas não se restringindo, as práticas relacionadas ao esporte, exercício, saúde, dança e movimento. Assim, identifica o papel desempenhado pela cultura física na reprodução de normas e diferenças específicas de classe, etnia, gênero, de capacidades, de gerações, de nacionalidades, de raças e/ou de sexualidade. Para engajar o empírico, o PCS adota uma abordagem multimétodo que inclui a etnografia e autoetnografia, observação participante, análise contextual e análise de discurso e mídia (ANDREWS, 2008).

Diante do exposto, por meio da abordagem de narrativa autoetnográfica, esse estudo foi desenvolvido com o objetivo de suscitar reflexões acerca de experiências distintas com o PCS e as maneiras pelas quais elas tocam minha identidade, enquanto pesquisadora da área de esporte e mídia brasileira (por meio de análises de discursos midiáticos), professora de Educação Física e integrante do GPCCL.

NO MEIO DO CAMINHO... O PCS

Estudar a relação esporte e mídia faz parte de minha trajetória acadêmica no decorrer da última década, que se iniciou com a escrita do trabalho monográfico²⁴ (2010-2011), para a conclusão do curso de graduação em Educação Física, se

²⁴ Monografia intitulada “Futebol e mídia: análises de discursos publicitários veiculados durante a realização da Copa do Mundo/2010 na África do Sul”.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

estendeu à dissertação de mestrado²⁵ (2014-2016) e continua fazendo parte de meus interesses acadêmicos, atualmente, no desenvolvimento da tese de doutorado²⁶ (em andamento, com início em meados de 2018 e final previsto para 2022).

Buscar compreender como os discursos da mídia, em especial da publicidade e propaganda, destinados à população de massa, poderiam gerar sentidos e significados nos contextos empregados, sempre foi algo que me impulsionou academicamente e enquanto cidadã. Afinal, a mídia é um campo fértil de investigação, capaz de influenciar a sociedade em diversos aspectos, devido à abrangência e popularidade dos vários veículos de comunicação. Segundo Stokes (2003, p. 54, tradução nossa):

Existem várias razões muito boas para estudar os textos da mídia. Os textos, em si, são facilmente acessíveis. [...] Textos midiáticos fazem parte do nosso mundo: são fenômenos sociais e, muitas vezes, fazem parte dos debates sobre o que está acontecendo na sociedade num mundo fora da faculdade ou universidade. Isso os torna mais atuais e socialmente relevantes, por sua vez, dando maior sentido de relevância ao nosso trabalho. Estudar textos podem melhorar nossa compreensão da vida cultural – de como as coisas significam – e o significado é um dos aspectos mais importantes do uso da mídia. Além disso, ao escrever sua análise de um filme ou de um programa de televisão, você pode esperar que seu leitor tenha acesso a ele, então você pode assumir um quadro comum de referência.

Foi em função da sensibilidade da professora Larissa Lara para identificar semelhanças entre meus estudos, no campo de esporte e mídia, e a abordagem dos Estudos Culturais Físicos, que surgiu o interesse em me aproximar desse campo. Minhas experiências com o PCS ocorreram, inicialmente, a partir do ingresso no curso de doutorado, em 2018, por meio do diálogo com a professora orientadora que, há pouco, voltara de seu estágio pós-doutoral, no qual havia estudado o projeto PCS, na Universidade de Bath/UK. Em meados daquele mesmo ano, passei a integrar o GPCCL e a incursionar por referenciais teóricos do PCS, ampliando meu olhar sobre

²⁵ Dissertação intitulada “A ‘COPA DAS COPAS’: o uso político-ideológico do futebol em propagandas governamentais”.

²⁶ Título a ser definido.

esse emergente campo de estudos. Por meio da disciplina “Physical Cultural Studies: questões contemporâneas em saúde, corpo e esporte”²⁷, tive acesso obra *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies* (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017), a escritos basilares do PCS (INGHAM, 1997; ANDREWS, 2008; SILK; ANDREWS, 2011; SILK; FRANCOMBE; ANDREWS, 2014), além da leitura de textos disseminados sobre a temática no Brasil (LARA; RICH, 2017; LARA *et al.*, 2019; FULLAGAR, 2019).

A partir desse envolvimento inicial e da percepção observada de possíveis contribuições para a área da Educação Física brasileira, mormente no que tange os estudos de mídia esportiva, tenho direcionado meus esforços na intenção de buscar compreender com profundidade os Estudos Culturais Físicos. Para isso, algumas atitudes foram tomadas, as quais serão apresentadas na sequência.

O PCS E A MÍDIA ESPORTIVA NA UNIVERSIDADE DE MARYLAND

Em janeiro de 2019, tive o privilégio de visitar a Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, e conhecer alguns dos integrantes do grupo “PCS Journal Club”, dentre eles, o professor David L. Andrews e a professora Shannon Jette. O grupo está localizado no departamento de Cinesiologia, da Escola de Saúde Pública, no campus de College Park, Maryland. Na ocasião, realizei uma entrevista com o professor Andrews, a qual visava suscitar reflexões acerca da origem do PCS, de sua disseminação em diversos países e das possíveis contribuições desse campo aos estudos de esporte e mídia, haja vista ser esse último tema de minha área de investigação acadêmica. No final desse encontro, fui presenteadada pelo professor Andrews com um exemplar da coletânea *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies* – o mais recente livro que reúne textos escritos por expressivos pensadores do PCS.

A partir da entrevista, o interesse por compreender a dinâmica das pesquisas sobre esporte e mídia, desenvolvidas por estudiosos ligados ao PCS, tornou-se latente para a concretização de minha tese doutoral. Isso se deve, sobretudo, por

²⁷ Disciplina ofertada pelo Programa de Pós-graduação Associado em Educação Física UEM/UEL, ministrada pela profa. Dra. Larissa Michelle Lara, com carga horária de 30 horas/aula.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

identificar nos Estudos Culturais Físicos aproximações com as pesquisas que tenho feito no decorrer de minha trajetória acadêmica. Tais aproximações revelam-se, especialmente, no ensejo de desvendar como as relações de poder operam na sociedade, por meio da articulação entre o esporte e a mídia (GREENBERG et al., 2005; SILK, 2011; ANDREWS, 2012; SILK; FRANCOMBE-WEBB; ANDREWS, 2014; ANDREWS; LOPES; JACKSON, 2015; HAWZEN; NEWMAN, 2017).

Por essa razão, na tentativa de compreensão aprofundada do projeto PCS e, mais especificamente, dos estudos direcionados à mídia esportiva, em meados de 2019, retornei aos Estados Unidos e participei de reuniões do grupo PCS Journal Club e da fase inicial da disciplina de pós-graduação intitulada *Special Problems in Kinesiology: Physical Cultural Studies*, ministrada pelo professor Dr. David Andrews. A partir dessas experiências, para os próximos passos, dentro do processo de doutorado, passarei um período de, aproximadamente, dois anos junto ao grupo PCS Journal Club, na Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, sob orientação do professor David Andrews.

Essa imersão no grupo PCS Journal Club, nos Estados Unidos, será feita no sentido, também, de estabelecer conexão, dentro do universo acadêmico, com o GPCCL, no Brasil. Desse modo, facilitando a troca de informações sobre as pesquisas realizadas por ambos os grupos, estreitando relações pessoais, com vistas a contribuir para o estabelecimento de um possível Estudos Culturais Físicos com tons brasileiros ou latino-americanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões levantadas, neste trabalho, nos ajudam pensar possibilidades de ampliar o olhar para o *Physical Cultural Studies*, idealizado inicialmente em países de língua inglesa, como capaz de trazer contribuições importantes para a Educação Física brasileira. Do mesmo modo, esse intercâmbio no grupo de Maryland, pode revelar que a maneira como entendemos e praticamos a educação física no Brasil, nas escolas e universidades, talvez seja algo que contribua também para as discussões travadas na educação física, nos Estados Unidos.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

PHYSICAL CULTURAL STUDIES: REFLECTIONS ABOUT KNOWLEDGE PRODUCTION IN SPORTS MEDIA

ABSTRACT

The research explores Physical Cultural Studies as a field able to promote contributions to Brazilian Physical Education, especially regarding sports and media research. Through self-ethnographic narrative, this study aimed to raise reflections about experiences with the PCS and how it touch my identity, as a researcher of sports media discourses, a Physical Education teacher and member of Research Group Body Culture and Playfulness.

KEYWORDS: Physical Cultural Studies; sports media; self-ethnographic narrative.

ESTUDIOS CULTURALES FÍSICOS: REFLEXIONES SOBRE LA PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTOS EN MEDIOS DEPORTIVOS

RESUMEN

El estudio explora los Estudios Culturales Físicos como uno campo capaz de promover contribuciones a la Educación Física brasileña, especialmente en relación con la investigación deportiva y mediática. A través de la narrativa autoetnográfica, este estudio tuvo como objetivo plantear reflexiones sobre las experiencias con el PCS y las formas en que tocan mi identidad, como investigadora de discursos de medios deportivos, profesora de educación física y miembro del Grupo de Investigación Cuerpo Cultura y Ludicidad.

PALABRAS CLAVES: Estudios Culturales Físicos; medios deportivos; narrativa autoetnográfica.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, D. L. Kinesiology's inconvenient truth: the physical cultural studies imperative. *Quest*, v. 60, n.1, p. 45–62, 2008.

ANDREWS, D. L.; LOPES, V. B.; JACKSON, S. J. Neymar: sport celebrity and performative cultural politics. In: MARSHALL, P. D.; REDMOND, S. *A companion to celebrity*. John Wiley & Sons, 2015.

ANDREWS, D. L. Reflections on communication and sport: on celebrity and race. *Communication & Sport*, v. 1, n. 1/2, p. 151-163, 2012.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

FULLAGAR, S. A physical cultural studies perspective on physical (in)activity and health inequalities: the biopolitics of body practices and embodied movement. *Revista Tempos e espaços em educação*, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 12, n. 28, p. 63-76, jan./mar. 2019.

GREENBERG, J. et al. Negotiated Order and Strategic Inaction in Television Coverage of the Olympics. In: PAWLUCH, D.; SHAFFIR, W.; MIALL, C. *Doing ethnography: studying everyday life*. Toronto: Canadian Scholars' Press, 2005.

HAWZEN, M. G.; NEWMAN, J. I. The Gospel According to Tim Tebow: Sporting Celebrity, Whiteness, and the Cultural Politics of Christian Fundamentalism in America. *Sociology of Sport Journal*, v. 34, n. 1, p. 12-24, 2017.

LARA, L. M. et al. Resenha de Routledge Handbook of Physical Cultural Studies. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 41, n. 2, p. 229-230, abr./jun. 2019.

LARA, L. M.; RICH, E. Os estudos de cultura física na Universidade de Bath-Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. *Movimento*, Porto Alegre, v. 23, n. 4, p. 1311-1324, out./dez. 2017.

SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, 2017.

SILK, M.; ANDREWS, D. L. Toward a Physical Cultural Studies. *Sociology of Sport Journal*, v.28, n.1, p. 4-35, 2011.

SILK, M.; FRANCOMBE-WEBB, J.; ANDREWS, D. L. The corporate constitution of national culture: the mythopoeia of 1966. *Continuum*, v. 28, n. 5, p. 720-736, 2014.

SILK, M. Towards a Sociological Analysis of London 2012. *Sociology*, v. 45, n. 5, p. 733 –748, 2011.

STOKES, J. *How to do media and cultural studies*. London: Sage Publications, 2003.

INGHAM, A. G. Toward a Department of Physical Cultural Studies and an end to tribal warfare. In: FERNANDEZ-BALBOA, J.-M. (Ed.). *Critical Postmodernism in Human Movement, Physical Education, and Sport*. Suny Series on Sport, Culture, and Social Relations. Albany: Universidade Estadual de Nova York Press, 1997.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

DEBATES SOBRE CULTURA E PROCESSO FORMATIVO: EXPERIÊNCIAS COMO INTEGRANTE DE GRUPO DE PESQUISA

Beatriz Ruffo Lopes, Universidade Estadual de Maringá (UEM),

biaruffo@gmail.com

RESUMO

O presente estudo objetiva relatar e refletir acerca da experiência como integrante do Grupo de Pesquisa Corpo Cultura e Ludicidade no sentido de descrever elementos firmados entre os debates coletivos no grupo e o processo de apropriação de conhecimentos sobre cultura. É possível observar que os estudos estabelecidos junto ao grupo contribuem no processo individual de formação acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: grupo de pesquisa; cultura; Estudos Culturais.

INTRODUÇÃO

Refletir acerca da temática cultura e construções de ideias como integrante de grupo de pesquisa, tema desse relato de experiência, torna-se grande desafio, sobretudo pelo entendimento, historicamente instalado na área da educação física, pautado em uma lógica naturalizada e biologizada acerca do corpo e das práticas corporais (SOARES, 1994). Contudo, pesquisadores da educação física, desde as décadas de 80 e 90 do século XX (MEDINA, 1983; OLIVEIRA, 1983; BRACHT, 1989, KUNZ, 1991; COLETIVO DE AUTORES, 1992) tem se debruçados em aspectos que não só criticam essas concepções limitantes pautadas nas Ciências Naturais, mas ampliam para novos rumos área os quais se apoiam nas Ciências Humanas e Sociais para explicar os diferentes elementos que constituem o campo da educação física.

A partir de inquietações, percepções da área e preocupações com a intervenção, me aproximei desse campo cultura e dessa forma, buscando espaços universitários onde eu poderia aprender, compartilhar e aprimorar conhecimentos. É nesse contexto que em 2011 - já integrante do curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e Universidade Estadual de Londrina - me insiro no Grupo de Pesquisa Corpo Cultura

e Ludicidade²⁸, o qual tinha como forte aporte teórico as discussões sobre cultura, além de outras temáticas que mantinham a concepção sociocultural como mediadora das reflexões.

Por isso, nesse relato, objetivo refletir acerca da experiência como integrante do Grupo de Pesquisa Corpo Cultura e Ludicidade no sentido de descrever elementos firmados entre os debates coletivos no grupo e o processo de apropriação de conhecimentos sobre cultura. Utilizando como ponto de partida ideias que emergiram nos debates, leituras e pesquisas do GPCCL, no sentido de manifestar a relevância do espaço do grupo de pesquisa como um laboratório de produção de conhecimento crítico e democrático. Para isso, considero, nesse relato, alguns referenciais presentes na programação do grupo, anotações e fichamentos pessoais estruturados durante os encontros que tinham como foco primordial a discussão sobre cultura, bem como dados de produções de conhecimento realizadas junto ao grupo como a dissertação de mestrado (LOPES, 2013) e o artigo decorrente da dissertação publicado em periódicos (LOPES, LARA, 2018).

Para dar conta do objetivo, o texto aqui apresentado delinea reflexões epistemológicas acerca da temática cultural e estrutura-se em dois momentos que, em linhas gerais, exprimem argumentações baseadas nas concepções de cultura advindas do diálogo com teorias ligadas às Ciências Humanas e Sociais. Assim, o texto estruturou-se da seguinte forma: *Debates sobre cultura: (re) conhecendo os estudos culturais*, em que apresento, a partir do referencial trabalhado nos encontros do GPCCL, como se deu o processo de apropriação de conhecimento da corrente teórica conhecida como Estudos Culturais; e *Desenvolvimento da pesquisa em cultura e reciprocidade reflexiva entre o individual e o grupal*, em que relato as contribuições do grupo com desenvolvimento de minha pesquisa de mestrado.

DEBATES SOBRE CULTURA: (RE) CONHECENDO OS ESTUDOS CULTURAIS

Ao ingressar no GPCCL, em 2011, percebi no grupo forte aporte pautado em leituras acerca de concepções culturais que guiavam as pesquisas produzidos junto aos integrantes do grupo e, de modo geral, relacionadas, naquele momento, com a tematização do esporte e lazer em comunidades quilombolas no Paraná (Projeto de pesquisa “Políticas públicas de esporte/lazer em comunidades quilombolas no Paraná”). Assim, os encontros do grupo em 2011, priorizavam as atividades de pesquisa estavam voltadas a essas comunidades, decorrentes de um projeto em processo de conclusão.

Se por um lado, não me identificava com a dimensão empírica das comunidades quilombolas, o viés teórico me chamava atenção. Ler os textos orientados por percepções culturais era um contínuo processo de desconstrução e amadurecimento de ideias. Dessa forma, passei a considerar o grupo de pesquisa como um espaço criativo com intensos debates e trocas que viriam a auxiliar na minha formação ainda em processo de construção da dissertação de mestrado.

É nesse contexto que o grupo iniciou as discussões e leituras voltadas às abordagens da corrente teórica conhecida como “Estudos Culturais”, foram incursões e reflexões que me causaram encantamento. Isso porque, os Estudos Culturais buscam dar respaldo ao entendimento do que é cultura, entendendo suas convergências e divergências conceituais e colocando-a como algo central que se conecta a todas as práticas sociais. Considerado como um movimento “teórico-político” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 136), os Estudos Culturais buscaram constituir não somente um projeto político, mas também um conjunto de saberes com a intenção epistemológica de construir uma nova perspectiva teórica.

A apropriação do GPCCL por essa teoria instigou a busca de leituras consideradas precursoras dos Estudos Culturais. São fundamentações que, naquele momento do grupo, nos proporcionou um entendimento incipiente sobre a história dos Estudos Culturais, por ter grande influência no desenvolvimento dessa corrente teórica, em meados dos anos de 1950. Primeiramente, em alguns encontros do GPCCL, tratamos sobre as primeiras manifestações dos Estudos Culturais com a

publicação do livro de Richard Hoggart “As utilizações da cultura” (1957), que é, em parte autobiográfico, e em parte, história cultural, discute questões culturais acerca da classe trabalhadora, preocupando-se com o popular. Ainda, nas reflexões coletivas junto ao grupo, trouxemos à tona ideias do livro “Cultura e sociedade”, de Raymond Williams (1958), obra a qual buscou reconstruir e entender a origem da tradição e das mudanças da vida social, política e econômica (HALL, 2009). Ambos teóricos procuraram, em seus livros, romper com tradições de pensamentos que existiam no período pós-guerra e pautaram-se em concepções diferenciadas até então não muito discutidas.

E por fim, outra obra relevante, também considerada grande interferência no desenvolvimento dos Estudos Culturais, também debatida nos encontros do referido grupo de pesquisa: “A formação da Classe operária inglesa”, publicada em 1963 por Edward Palmer Thompson, reconstrói parte da história da sociedade inglesa. Segundo Hall (2009), além de destacar questões culturais, de consciência e experiência, a obra de E. P. Thompson também “[...] rompeu com certa forma de evolucionismo tecnológico, com o economicismo reducionista e com determinismo organizacional” (p. 25). Essas três obras, portanto, representam um marco teórico e intelectual para a configuração política e intelectual dos Estudos Culturais.

É nesse contexto que minha pesquisa começou a se delinear, sobretudo com aprofundamento do conceito de “centralidade da cultura”, cunhado por Hall (1997). Essa concepção da cultura como centralidade tem como aporte teórico as ideias de Stuart Hall, que no capítulo cinco da obra *Media and Cultural Regulation*, publicada em 1997, intitulado “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo” define que a cultura se torna central porque há uma “[...] enorme expansão de tudo que está associado a ela, na segunda metade do século XX, e o seu papel constitutivo, hoje, em todos os aspectos da vida social” (p.1). São análises que, de modo geral, vêm recorrentemente chamando a atenção para a relevância da cultura e a sua posição nas relações global, cotidiana e pessoal (identidade de cada sujeito), sempre buscando romper com traços das teorias tradicionais que tratam da

cultura como algo secundário e/ou hierarquizado e que não dão o sentido orgânico que o conceito merece.

Dessa forma, os debates sobre cultura junto ao GPCCL, impulsionaram ideias sobre a percepção de como ocorre a produção de conhecimento sobre cultura na educação física brasileira, identificando se pesquisadores a elegem como tema central ou periférico em suas produções e na área. É nessa percepção que se materializa a dissertação de mestrado intitulada “A cultura na produção de conhecimento na educação física brasileira: centralidade ou periferia?” (LOPES, 2013).

Deste modo, com base nas reflexões, debates, fichamentos sobre Estudos Culturais realizados junto GPCCL fui incitada a realizar pesquisas individuais sobre essa corrente teórica e sobre como eu poderia me apropriar das ideias de centralidade da cultura cunhada por Hall, para contribuir com educação física brasileira. Era um constante ir e vir entre aprendizados coletivos no grupo e assimilações e inquietações individuais que gradativamente tornavam-se concretas por meio dos capítulos da dissertação de mestrado. Um processo laborioso e recíproco onde o grupal e o particular se mesclam em prol de uma pesquisa de qualidade. Por isso, no próximo tópico, faz-se necessário destacar os aspectos constatados na dissertação de mestrado de minha autoria (LOPES, 2013) que embora, por via de regra, seja uma construção autoral solitária que envolve apenas aluna e orientador, foram conteúdos aprimorados e confrontados conjuntamente aos integrantes do GPCCL.

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA EM CULTURA E RECIPROCIDADE REFLEXIVA ENTRE O INDIVIDUAL E O GRUPAL

Entre as experiências firmadas junto ao GPCCL, a mais significativa para minha formação até então, constitui-se na construção de minha dissertação de mestrado “A cultura na produção de conhecimento na educação física brasileira” (2013) que de modo geral buscou analisar como a cultura é tratada na produção de conhecimento da educação física brasileira, identificando se pesquisadores da área a elegem como tema central ou periférico.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

A pesquisa se constituiu, primeiramente, por meio de incursão por obras clássicas desenvolvidas por pesquisadores da educação física brasileira que demarcaram problemáticas afetas à cultura, como Medina (1983), Oliveira (1983), Bruhns (1985), Coletivo de Autores (1992) e Bracht (1989,1999), acrescido da base de dados obtida por meio de Currículo Lattes. Em um segundo momento, se deu a escolha intencional de seis pesquisadores, atuantes na docência e pesquisa em cinco diferentes estados brasileiros: Marco Garcia Neira (USP), Jocimar Daolio (Unicamp), Celi Neuza Zulke Taffarel (UFBA), Valter Bracht (Ufes), Marco Paulo Stigger (UFRGS) e Hugo Rodolfo Lovisolo (Uerj). A pergunta fundamental feita a esses pesquisadores era focada em perceber o grau de importância que os conceitos de cultura têm na produção de conhecimento na educação física.

Na medida em que o trabalho individual de leitura e escrita da dissertação se materializava, o grupo GPCCL auxiliava no processo de construção da pesquisa, seja de forma direta, amparando nas transcrições das entrevistas – tarefa que demanda disponibilidade de tempo e concentração, na fase crucial do trabalho de análise de resultados. Ainda, o grupo contribuía indiretamente, com propostas de leituras e debates sobre o tema cultura, reflexões que vinham a qualificar ainda mais a escrita da pesquisa de dissertação.

Por fim, com a concretização da pesquisa de mestrado, que resultou em aprovação da banca examinadora no ano de 2013, foi possível identificar os seguintes desdobramentos entre as reflexões individuais e as interrelações das ideias dos entrevistados “para alguns pesquisadores a cultura é central na produção da educação física brasileira, assim como não assume condição central nem periférica para outros interlocutores, haja vista que se relaciona com outros campos de conhecimento também importantes” (LOPES, 2013, p. 128). Em síntese, observamos que, para os pesquisadores Neira, Daolio, Bracht e Stigger, a cultura é central na educação física. Isso não quer dizer que haja consenso entre as reflexões, mas que cada um deles parte de determinada perspectiva de cultura. Por outro lado, verificamos em Lovisolo e Taffarel a percepção de que a cultura não é central nem periférica na educação física. Os entrevistados concebem a cultura como categoria

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

relevante, mas não partilham da ideia de centralidade por entenderem que, ao definirmos qualquer perspectiva como central, incorremos no erro de desconsiderar outras dimensões que também se fazem importantes no processo.

Nesse processo final de concretização da pesquisa, GPCCL foi aporte não apenas acadêmico, mas também pessoal/emocional. O auxílio do grupo se deu em todo processo de elaboração da pesquisa e na construção do artigo de Lopes e Lara (2018) - pesquisa decorrente da dissertação - publicado em periódico. Ainda, o grupo também serviu como apoio que vai além da formação científica, mas também humanística uma vez que estabelecemos laços de amizade que se tornam aspectos imprescindíveis perante as condições acadêmicas e apoio à pesquisa no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscamos relatar sobre os delineamentos das concepções de cultura apreendidas nos encontros do GPCCL, identificamos que as relações internas presentes no grupo são circunscritas por processos científicos, formativos e pessoais. Se instala no cotidiano do grupo, debates que acrescem o senso crítico de seus integrantes, incitando a produção de pesquisas com qualidade reflexiva.

Tratar da cultura no GPCCL perpassa a descoberta que na educação física essa temática **integra a produção de conhecimento, marcada por polissemia e pelas imprecisões dos campos teóricos** – constatação realizada na pesquisa de mestrado Lopes (2013), mas também presente nos encontros do grupo, as perceber que ali nosso laboratório a busca não se dá por uma única verdade, mas também por consensos e disparidades, aproximando-nos da reflexão proposta por Fensterseifer (2010, p. 100) sobre reconhecer “[...] que chegamos a verdades diferentes nos movimentando em paradigmas diferentes ou com diferentes metodologias” (FENSTERSEIFER, 2010, p. 101).

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

CULTURE AND FORMATIVE PROCESS DEBATES: EXPERIENCES AS A
RESEARCH GROUP MEMBER

ABSTRACT

The present study aims to report and reflect on the MY experiences as a member of the Body Culture and Ludic Research Group in order to describe elements established between the collective debates in the group and the process of appropriation of knowledge about culture. It can be observed that the studies selected from the group contributed to the individual process of academic training.

KEYWORDS: search group; culture; Cultural Studies.

DEBATES SOBRE CULTURA Y PROCESO DE FORMACIÓN: EXPERIENCIAS
COMO MIEMBRO DEL GRUPO DE INVESTIGACIÓN

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo informar y reflexionar sobre la experiencia como parte del Grupo de Investigación Cuerpo, Cultura y Ludicidad para describir elementos establecidos entre los debates colectivos en el grupo y el proceso de apropiación del conocimiento sobre cultura. Es posible observar que los estudios establecidos con el grupo contribuyen al proceso individual de formación académica.

PALABRAS CLAVES: grupo de investigación; cultura; Estudios culturales.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. Educação Física: a busca pela autonomia pedagógica. *Revista da Fundação de Esporte e Turismo do Paraná*. v. 0, n. 1, p.12-29, 1989.

GOMES, I. M.; PICH, S; VAZ, A. F. Sobre algumas vicissitudes da noção de saúde na sociedade dos consumidores. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 137-151, maio 2006.

BRACHT, V. *Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. 2 ed. Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1999.

MARINHO, I. P. *Introdução ao estudo de filosofia da educação física e dos desportos*. Brasília: Horizonte, 1984.

BRUHNS, H. T. *Conversando sobre o corpo*. Campinas: Papirus, 1985.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

ECOSTEGUY, A C. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. da. *O que é, afinal, Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 133-166.

FENSTERSEIFER, P E. Educação Física: atividade epistemológica e objetivismo. *Filosofia e Educação*, v. 2, n. 2, p. 99-110, 2010.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre revoluções do nosso tempo. In: *Educação e realidade*. Porto Alegre, v 22, jul./dez. 1997. p. 15-16.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

HOGGART, R. *As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Lisboa: Editora Presença, 1957.

LOPES, B. R. *A cultura na produção de conhecimento na educação física brasileira: centralidade ou periferia?*. 2013. 157.f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física Departamento de Educação Física, UEM, Maringá, 2013.

LOPES, B. R. LARA, L. M. L. Cultura como central ou periférica na produção de conhecimento em educação física no Brasil sob a ótica de pesquisadores. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 40, n. 2, p. 146-155, fevereiro 2018.

MEDINA, J. P. S. *A Educação Física cuida do corpo... e "mente"*. Campinas - SP: Papyrus Editora, 1983.

OLIVEIRA, V. M. *O que é educação física*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

**RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO GRUPO DE PESQUISA CORPO,
CULTURA E LUDICIDADE²⁹**

Ellen Grace Pinheiro³⁰, Universidade Estadual de Maringá (UEM),

ellen_gr@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo se trata de um relato das minhas experiências no grupo de pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade, a partir do ano de 2015, ano em que passei a ser integrante do mesmo. Ao longo desses quatro anos, as discussões e debates no grupo auxiliaram os encaminhamentos da minha dissertação e as investigações me permitiram e estão me permitindo acesso a novos conhecimentos que foram e estão sendo significativos para minha formação acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: relato de experiência; grupo de pesquisa; corpo, cultura e ludicidade.

INTRODUÇÃO

O Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá foi fundado em 2004, tendo como pesquisas, temáticas relacionadas à ludicidade da cultura do corpo, dimensões socioculturais do lazer, história da infância, políticas públicas de esporte/lazer, formação de professores e práticas corporais. Entre os anos de 2011 a 2017, o grupo passou a trabalhar com a tematização da cultura e qualidade da educação e educação física escolar na América Latina e é nesse período que minhas experiências se iniciam.

Ao longo desses quatro anos, minhas vivências no grupo se deram no projeto Centralidade da Cultura, nas discussões que auxiliaram o desenvolvimento da minha dissertação e atualmente, nos estudos do novo projeto de pesquisa, “A teoria *Physical*

²⁹ Esta pesquisa não contou com apoio financeiro para sua realização.

³⁰ Professora da Rede Básica de Educação do Paraná. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL. Integrante do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade-DEF/UEM/CNPq e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar-GEEFE.

Cultural Studies na Sociologia do Esporte e para além dela: aportes para as subáreas sociocultural e pedagógica da educação física brasileira”.

Dessa forma, para descrever esse processo, utilizo, como metodologia, o relato de experiência que “[...] consiste numa modalidade de investigação científica de demonstração de experiências práticas para maior compreensão e fundamentação de um fato” (DRAGANOV et al, 2018, p. 478).

AS EXPERIÊNCIAS

Minha entrada no grupo se deu em 2015 e na época estava em vigor o projeto de pesquisa “Centralidade da cultura e qualidade na educação: perspectivas da educação física escolar na América Latina”, o qual me permitiu conhecer acerca da realidade da educação física escolar, da cultura e de como estava a qualidade da educação e educação física nos países ao qual eu me responsabilizei (Uruguai e Bolívia), por meio dos olhares de professores do ensino superior.

O grupo se dividiu em algumas duplas ou trios e o primeiro país que eu investiguei foi o Uruguai (2015 a 2016). Quando iniciei os estudos, a responsável por ele, minha dupla, já havia conseguido contato com os/as professores(as) e boa parte dos dados já haviam sido coletados. Durante o período de tradução e inferência do material, tive algumas surpresas, como a quantidade de universidades públicas, a história da educação física escolar e os referenciais teóricos acerca da educação física desse país. Em relação às universidades, meu espanto se deu em função de que esse país dispunha apenas de uma única universidade pública, que possuía vários campus, mas não atendia a demanda do país. De início, isso não fez sentido, mas é aí que compreendi, de maneira aprofundada, que devemos lançar olhares reconhecendo cada local como único e com características singulares, como aquelas relacionadas à economia interna e políticas públicas, as quais influenciaram diretamente as temáticas que estávamos investigando.

Sobre a história da educação física escolar, ao ler os relatos dos professores, pude verificar que o desenvolvimento da mesma se deu de maneira similar³¹ à brasileira, e as lutas por qualidade na educação e na educação física também. Acerca do referencial teórico, verificamos que os professores da *Universidad de la República (UdelaR)* sentiam um incômodo em relação a forma como a educação física se dava na escola, sentiam que havia algo errado com esse componente e, de acordo com Giménez (2015), um dia eles se deparam, na Universidade, com um livro do Valter Bracht, o qual discorria acerca de vários assuntos e entre eles, o que este autor entendia por educação física escolar. Os pontos percorridos por Bracht iriam ao encontro das angústias dos professores uruguaios pesquisados. Assim, este livro, ao auxiliar as reflexões acerca de como se davam essas mesmas questões no Uruguai, os instigou a buscar mais fontes teóricas, tanto no Brasil quanto em outros países, para responder a tais indagações.

O segundo país que eu pesquisei no projeto, já no ano de 2017, foi a Bolívia. Fiquei muito empolgada com essa pesquisa, pois seria mais uma maneira de conhecer acerca desse país com tanta cultura, paisagens diversas e natureza exuberante. No decorrer dessa pesquisa, me passava pela cabeça todas as questões que deveriam ser investigadas e como elas se desenvolviam nos locais onde eu conheci³². Tal processo me permitiu fazer várias viagens, só que dentro das minhas memórias e imaginações.

Encontrar os professores do curso de educação física – ensino superior –, não foi difícil, o difícil foi conseguir professores que se dispusessem a participar do estudo além de dados relativos à educação e à educação física. Uma das coisas que me chamou a atenção com essa pesquisa foi a lei educacional boliviana, Lei Avelino Siñani e Elizardo Pérez de 2010, e o seu forte discurso de descolonização, de educação comunitária produtiva, e intracultural que promovia um novo currículo para

³¹ Segundo Giménez (2013), a educação física escolar foi entendida por um bom tempo, por ideias utilitaristas e instrumentais.

³² Ao longo das minhas duas viagens à Bolívia, pude conhecer as cidades de Santa Cruz de la Sierra, Cochabamba, La Paz, El Alto, Copacabana e Uyuni e pontos turísticos como Tiahuanakco, Lago Titicaca, Salar do Uyuni, Deserto de Siloli e Reserva Nacional de Fauna Andina Eduardo Avaroa.

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

os diferentes níveis educativos e um currículo regionalizado e elaborado pelo Conselho Educativo dos Povos Originários. Normativa essa que objetivava tirar os povos originários (forma como os povos nativos se identificam), suas culturas e seus saberes, da invisibilidade, trazendo, segundo a própria lei, um modelo educativo com um caminho pedagógico próprio, baseado nos seus saberes e conhecimentos, na educação libertadora e popular latino-americana, em certas fontes pedagógicas que complementam os horizontes definidos na Lei 070, além de se basear também no modelo da escola *Ayllu de Warisata*³³ (BOLÍVIA, 2010, tradução nossa). Nesse documento, a educação física escolar é reconhecida como componente do currículo educacional em todos os ciclos de aprendizagem, situando-se no campo “*Saberes y Conocimientos Comunidad y Sociedad*” (BOLÍVIA, 2014a).

Essa normativa me trouxe um sentimento de admiração pela força que ela expressa e pela tentativa de promover respeito e reconhecimento aos povos originários, algo que eu imaginava que já ocorria, uma vez que boa parte de sua população, segundo o censo de 2012, se identifica com algum desses povos (BOLÍVIA, 2012), mas a realidade não materializava o que eu pensava.

Durante o processo de pesquisa desse país, a Bolívia, foi solicitado a escrita de um outro estudo que trouxesse as características das temáticas foco do projeto Centralidade da Cultura (cultura, qualidade da educação e da educação física escolar), mas do país Cuba, a partir daquilo que a equipe responsável pelo mesmo, já estava possuía de dados, e essa ação foi mais uma oportunidade de conhecer a realidade acerca de um outro país.

Paralelamente ao andamento desse projeto de pesquisa do grupo, ainda no ano de 2015, com as apresentações das intenções de pesquisas para a pós-graduação e por meio de debates com o grupo, surgiu a ideia de estudar, na

³³ A escola *Ayllu de Warisata* foi fundada no Departamento de La Paz em 1932 e tendo dois protagonistas, professor Elizardo Pérez (criolo liberal) e o chefe índio aymara Avelino Siñani, que juntos, implementaram uma escola inspirada na estrutura do *Ayllu* que segundo Bittencourt (2011, tradução nossa) inclui a cosmovisão aymara andina e uma estrutura social baseada fundamentalmente no princípio da reciprocidade e da vida comunitária. Esta forma de educação visava vincular a aprendizagem com a produção, utilizando a língua nativa para ensinar temas relacionados a agricultura e a mineração (BITTENCOURT, 2011; BOLÍVIA, 2014b, tradução nossa).

SIMPÓSIO
ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

dissertação, a Base Nacional Comum Curricular, mais precisamente o processo de construção do documento com foco no componente curricular, educação física. Durante o processo do meu mestrado (2016-2018), o grupo também contribuiu com debates para o desenvolvimento da mesma e isso foi muito significativo.

Entre o processo de finalização da dissertação, defesa e entrega do documento final, que ocorreu entre novembro de 2017 e agosto de 2018, precisei dar uma pausa no grupo e quando retornei, em setembro de 2018, o grupo havia iniciado um novo projeto de pesquisa cujo título é “A teoria *Physical Cultural Studies* na Sociologia do Esporte e para além dela: aportes para as subáreas sociocultural e pedagógica da educação física brasileira”, o qual está nos possibilitando outros conhecimentos que colocam o corpo no centro dos debates a partir dos campos de reflexão, segundo Silk, Andrews, Thorpe (2017, tradução nossa), contextual, transdisciplinar, teórico, político, qualitativo, auto-reflexivo e pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar, por meio desse breve relato de experiência no grupo de pesquisa corpo, cultura e ludicidade que, aos longo desses quatro anos, as discussões e debates no grupo auxiliaram os encaminhamentos da minha dissertação, que as investigações me permitiram conhecer a realidade acerca da cultura e da qualidade da educação e educação física escolar do Uruguai e Bolívia, de maneira mais específica, e de Cuba, de maneira geral e que o atual projeto, e que a teoria *Physical Cultural Studies*, também está contribuindo com novos conhecimentos. Assim, concluo que essas ações foram e estão sendo ricas e significativas para minha formação acadêmica.

EXPERIENCES REPORT IN THE BODY, CULTURE AND LUDIC RESEARCH GROUP

ABSTRACT

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

This study is an account of my experiences in the research group Body, Culture and Ludic, from the year 2015, the year I became part of it. Over the course of these four years, group discussions and debates have helped me forward my dissertation and investigations have allowed me and are allowing me access to new knowledge that has been and is being significant to my academic background.

KEYWORDS: experience report; search group; body, culture and playfulness.

RECUESTO DE EXPERIENCIAS EN EL GRUPO DE INVESTIGACIÓN CUERPO, CULTURA Y LUDICIDAD

RESUMEN

Este estudio es un recuento de mis experiencias en el grupo de investigación Cuerpo, Cultura y Ludicidad, desde el año 2015, el año en que me convertí en parte de él. En el transcurso de estos cuatro años, las discusiones y debates grupales han ayudado a mi disertación hacia adelante, y las investigaciones me han permitido y me están permitiendo acceder a nuevos conocimientos que han sido y son significativos para mi formación académica.

PALABRAS CLAVES: informe de experiencia; grupo de investigación; cuerpo, cultura y ludicidad.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, J. M. V. La influencia social de la división histórica de lo rural y de lo urbano en la organización de la educación boliviana. *Revista História da Educação – RHE*, Porto Alegre, v. 15, n. 35, p. 32-49, set/dez 2011.

BOLIVIA. Ministerio de la Educación. *Ley de la Educación “Avelino Siñani – Elizandro Perez” nº 070*. Estado Plurinacional de Bolivia, 2010.

_____. *Características de población y vivienda: Censo Nacional de población y vivienda 2012*. INE - Instituto Nacional de Estadística. Disponible em: <<http://www.ine.gob.bo:8081/censo2012/PDF/resultadosCPV2012.pdf>>. Acessado em nov. 2016.

_____. Ministerio de Educación. *Educación Primaria Comunitaria Vocacional: Programa de Estudio - Primero a Sexto Año de Escolaridad. Programas de Estudio*. Sistema Educativo Plurinacional, 2014a.

_____. Ministerio de Educación. *Educación para Todos. Bolivia: Revisión Nacional de la EPT al 2015*. Estado Plurinacional de Bolivia, 2014b.

SIMPÓSIO

ESTUDOS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA 15 anos de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade

17 a 19 de outubro de 2019 – UEM

DRAGANOV, P. B.; SILVA, M. R. G.; NEVES, V. R.; SANNA, M. C. Clube de revistas: experiência de um grupo de pesquisa. *Rev Bras Enferm [Internet]*, v. 71, n. 2, p. 477-81, 2018.

GIMÉNEZ, R. R. Educación del cuerpo y políticas educativas: de la formación superior al patio escolar. *Revista Iberoamericana de Educación (Impreso)*, n. 62, p. 107-117, 2013.

_____. Panorama da Educação física Escolar na América Latina: dimensões da cultura e qualidade na educação. Pesquisa financiada pela Fundação Araucária-PR, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade-DEF/UEM. *Reunião Institucional*. VI Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte-CIPE, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 27 agosto de 2015.

SILK, M.; ANDREWS, D. L.; THORPE, H. (EDS.). *21 Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, 2017.